Ao Exmo. Snr.

Dr. Ricardo Jorge

Off.ce

VOLCOENS DE LAMA

editor e grato amigo

E. Costa Santos

CAMILLO CASTELLO BRANCO

VOLCOENS DE LAMA

(ROMANCE)

PORTO
LIVRARIA CIVILISAÇÃO
DE
EDUARDO DA COSTA SANTOS — EDITOR
4, Rua de Santo Ildefonso, 6

1886

RASÃO DO TITULO

O RDINARIAMENTE quando, em estylo methaphorico, usamos comparar as férvidas paixoens de alguns homens aos vulcoens, a comparação vae buscar o simile ás cratéras do Etna, do Hecla e do Vesuvio. Presume-se pois que os antros do coração humano resfolgam fogo de paixoens assoladoras como os intestinos do nosso globo jorram arroios de lava candente que subvertem, devastam,

devoram, pulverisam ou petrificam toda a naturesa viva e morta que abrangem nos seus braços de lavaredas.

Todavia, ha ahi na casca do planeta paixoens humanas cujo simile não o dá o Vesuvio, o Hecla nem o Etna. É de Java que elle vem—de Java onde estuam convulsionados uns volcoens de lama que expluem o seu lôdo sobre as coisas e as pessoas, primeiro emporcalhando-as, depois asphixiando-as na sua esterqueira espapaçada.

N'este romance estão em actividade permanente, sempre accesas, as cratéras das paixoens da aldeia, tambem volcanicas, exterminadoras; mas sujas de uma porcaria nauseabunda—*volcoens de lama,* em fim.

Tal é a rasão do titulo.

I

A PODEROSA rasão que o lavrador Roberto Rodrigues oppunha para não mandar ensinar a lêr o filho, era—que elle pai tambem não sabia lêr, e mais arranjava lindamente a sua vida. Esta vinha a ser a rasão capital, reforçada por outras subalternas e praticamente bastante persuasivas.

—Se o rapaz souber lêr—argumenta-

va triumphantemente o idiota—assim que chegar á idade, ás duas por tres, fazem-no jurado, regedor, camarista, juiz ordinario, juiz de paz, juiz eleito. São favas contadas. Depois, em quanto elle vae á audiencia ou á camara, a Cabeçaes, d'aqui uma legua, os creados e os jornaleiros ferram-se a dormir a sesta de cangalhas á sombra dos carvalhos, e o arado fica tambem a dormir no rêgo. E a demais, isto de saber lêr é meio caminho andado para asno e vadio.

E citava exemplos, personalisando meia dusia de bregeiros que sabiam lêr e eram mais asnos e vadios que os analphabetos.

Quem a tal respeito questionava muito com o Roberto Rodrigues, de Val-Redondo, era o seu compadre, um reitor do concelho de Gaya, padrinho do rapaz. A calumnia malsinava este clerigo, mordiscando-lhe a reputação com o proloquio—*fazel-os e baptisal-os;* e, valha a verdade, nunca o anjo da innocencia se viu tão em pancas

para desmentir um accidente cazual que parecia rico trabalho da natureza, um exemplar perfeitissimo de hereditariedade morphologica; e não desmentia nada — que é o peor — quando o anjo candidissimo da pureza conspurca as suas azas em immundicies das alcovas conjugaes.

O menino Arthur parecia-se tanto com o padrinho que até, n'uns mexericos protervos, as linguas naturalistas da freguezia lhe chamavam o *padre-pequeno*, e ao pai legitimo chamavam-lhe o *cuco-grande*. Chalaças brutas d'aldeia que, transplantadas para a cidade e rendilhadas de estylo figurado, podiam ser citadas como exemplos de *humorismo* portuguez — uma especialidade que se dá na nossa terra como as batatas; e nós, em vez de exportarmos, importamos batatas do Val de la Mula e espirito do *Figaro* e do *Chat Noir*.

O vigario era d'aquelles sitios, bacharel em theologia, prégador romantico, com

bastantes lettras e temperamento calidamente sanguineo. Um volcão. Contavam-se explosoens d'esse temperamento vesuviano, que repercutiram outras explosoens, precedidas de phenomenos que a obstetricia não desconhece e nos dispensam de accreditar nas geraçoens espontaneas. Creio que n'estes dizeres transpuz os limites da candura nas azas do Pudor,— o moderno pudor alado com *p* grande, que pertence á volateria rara, de arribação, como as garças reaes e os mergulhoens do norte.

O certo é que, a final, explosiram tambem contra o padre dous ou tres lavradores de uma intransigencia bestial; e então o theologo, Hilario Tavares, aliando a prudencia á sabedoria, sahiu da terra e foi apascentar um rendoso rebanho nas cercanias do Porto.

O lavrador Rodrigues de Val-Redondo não foi um dos dois ou tres refractarios á civilisação das aldeias. Permaneceu leal ami-

go do padrinho de seu filho; e, todos os annos, por occasião da festividade do orago, hospedava quinze dias o compadre que prégava gratuitamente o sermão; e assim, no decurso de dez annos, graças ao desinteresse do seu talento parenetico, grangeara o prégador rehabilitado a bem-querença dos seus conterraneos.

Dez annos contava tambem o Arthurzinho, filho unico do lavrador abastado, e não ia ainda á eschola. Contra o costume dos rapazes, era elle quem pedia ao pai que o deixasse aprender, por que tinha vergonha dos outros môços que estudavam a doutrina christan pela *Cartilha*.

Não ousava o pai refutar impiamente a conveniencia da doutrina christan; mas allegava que bom catholico era elle, e mais nunca aprendêra a doutrina pela *Cartilha*. E, com uma grande jactancia, desenrolava torrencialmente tudo o que sabia, misturando os *Peccados mortaes* com as *Obras de*

Misericordia, e os *Inimigos d'alma* com as *Virtudes theologaes*. Ainda assim sabia muito mais do christianismo do que ahi qualquer bacharel-formado capaz de inventar uma religião.

Acolhia-se o rapaz ao padrinho como empenho para o pai. A lucta durou tres annos, até que emfim o lavrador consentiu que o filho fosse apprender a lêr na companhia do compadre.

O discipulo era habil, e o mestre educava-o com amorosa vigilancia, um zelo extremoso, aligeirando-lhe a tarefa das liçoens com palestras pedagogicas adquadas a facilitarem ao môço a intelligencia dos pontos difficeis. Assim lhe ensinou portuguez, latim e francez no espaço de oito annos, ao fim dos quaes o padre Hilario morreu no vigor da idade.

Tencionava o reitor mandar o afilhado para Coimbra e formal-o em direito á sua custa, visto que o lavrador se recusava per-

tinazmente a dar as mezadas.—Quero em casa o rapaz; (disia nas cartas) doutores que os leve o diabo!

O padrinho não podéra legar-lhe o patrimonio, porque era vitalicio e reversivo a sobrinhos; deixou-lhe, porém, tudo quanto podia: algumas dusias de moedas em crusados novos, a egua, muito boa estampa, um colmeal com 55 cortiços, os aparelhos de pesca e caça muito valiosos, e a sua livraria composta de classicos latinos e portugueses, alguns sermonarios franceses, e as obras completas de Eugene Sue e A. Dumas. Tambem tinha o *Cavalheiro de Faublas*, e o *Victor ou o Menino da Selva*, obras de sensação, impressionistas.

Foi Arthur Rodrigues para a companhia dos pais. A mãe revia-se pasmada nos geitos afidalgados do filho, a bizarria da sua roupa feita no Porto e na ultima moda, a lindeza das suas fallas, as graves maneiras que impunham respeito aos rapazes

da sua creação. O pai achava-o assim a modo de *pronostico*, muito patarata com as raparigas, não se importando com as cousas da casa, rindo-se das palavras grosseiras d'elle, chamando bêsta a toda a gente; que não dava importancia aos parentes, e olhava de revez e com engulho para os velhos trastes da casa. Que, um dia sim outro não, — queixava-se o pai — montava a egua que lhe deixára o padrinho, e ia para a Villa da Feira ou para o Porto sem pedir licença. Que das 60 moedas que herdára ninguem em casa lhe vira as cruzes de doze vintens, e que lá as andava derretendo bem sabia o diabo por onde. — Não t'o disse eu? — apostrophava á mulher — não te disse eu, Balbina, que o rapaz se faria bregeiro e vadio assim que aprendesse a lêr? Agora ahi o tens; pega-lhe c'um trapo quente. Aquelle está prompto, sim, senhores! Um malandro acabado! Elle faz de conta que eu cá estou a trabalhar como burro para lhe au-

gmentar a caza. Anda por lá na gandaia; mas quando se lhe acabar o arame do padrinho, que venha cá. Está servido o tal janota de...—E fallava estercorosamente como Victor Hugo escrevia em certo livro.

A mãe do janota limpava os olhos no avental, e sentia-se por dentro roída de certos remorsos. Receava grande tormenta eminente na sua vida como castigo de qualquer delicto que as visinhas sabiam melhor do que nós. Andava scismatica, a pensar em fazer uma confissão geral, penitenciar-se para desarmar as coleras divinas.

*

Ora, as 60 moedas do defuncto reitor esgotaram-se no fim de seis meses.

No decurso d'este meio anno, Arthur Rodrigues Tavares (appellidava-se *Tavares*, em memoria de seu saudoso padrinho) namorara-se de sua prima Dorothea, do Cras-

to, uma rapariga esvelta, alva de neve, com o rosto rosado que parecia uma taça de creme em que boiasse uma roman aberta. Era a flor dos concelhos de Fermedo e Arouca, amada a um tempo por lavradores ricos, pelo juiz eleito, por varias auctoridades, pela junta de parochia—amavam-na todos, incluindo bachareis formados. Mas o juiz eleito, o José da Silva Rato Junior era o mais resistente rival que se antepunha ao Arthur Tavares.

Rato Junior havia sido o predilecto de Dorothea até ao momento em que ella viu o primo Arthur de lusentes botas d'agua com pratelleira, cavalgando a nervosa egua que fasia *piaffés* e curvetas, obedecendo á pressão dos joelhos do cavalleiro. Um deslumbramento!.. um fulminante corisco d'amor, afogueado na forja da sciencia; porque Dorothea sabia lêr, e relia pela quarta vez com muitos suspiros os *Amantes desgraçados*, tradusidos do francez por *Altina*, e *Ar-*

minda e Theotonio, novella portugueza por *Eliano Aonio.* Não obstante a corrupção alastrada por estas leituras, a infeitiçada môça chegou a fazer promessas importantes á Senhora dos Remedios, se a curasse da sua paixão pelo primo. O Rato fazia-lhe uma pena que era mesmo despedaçar-se-lhe o coração. Elle já a tinha pedido ao pai, o João Canastreiro que prometteu dotal-a com 200$000 réis e mais os cordoens da mãe que pesavam 25 moedas. O juiz eleito não era rico; mas tinha uma tia amigada com um juiz do Supremo tribunal, muito velho, e esperava herdar d'ella quinze mil crusados, para cima que não para baixo, em terras no concelho de Fermedo que o dēsembargador lhe deixava em testamento á tia. Além d'isso tinha um irmão administrador do correio, outro era tabellião, um primo vereador; e outro primo, que estudara no Porto para architecto, era substituto do juiz de direito e despachava autos.—Boa

familia a do José Rato; e elle tão relacionado que um governador civil de Aveiro, pernoitando em Arouca, o mandara chamar para a cavaqueira.

E um noivo, n'estas circumstancias excepcionaes, bastou um relance magico d'olhos, uma negaça e talvez um beijo perturbador para o volatilisar do intimo de Dorothea, e inlouquecêl-a tão sem remedio que a pobre rapariga imaginava-se victima de bruxêdos.

Ora o primo Arthur tinha 18 annos e era um guapo rapaz.

— Parece-se muito com o pai — disia a Rosa do Bentes, no adro, quando elle sahia da missa.

— Com qual pai? — perguntava a Josefa do Tamanqueiro.

— Com qual pai hade ser? com o padre Hilario, que eu conheci quando era novo como agora é o filho. E' o padre escarrado — tal qual, e não lhe conheço outro pai que eu saiba.

N'um grupo á beira, cochichava a Maria Leitôa:

— A Rosa do Bentes está alanzuando que conheceu o padre quando elle era novo... Ora se conheceu...

— E de mais... — confirmava a Brigida Ruiva — Reparem vocês na cara da filha d'ella, na Apolinaira, a cara do snr. Arthurinho e do padre João como quem a pintou.

— Calaide-vos, calaide-vos! — interveio a tia Luisa da Loja-nova — O padre já lá está a contas com Deus, e vós aqui á má lingua! E' um grande peccado mexer nas cinzas dos mortos, ouviram, suas desbocadas?

Não foi baldada a admoestação da tia Luisa. O grupo das más linguas amnistiou o morto, e desforrou-se nos vivos. Contaram então que o José Rato andava como a cobra que perdeu a peçonha; que o cazamento estava desfeito, por que a Dorothea, desde que o primo lá fôra de visita, aquillo

*

foi como a doninha com o sapo; que parecia mesmo uma cabra doida de cio; não fallava senão no seu priminho, e tivera o ousio de dizer á mãe que não queria o Rato, e seria mais facil malhar a um pôço que cazar com elle. O juiz eleito, quando soubera isto, esteve muito mal da maquina interior, com flatos; depois, botara as unhas a uma espingarda para ir matar o Arthur, de Val-Redondo; que custára muito a ter mão n'elle; e que, afinal de contas, lhe pegára uma febre que o tivera de cama; agora já andava por seu pé, mas estava muito escanifrado, um *escalêto,* e não ia longe.

No grupo houve quem esclarecesse pontos menos lucidos da noticia. Uma visinha e amiga da Dorothea affirmou que o Arthur entrava, noite morta, por uma janella em casa do Canastreiro, e sahia ao romper do dia com espingarda e cinturão de caçador.

Foi a primeira vez que d'um grupo d'aquella especie não explosiu calumnia.

Tinham dito verdade, extrema, crystalina, sem nodoa de detracção aleivosa. O afilhado do padre, com effeito, entrava por 11 da noite, e ao raiar da aurora, quando os negros melros assobiavam, sahia de casa do Canastreiro, com o dedo no gatilho da clavina, olho perspicuo, e o dorso derreado, rente com as paredes altas para defender a cabeça da pontaria traiçoeira do juiz eleito.

Estas entradas e sahidas, segundo posteriores e verosimeis informaçoens da visinha, passados dois mezes, repetiam-se com menos frequencia: uma vez, por semana, quando muito. A visinha, por amor do romance vivo e da historia dos usos e costumes da sua freguezia, passara más noites de vigilia, com o nariz collado á fisga de um postigo, a ver se o Arthur trepava á janella da Dorothea. Afinal, ao quarto mez, as noites de dezembro frigidissimas e nevadas explicavam a ausencia do caçador. A curiosidade da visinha esfriou tambem,

visto que, durante o janeiro todo, em pesquizas de amores nocturnos, apenas descobrira, no telhado de Dorothea, algumas mancebias de gatos n'um phrenezi de berros doloridos. Resta, porém, a mais instructiva das averiguaçoens da denunciante:—Ao quinto mez, dizia ella—Dorothea não sahia de casa nem se mostrava a ninguem.

*

Se alguma vez a ordem das coisas sublunares evolutiu com a maior naturalidade foi então.

Arthur Tavares viera algum tanto infeccionado dos ares pestilentes do concelho de Villa Nova de Gaya. Terçara as primeiras armas n'uma povoação chamada a *Rasa,* famosa como alcouce ao ar livre, de mulheres de nalgas maciças, com umas convexidades vibrateis, de pernas opulentas, d'uns requebrados arremêços no pizar e

bater da chinella gaspeada que parecem marcar a marcha da sua desfaçatez ao som de um hymno triumphal. Temiveis demonios! mulheres de tremer! flores de esterqueira que eu tenho visto na *boutonière* das melhores cazacas!

Foi ali pela Raza que o estudante noviciou no amor, quando o padrinho o deixava ir á caça das codornizes e das lavercas. Além d'isso, elle tinha relido e digerido o *Cavalheiro de Faublas* que encontrára entre a *Summa* de S. Thomaz d'Aquino, e o *Sancto Antonio, Racional da Graça*, collecção de sermoens do padre Antonio de Escobar. *Estava prompto,* como dizia o pai inconscientemente.

A primeira mulher impolluta e ingenua que lhe acceitasse a côrte estava irremediavelmente abysmada. Menina candida, que respirasse o halito mephitico d'este homem, devia morrer asphixiada como avesinha que adejou por sobre os lagos Aver-

nos. Para conjurar o maleficio dos infe-
ctos d'esta peor especie não ha senão o pro-
phylatismo do cacête.

Cahiu a sorte negra na infausta noiva
de José da Silva Rato Junior. Se o pudor fe-
minil resistiu ás primeiras investidas do las-
civo primo, essa resistencia foi vencida pe-
la promessa de remediar o peccado com o
sacramento, logo que esse acto se fizesse
necessario para legitimar o escandalo.

Mas o escandalo, supremamente natura-
lista, principiava a gritar do fundo das en-
tranhas de Dorothea, por maiores esforços
que ella pozesse em o suffocar com espar-
tilhos que lhe adelgaçassem a cintura e com
sobrepostos saiotos para lhe arredondar as
ancas. A mãe não podia já illudir-se, e o pai
começava a reparar na magresa desmaiada
da rapariga e nas mal enchutas lagrimas da
mulher.

Entretanto, Dorothea prostrava-se de
joelhos aos pés do primo a pedir-lhe que a

recebesse, que a recebesse e a matasse depois, se ella lhe desse algum desgosto.

O Arthur não se esquivava ao cumprimento da sua palavra; — que sim, que havia de cazar com ella, tão depressa obtivesse licença do pai — o que não tardaria por andarem mettidas n'esse negocio pessoas respeitaveis.

Principiaram então a rarear as vizitas, inutilisando a espionagem da visinha. Metteu-se o novembro muito frio, grassavam as catharraes, os caminhos eram lamaceiros absorventes, intransitaveis, e o primo Arthur Tavares tinha de patinhar tres quartos de legua para assistir cheio de tedio a uma scena de lagrimas, e de mais a mais arriscado a levar quatro ripadas do tio Canastreiro ou dois zagalotes do José Rato. Ella ia vivendo. O seculo de Phaon ia já muito longe; e por aquelles sitios os Leucades de lama apenas estavam infamados por naufragios de burras de molei-

ros. Suicidios de Saphos não constava nenhum.

Não era preciso ter lido o *Faublas* para, nas noites tempestuosas de fevereiro, preferir o aconchêgo dos seus cobertores de papa ás caricias deplorativas de Dorothea que ás duas por tres: «Caza comigo, primo do meu coração, caza comigo, se não eu pego e engulo trez caixas de phosphoros!» E nunca pegava nem engulia se quer uma caixa!

Arthur, lido bastante em Sue e Dumas, tinha sufficiente erudição critica para sentir o supremo ridiculo das caixas de palitos phosphoricos de José Osti. Já o enojava aquella ameaça repetida sempre na mesma incorrecção afflicta. *Pego e engulo*, disia elle comsigo. Achava incorrecta a grammatica da phrase. Ora, quando um amante saciado principia a esgaravatar solecismos e barbarismos na declamação da mulher que o adora, essa mulher está perdida para todos os effeitos.

O escandalo, a final, manifestava-se, grande, espherico e visivel, sem o telescopio do selenógrapho lord Rosse, como a lua-cheia, a casta Diana.—Bem comparadas coisas! O pai de Dorothea entrou no segredo da mãe quando o facultativo chamado á força, contra a vontade da inferma, declarou que a rapariga não estava hydropica, como a boa mãe conjecturava, por obsequio á moral.

—Aquillo não é nada—dizia o medico—Antecipou-se, é o que foi.

—O quê?!—perguntava o pai esbugalhando uns olhos congestionados de projectos homicidas.

—Antecipou-se ao 7.º sacramento. Tudo se remedeia. A natureza fez a mulher que é carne putrecivel, e a Egreja fez o sacramento que é o sal da carne em risco de apodrecer. Você percebe-me?

—Acho que sim: o snr. doutor quer dizer na sua que a rapariga...—E fez com

as mãos enormes e convexas uma especie de cupula sobre o estomago.

—Ora ahi está: é isso. Deu no vinte. Agora é cazal-a, meu homem, é cazal-a com o sujeito que...—E fez tambem com as mãos uma cupula sobre o estomago, errando mais palmo menos palmo a topographia do phenomeno em questão.

Tinha muita pilheria este medico, e editava sempre uma chalaça nova para o diagnostico e prognostico de cada hydropisia que lhe apparecera d'aquella casta; e, como os casos analogos se multiplicavam cada vez mais nas doze freguezias que elle medicava, era preciso ter fertil imaginação para se não repetir. D'esta vez o que lhe valeu foi a cupula,—um plagiato; a originalidade da mimica era do Canastreiro,—tenha paciencia o doutor.

II

As mães de Dorothea e do Arthur eram irmans. Não se davam e raras vezes se viam. A Quiteria, mulher do João Canastreiro, casára contra vontade do pai que a redusiu a miseravel dote, beneficiando a mulher do Rodrigues. Começou d'ahi a indisposição, que se azedou quando a Quiteria, que era honesta, reprehendeu Balbina infamada pelo

seu adulterio com o padre. A irman nunca lhe perdoou o atrevimento de intrometter-se na sua vida, calumniando-a de mais a mais. Quiteria soffreu honradamente o insulto e o desprezo. Evitava-a quanto podia; e, se o marido a convidava a ir a caza da irman, tinha sempre doença que a impedia.

Quando o sobrinho a vizitou, dizia ella que lhe palpitára grande desgraça; e, se o não expulsou de sua caza, foi por que julgou realisar-se sem demora o casamento apalavrado da filha com o Rato. Depois, quando viu Dorothea apaixonar-se até á loucura pelo primo, já não pôde cortar violentamente as relaçoens de parentesco sem expor a filha á maledicencia e talvez ao suicidio.

A pobre mãe adorava a sua filha. Não tinha outra. Confiava muito nas suas oraçoens a uma esculptura de sancta Rita que a tinha favorecido repetidas vezes com uma condescendencia infatigavel em crizes de

enormes angustias como fôra a febre typhoide do marido, a episootia do gado vaccum e outras doenças graves das ovelhas e dos cevados, tudo restituido a uma perfeita saude por sancta Rita. As lagrimas e a fé com que esta mulher se ajoelhava áquelle páo canonisado, não podiam deixar de commover a Providencia que suggeriu na treva da dor humana a luz da oração. Eu, de mim, creio que Deus, auctor das angustias d'alma e corpo, deve ter creado tambem algum anodyno que as mitigue. E, se não é a oração, que hade ser? Para as nevralgias do corpo, os valerianatos, o curare, a morphina, a cocaina, a belladonna, os anesthesicos; para as agonias do espirito, o linimento balsamico da oração, a esperança do remedio extra-terrestre, a confiança n'uma alta potencia moderadora dos castigos infligidos pela sua divina lei. Os anesthesicos, a fricção da therebenthina, as injecçoens hypodermicas, ás vezes, são inefficazes como as ora-

çoens. Não importa. O desgraçado rese e friccione-se sempre. Appelle para Deus da propria pharmacologia; e, quando as injustiças crueis d'este planeta o acalcanharem, vá perdoando sempre aos seus devedores, —não preferindo antes executal-os—para que Deus Nosso Senhor lhe perdôe... a desgraça de ter nascido. Mas, se ha ahi desamparado que nenhum alivio experimentou orando, antes de negar a existencia de Deus, procure-o. Vá sosinho. Suba aos espigoens das montanhas, ou desça aos reconcavos dos despenhadeiros. Isole-se; procure-o ahi, e espere-o. O mais efficaz narcotico para um cerebro convulsionado é a solidão. Quando se sentir penetrado de uma serenidade humilde e reportada como a paciencia, ahi está Deus. Ou isto, ou a sancta Rita da mulher do João Gaio. Ou a conformidade de Sylvio Pellico ou as peregrinaçoens á Virgem do Sameiro. Em pathologia psycologica não ha mais nada.

*

Assim que suspeitou do projecto decisivo do marido, Quiteria muito assustada, foi onde á irman, e avisou-a de que o Arthur, se não casava logo com sua filha, ou morria ás mãos do seu homem, ou teria de matar o pai da infeliz que deitou a perder. Balbina que já andava scismatica e espavorida de ruins agouros, ficou estarrecida com a noticia da gravidez da Dorothea e das intençoens de seu cunhado que tinha fama de muito máos figados. Prefigurou-se-lhe o seu Arthurzinho morto, e a justiça do ceo a punil-a no fructo do adulterio. Pediu á irman que tivesse mão do marido em quanto ella cogitava a maneira de remediar o mal. Que esperava conseguir que o filho cazasse com a prima e que seu marido não se oppozesse.

Esta determinação, ao que parecia, foi-

lhe arrancada pelo mêdo do perigo, e não por sentimentos honrados. A rica lavradeira, quando até áquelle momento scismava no casamento do seu filho unico, pintava na fantasia para nora alguma das herdeiras mais abastadas da comarca, e não achava dignas d'elle mais que uma ou duas das meninas educadas na cidade, senhoras propriamente ditas. Repugnava-lhe agora ver o seu rico filho casado com a filha do João Gaio, cujo começo de vida fôra vender canastras nas feiras e capar porcos por caza dos lavradores; mas, por outro lado, a sua consciencia, amedrontada pelo crime, aliviava-se de grande pêso, conjecturando que Deus lhe receberia esse acto humilde de virtude em desconto dos seus peccados — e assim ficariam as contas saldadas com a justiça divina. Interrogava a este respeito a imagem de varios sanctos, cujo silencio exprimia o seu bom senso, esquivando-se a figurar em negocios tão melindrosos de familia.

Primeiro, intendeu-se com o filho. Depois de reprehendel-o pelo peccado, admoestou-o com exhortaçoens pias a remediar o erro, cazando com sua prima, que a isso o obrigava a religião de Nosso Senhor Jesus Christo. Arthur escutou-a glacialmente e respondeu com um sorriso de cynico e um encolher de hombros—synthese de toda a philosophia de Faublas. A mãe estremeceu vibrada por uma reminiscencia muito dolorosa: pareceu-lhe ver o riso sardonico e o erguer de hombros do padre Hilario quando ella, uma vez, exclamava que se mataria, se elle a deixasse por causa de outra. Apertado pela mãe, o rapaz explicou o sorriso impudentemente:—que não cazava com Dorothea nem com outra ainda que ella fosse princeza, porque era muito novo e precisava da sua liberdade para seguir uma carreira. Que estava resolvido a seguir a vida militar, visto que o pai não lhe dava as mezadas para a formatura. Re-

plicou a mãe que o Canastreiro jurára matal-o ainda que o fosse procurar ao inferno. O janota redarguiu pimponamente que a pontaria do Canastreiro não era melhor que a d'elle—que estava ás suas ordens. Balbina debulhou-se em copioso pranto: —Ai! filho da minha alma! ai! filho do meu coração!—e estreitava-o ao peito com a estremecida angustia de mãe que se abraça ao seu amado em perigo de vida. Rogava-lhe de mãos postas que casasse com a prima, que não condemnasse a sua alma; que, se o não fazia por amor á pobre rapariga, que o fizesse por temor de Deus. Elle sentiu-se tentado e habilitado para convencer a mãe da auzencia de Deus tanto em cazamentos como em mancebias; mas desdenhou a victoria com quem lh'a não podia disputar.

Com o intento de resalvar o filho da vingança do João Gaio e esperar que o tempo conjurasse o perigo, pediu Balbina

com muitas lagrimas a Roberto que mandasse o Arthur para Coimbra, e contou-lhe tudo. «Se elle com poucos estudos já é tão patife que deshonrou a prima e não quer cazar com ella, que fará quando fôr doutor?» Esta refutação do analphabeto Roberto Rodrigues é a condemnação da instrucção primaria como inutil para se pensar e exprimir com acêrto. Ha homens sem ressaibo de lettra redonda nos quaes Deus incute infusoens de logica. Elles dão ares de sahir do Cenaculo a evangelisar conceitos immortaes. Sim, meu velho Rodrigues! se aquelle patife com um pouco de francez de Laplace e algum latim de Tito Livio, ainda estranho á Rhetorica do Cardoso e á Logica do dr. Doria, deshonrava a prima com perfida promessa de cazamento, que faria depois, ao sahir do pôço da sciencia, a escorrer pus de corrupção e pandectas de todo elle, á proporção da sabedoria? Fizeste muito bem, honrado lavrador, em castigar as-

sim o filho do teu compadre — fizeste muito bem!

Facil é de ver que o sentimento paternal tinha esfriado muito no coração do velho. Parece pois que a voz do sangue não gritava, e que a natureza, nem sempre amordaçada pela lei absurda que faz os pais demonstrados pelas nupcias, *nuptiæ demonstrant*, estava protestando, no desamor de Roberto, contra o sophysma d'aquella progenitura de coito damnado. Só assim se explica o desabrimento com que elle respondeu á ameaça de ser soldado, communicada pela consternada mãe: «Vai melhor para o quartel que para os estudos. Lá na tropa é que se ensinam os tratantes. Deixa-o ir com dez milheiros de diabos.» Balbina ouvira isto aterrada, silenciosa, e dizia talvez de si comsigo: «Bem se vê que não é teu filho...» E, depois, relatando a resposta ao filho, Arthur prorompeu em insultos ao apocrypho auctor dos seus dias: — que era

um ginja estupido como uma tranca, um pedaço de asno, uma bêsta quadrada. E a mãe, ouvindo isto, aterrada e silenciosa, diria de si comsigo: «Bem se vê que não é teu pai...»

*

Apesar da illimitada confiança que Arthur, caçador de lavercas, posera na sua mira, acautelava-se de dia, e não sahia de noite. A mãe não o largava; e assim que elle punha pé fora de casa, ahi estava ella de joelhos a implorar vigilancia ao anjo da guarda de seu filho.

Uma noite recebeu Arthur um bilhete de Dorothea em que as lagrimas eram tantas que deliam e aguavam a tinta. Pedia-lhe que se sumisse, que fugisse para longe, porque eram dois á cata d'elle para o acabarem—o pai e o Rato. Concluia por lhe perdoar a sua desgraça, e só lhe rogava que

não abandonasse o seu filho, se elle chegasse a nascer.

Isto, se não era commovente, era sério pelo que respeitava á pancadaria. O cauto Nemrod de codornizes enfardelou o seu fato, não deu satisfaçoens ao pai, e confidenciou deslealmente á mãe que ia até ao Porto passar algum tempo até abonançar-se a tormenta. Ella applaudiu a resolução e deu-lhe os seus melhores cordoens de ouro para que os vendesse, sendo preciso. O que ella já agora queria era ter o seu filho vivo e resguardado de perigos, embora o não visse.

Tinha elle, no concelho de Villa Nova de Gaya, os 55 cortiços de abelhas que lhe deixára o padrinho. Com o producto do colmeal e da egua, afora os cordoens, habilitou-se para iniciar a carreira das armas longe da sua terra e do alcance dos bacamartes do João Gaio e do juiz eleito. Como tinha alguma leitura das chronicas

aziaticas de João de Barros e Diogo do Couto, pensava em ir para a India. As suas ideias a respeito do mechanismo militar e da organisação social portugueza, em 1844, abonavam-lhe a esperança de ir á Azia e regressar de lá com os louros dos Castros e Albuquerques para intupir de assombro os Canastreiros e os Ratos.

Disseram-lhe no Porto que não podia ir militar no oriente sem sentar praça aqui e transferir-se depois para as guarniçoens ultramarinas. Aceitou o alvitre, e foi para a côrte, onde jurou bandeira em um regimento de infanteria. Fez-se estimar por distincção de figura, aceio, correcção de maneiras, submissão á disciplina, phrases elegantes e uma certa illustração que os officiaes lhe admiravam. Elle era unico em lingua franceza no regimento, e quanto a latim não haveria outro no exercito a não ser o marechal Saldanha.

Poucos mezes depois sahiu n'uma ex-

pedição para Goa com as divisas de 1.º sargento. Na vespera do embarque escreveu á mãe a primeira carta. Dava-lhe parte da sua ida para a India como official inferior, e esperava achal-a viva quando voltasse gloriosamente á sua patria.

A mãe não recebeu tal carta. O José da Silva Rato, cujo irmão era administrador do correio, subtrahiu-a. Tinham indagado muito tempo sem resultado o esconderijo do seductor, elle e o pai de Dorothea, confederados no plano de o matarem. Esperavam uma carta dirigida á familia que os orientasse. Nunca chegara alguma ao correio de Fermêdo, até que, decorridos quatro mezes, houveram á mão essa que abriram, leram e rasgaram.

Balbina, a despeito do marido, tinha ido ao Porto procurar o filho. Ameaçavam-na já uns preludios de mania. Passeava as ruas do Porto, ao acaso, a ver se topava o seu Arthur. Não conhecia ninguem que a

dirigisse e auxiliasse. Viam aquella mulher a chorar parada na Ribeira, na Praça Nova, na Cordoaria. Perguntavam-lhe o que tinha. Respondia que procurava o seu filho, dizia o nome e a naturalidade. Ninguem o conhecia nem se interessava em descobrir um rapaz de vinte annos,—um pandego provavelmente, fugido da massada da aldeia, e perdido n'aquella Paris, talvez no boulevard dos Tintureiros ou no boulevard da Viella da Neta. E os transeuntes, que ouviam aquella mãe lamentosa, iam cuidar dos seus negocios, dizendo-lhe consoladoramente: «Vá para sua caza, mulherzinha, que o rapaz, em se lhe acabando o bronze, lá o tem.»

Regressou muito desgraçada, muito envelhecida, ao fim de oito dias, quasi sem alimento, nem somno, nem descanso. O marido encarou-a espantado: «Que deabo tens tu, mulher?! Parece que trazes da cidade mais 20 annos! Não topaste o filho por

lá? Deixa-o com a breca! O bem que elle te quer a ti é como se vê. Nem uma carta! Pois paga-lhe na mesma moeda, minha laverca! Faz de conta que morreu, que eu ha muito que fiz o mesmo.»

—Não fallarias assim se elle fosse teu filho...—diria ella no secreto da sua consciencia atribulada.

D'ahi a pouco entrou pela mystica fervorosamente. Ia confessar-se e commungar a outra freguezia todas as semanas. Morava ahi um egresso franciscano de muita fama, com a caza sempre, desde o apontar da manhan, n'um assedio de beatas encapuchadas, com as mãos cruzadas sobre o peito, cabello á escovinha e o terror do inferno nos olhos espavoridos. Algumas escabujavam com hysteria na egreja; outras, prostradas de borco sobre as campas, faziam pyramides sem vertice, cones troncados, com o lombo e partes subjacentes. O egresso, fr. Joaquim da Cruz Sagrada, era um virtuoso,

intelligente, discipulo conventual de fr. Manoel do Cenaculo, valetudinario, austero comsigo e indulgente com os outros, muito triste, cheio de saudade do seu cenobio e da sua pobreza. Vivia como um professo, sempre amortalhado no seu habito, por baixo do capote de cabeçoens, para não irritar a lei de Joaquim Antonio d'Aguiar que o mandára despir o habito e morrer nu, de fome e de injurias. Soffria até ás lagrimas, quando as consciencias das suas confessadas se abriam como ventres putridos prefurados por turbilhoens de vermes.

Assombrava-o a libertinagem das aldeias, a depravação das adulteras crucificadas em remorsos quando começavam a envelhecer, estafadas de vicio e com as carnes moidas. Esquivava-se, quanto a religião lhe permittia, de ouvil-as, por que duvidava da sinceridade da contrição. Intendia que a corajosa desvergonha de se confessarem era o impulso instantaneo e violento de um ter-

ror das penas eternas que não podia permanecer salutarmente. N'aquelle cerebro e coração cancerados não podia entrar intendimento novo nem alma regenerada. Lembravam-lhe as palavras do Divino Mestre no Evangelho de S. Matheus: *Ninguem deita remendo de panno novo em vestido velho... Nem deitam vinho novo em odres velhos, aliás rebentam os odres e se vai o vinho.* (Cap. IX, v. 16 e 17.) É que algumas peccadoras muito chorosas, rojando a sua penitencia em joelhos á volta da egreja, e depois reincidentes com o velho despejo, entibiaram-lhe o zelo ingenuo, afroixaram-lhe a energia com que se arremeçára, abroquellado de armas divinas, de encontro ao espirito do mal. Vencido, não duvidou da interferencia de Deus nos actos penitenciaes; mas viu em si um soldado fraco para tão formidaveis combates. Retirou-se do confessionario algum tempo, e ungiu-se para a peleja com o balsamo da oração humilde,

pedindo a Jesus Christo uncção apostolica. Ora as mulheres não o deixavam. Era um alarido de choradeira á porta do padre e na egreja. Algumas velhas pediam exorcismos para as filhas possuidas do demonio. As obsessas eram as filhas; que o ratão do deabo não se ajoujava aos corpos escalavrados das mães, e mais já tinha entrado, por sua propria vontade e a pedido, como é notorio, em uma grande vara de porcos que se affogaram de escantilhão no mar—os innocentes porcos! Pois fr. Joaquim não exorcismava, por ter para si que eram sufficientes as más paixoens humanas para destemperarem os nervos das energumenas, e regeitava como superflua a collaboração sobrenatural dos espiritos rebeldes n'aquellas doenças mentaes.

Havia ali perto, em Romariz, certa mulher dentro da qual fallavam as almas dos defunctos. Era a Joanna Gaia, a Toqueriné de alcunha, irman do João Canastreiro. Era um

corpo-aberto ou *caza-aberta*, como lá chamam a esses domicilios excepcionaes, pela facil entrada que as almas penadas acham n'aquelles latrinarios arcaboiços. Os defunctos serviam-se da lingua da Toqueriné para reclamarem suffragios, oraçoens, restituiçoens de roubos e o perdão dos vivos prejudicados na honra ou na fazenda. Sería uma boa instituição social duas d'estas mulheres em cada freguezia urbana, aggregadas ao commissariado da policia, se os *corpos-abertos* exercessem as suas funcçoens com algum criterio; mas a Toqueriné éra facciosa, ruim como as cobras, muito venal, e alugava o corpo a qualquer defuncto por 3 ou 4 pintos. O esclarecido egresso nunca admittiu esta mulher ao tribunal da penitencia, por consideral-a, não perversa, mas mentecapta, sem a intelligencia lucida requerida para o acto sacro-sancto da communhão; e lastimava que as auctoridades civil e ecclesiastica não recolhessem aquella pobre creatura sandia

a um hospicio de alienados. Que boa fé e candura de sancto!

*

Entre as suas filhas espirituaes havia uma que o confessor admittia todos os sabbados e tratava com extremada caridade. Era a Balbina de Val-Redondo.

N'esta mulher vira o egresso a dor sincera justificada pelo remorso do delicto com a cumplicidade de um presbytero. O velho franciscano chorava, como se contribuisse, chorando, para a expiação dos crimes da sua classe. Não era a perversão dos nervos vibrados pelo dynamismo da estupidez superstíciosa que atormentava aquella penitente. O filho convertera-se-lhe em expiação, quer o considerasse vivo e cruamente ingrato, quer assassinado occultamente. Como filho do crime, constituira-se na mão de Deus o flagello incessante do seu cora-

ção de mãe, ou a tortura sem repouso da sua consciencia de mulher casada. Não accreditava que Deus lhe houvesse perdoado em quanto lhe não restituisse o filho. O inferno de o perder queimava-lhe o corpo e a alma; o outro inferno d'alem-tumulo quasi que a não preoccupava. Para esse iria ella voluntariamente, se lá estivesse o seu Arthur. O frade ouvia isto assombrado, abria os thesouros da misericordia divina, e garantia-lhe a salvação na outra vida e um resto de velhice socegada n'este mundo, depois das mortificaçoens da penitencia. Ella expiava com resas, com jejuns, cilicios, humildades abjectas ao marido, esmolas excedentes aos seus recursos. Chegava a vender a occultas do homem rasas de milho e cantaros de vinho para beneficiar sanctos dos altares com cêra para os castiçaes e azeite para as lampadas. Pagava missas hypotheticas por alma do filho; e achava clerigos que as resavam condicio-

nalmente, asseverando que, se elle estivesse vivo, nada se perdia antes ganhava, por que *a candeia que vae adiante é a que alumia melhor* —um anexim que desafina bastante da sagrada solemnidade do sacrificio incruento.

Começava o egresso a suspeitar da sanidade intellectual da sua confessada, a desconsolar-se, a descrer da efficacia das suas exhortaçoens de esperança e confiança na piedade divina. Balbina entrava-lhe espavorida em casa, enchugando as bagas de suor confundidas com o fio das lagrimas, e a bradar que a perseguia uma visão, na escuridade e á luz do sol, sempre, constantemente um fantasma. E dizia o nome que o fantasma tivera n'esta vida. Pedia a gritos hyssopadas de agua-benta, esconjuros, a piedade do seu pai espiritual. E o confessor, pondo as mãos:—Jesus Christo, tende piedade d'ella, e amerceai-vos da alma do criminoso, se é compativel com a vossa misericordia!

O criminoso na mente do confessor

tinha provavelmente o nome que a desvairada mulher dera ao fantasma no sigillo da confissão.

E assim, a treva a cerrar-se cada vez mais, a termos que o padre já lhe não dava a hostia, e meditava na maneira de impedir que ella sahisse de casa.

O Roberto Rodrigues andava ralado por ver a mulher n'aquelle preparo. A's vezes, era desabrido culpando-lhe a paixão pelo máo filho que os despresava a ponto de nem dar noticias suas. Descompunha-a. —Que andava a casa á matroca; que lhe roubavam o milho e o vinho; que não tinha ás vezes que comer, nem quem lhe lavasse a roupa branca. Que raios partissem o beaterio e mais o frade que lhe dera volta ao miôlo da mulher!

Ella então ajoelhava-se deante do marido a pedir-lhe perdão com uns tregeitos de douda; e elle pegava de barregar que não queria comedias. Desde que vira em Arouca

a Ignez de Castro de joelhos aos pés de D. Affonso, tudo que fôsse uma mulher ajoelhada deante de um homem era comedia. E não estava longe de acertar, no seu caso, pela parte comica que elle tinha representado n'aquelle drama familiar.

*

N'um dia de feira de Fermedo, Roberto Rodrigues sahiu com duas juntas de bois, a tempo que a mulher partira para o confêsso. Ahi pelo meio dia, o lavrador appeteceu-lhe jantar. Estava contente. Tinha vendido bem o seu gado ao marchante Gil, e comprara bezêrros para creação. Entrou na estalagem e sentou-se á mêsa em que estava comendo o João Gaio, seu concunhado, e mais o José Rato. Deu-lhes as boas tardes, e elles não lhe corresponderam.

— Guardem o seu dinheiro e fallem aos amigos — disse o Roberto Rodrigues.

—Isso d'amigos, replicou o Canastreiro, *tó carocha*. Que leve o diabo amigos que escondem os filhos p'ra elles não casarem com as raparigas que deshonram.

—Apoiado!—abundou o juiz eleito.

—Eu não escondo o filho, ouviste?—contraveio o lavrador—Se tu não sabes d'elle, tambem eu não.—Depois comprimentou o Gil, de Gaya, um marchante agigantado que lhe comprara os bois; e, sentando-se á mêsa, repetia pachorrentamente:—Se não sabes d'elle, tambem eu não.

—Lerias, meu amiguinho de Peniche, lerias! Então quem diabo é que o sustenta? Onde está elle mettido que vive d'ar? Explique lá você, seu Roberto, quem é que lhe dá a chelpa?

O Rato bem sabia que o Arthur sahira para a India e nunca até ao dia do embarque escrevêra para casa; mas, para não comprometter o irmão que subtraira e lhe dera a carta sob juramento de segredo,

nem ao Canastreiro denunciara a maroteira. Além d'isso, o juiz eleito, cada vez mais captivo e apaixonado da Dorothea, não diria palavra por onde ella conjecturasse a paragem do amante.

E o Canastreiro proseguia, alternando os insultos com os tragos no copo:

— É bem asno você, se cuida que me come!... Vem de carrinho, seu Roberto do diabo... Olhe, mande-lhe escrever que, se algum dia cá tornar, o pai da sua prima que elle deshonrou, ha-lhe d'arrancar os figados pelas goelas. Percebeu?

— Lá se avenham... quando o encontrares, arranca-lhe os figados... — murmurou o Rodrigues, e voltado para a creada: Traz meia posta de carne assada.

— Tanta vergonha tem o pai como o filho... — Disse o Canastreiro ao Rato; e, feita uma pausa: — Pai! elle é tão pai de tal malandro como eu. O verdadeiro pai já lá está ha mais d'anno a espernear no in-

ferno. Sahiu o páo á racha! Padres!... Eu quando vejo um padre, sinto cá por dentro uns formigueiros de me ir a elle e sangral-o pelo pescoço como quem mata um cevado.

E fazia gesticulaçoens suinicidas, exorbitando os olhos e arregaçando o queixo de baixo ferozmente.

Roberto Rodrigues escutava-o. Tinha deante de si o prato com a posta do assado e não comia. Impallidecera, e contorcia-se como se o assaltasse uma colica. Estava muita gente nas outras bancas a ouvir, n'um pasmo, lavradores seus visinhos e mais as mulheres que se benziam escandalisadas dos insultos aos padres:—Sancto nome de Jesus! Credo! que heresias elle deita por aquella bocca fóra!

—Isso não são termos, homem!—Interveio o Gil de Gaya com um volume de voz de Adamastor—Eu não o conheço nem nunca o vi mais gôrdo; mas seja lá quem

fôr, você está bebado, por mais que me digam.

O Canastreiro levantára-se de impeto, em attitude aggressiva, encarando no Gil. E o outro, sem se mexer:

—Olhe que não me mette medo, patrão! Tenho visto caras peores que a sua... Se está bebado, coza-a; e, se não está, ouça o que lhe vou dizer, e esteja quêdo. Você está ahi a desfeitear um velho honrado que não tem culpa nas asneiras do filho; e a fazer como os cães e os porcos que desenterram um morto p'ra lhe rilharem os ossos. Não mèxa na sepultura de quem lá está, e não pode responder-lhe como você merece. Vá com esta que lhe hade servir de saude ás costellas. Ora agora, se quer alguma coisa, deixe-me pagar o que comi, e appareça-me, se lhe appetecer, ahi pela estrada, que o meu caminho sabe você qual é; e, se o não sabe, pergunte, que eu sou bem conhecido.

O Gil levantou-se então em toda a sua altura cyclopica. Era como um gigante de magica a emergir d'um alçapão. Seria difficil problema resolver onde elle tinha recolhidas as pernas infinitas.

E, approximando-se de Roberto:

—Se não pode comer, venha d'ahi, tio Roberto, venha d'ahi, e faça de conta que um garoto da Porta-de-carros lhe atirou com um punhado de lama á cara.

Erguera-se tremulo o marido de Balbina com a mão sobre o lado esquerdo, curvado, e as palpebras e os labios a vibrarem na crispação das lagrimas rebeldes.

O Canastreiro leu no aspecto do auditorio o applauso geral á briosa coragem do Gil, e uma tacita ameaça de o espancarem, se elle remettesse contra o colossal marchante de Gaya. Quedou-se n'uma immobilidade espavorida de urço amordaçado. Depois, quasi ao ouvido do juiz eleito, falou em *facadas* e *tripas ao sol*. O Rato ad-

moestava-o: que fosse mais prudente e esperasse melhor occasião de desforra; que o Rodrigues não tinha culpa; e que andára mal em trazer á baila coisas passadas a respeito do padre Tavares.

—Tivesse você uma filha deshonrada! —replicava dramaticamente o João Gaio, vertendo lagrimas de uma sensibilidade vinolenta. E, voltado para o auditorio silencioso: Eu sou pai, senhores! tenho o coração—e batia rijas palmadas no peito ás mãos ambas—tenho o coração mais negro que este chapeo! Deshonraram-me a minha filha! Estão aqui mulheres que a conheceram mais pura que as proprias estrellas do ceo...

—Isso é assim, isso é assim!—confirmava a visinha que denunciára as escaladas nocturnas do Arthur.

—O hominho tem razão!—applaudia uma lavradeira esmamaçada, com arrotos de iscas de bacalháo. Ella tinha, momentos

antes, lagrimado por conta do Roberto Rodrigues afflicto, petrificado na sua deshonra.

O sentimentalismo começou a contagiar a outra gente que rodeou o Canastreiro com uns semblantes bestialmente contristados, a ouvirem miudesas da perdição de Dorothea com o interesse dos saloios que em Lisboa escutam, de graça, a exposição de um caso tragico apregoado por velhos gaiatos vendedores de noticias impressas, *nas quaes*, dizem elles, *o caso se acha melhor declarado, por 10 reis.*

Ao passo que o declamador baixava na exaltação e o alcool subia esophago acima em eructaçoens avinagradas, a emotividade tragica esfriava. Elle repetia-se muito, feria as mesmas teclas do pathetico, começava a babar-se e a cuspinhar. N'estas condiçoens nem Isocrates nem Demosthenes prenderiam a attenção d'aquella canalha. A assemblea rarefez-se. Ficaram a final tres

mulheres idosas que tambem sahiram, á surrelfa, murmurando convencionalmente compungidas umas phrases consagradas tanto para a tristeza de um porco doente como para o cadaver de um visinho furado de facadas.—Valha-nos Deus! Deus nos acuda! tudo são desgraças e poucas-vergonhas n'este mundo! Ó gentes, ninguem diga que está bem!..

E elle, sentando-se, outra vez, em frente do Rato, a alimpar as camarinhas de suor, esfalfado de oratoria, com a lingua muito sêcca e peguenhenta, mandou vir uma garrafa da Companhia;—mas, rapariga, olha lá, do branco—recommendava com instancia de amador.

Dir-se-ia que buscava na côr do balsamo da Companhia o contraste do seu coração negro como aquelle chapeo.

III

Já noite fechada, contra o seu costume, entrou Roberto em caza. Balbina, assustada da demora, estava orando, pedindo á Virgem que desviasse de encontros máos o seu homem.

Elle entrou cambaleando como um ebrio, amparando-se aos trastes e ás parêdes. Não tinha bebido nem comido em todo o dia. A mulher, com amoroso sobresalto, foi para o abraçar.

—Que tens, Roberto? vens doente?

O marido fez-lhe um tregeito de repulsão e entrou na alcôva para se deitar. A mulher seguia-o muito mortificada, e elle, empurrando-a para fora, rodou a chave da porta, que fechou com grande estrondo.

Quando Roberto se levantou ao amanhecer, encontrou a mulher á porta da alcôva, acocorada como um embrulho, com a cara entre os joelhos, a tiritar de frio. Elle bem a ouvira soluçar toda a noite. O desgraçado tambem não tinha pregado olho. Ao sahir do quarto, parecia nem sequer encaral-a.

Balbina ergueu-se e seguiu-o sem balbuciaçoens gementes, hirta, n'um aprumado silencio de martyr voluntaria. Se não levasse o rosto com os sulcos da velhice precoce cheios de lagrimas, dir-se-ia uma somnambula. Entrando n'um recinto onde se arrumavam os instrumentos agricolas,

Roberto, muito debilitado pelas tonturas da insomnia e falta de alimento, amparou-se ao cabo de uma fouce de matto. N'esta postura, fitou a mulher que parára á beira d'elle, mediu-a d'alto a baixo com um revez de olhos funestos, e disse pausadamente, com uma naturalidade tragica:

—Não te mato, não! Quem te hade matar é o remorso.

E ella, consoante o seu costume, desde que o pavor dos peccados a atormentava, genuflectiu deante do marido, e respondeu com firmeza de penitente que se offerece ao supplicio:

— Perdoo-te a morte, Roberto. Mata-me.

Note-se de passagem: este homem e esta mulher, que não sabiam ler nem frequentavam theatros, podiam fornecer excellentes finaes de Actos—o brilhante preto da litteratura dramatologica—para as comedias de costumes nacionaes. As mais

finas joias da sensibilidade são, como as perolas, extractos de brutos mariscos. Bem sabem em que parte ignobil uma certa cabra tem a capsula do almiscar, deliciosa perfumaria. Tambem não ignoram de que filtros se nutre o enconchado e verdejante repôlho de S. Cosme, e em que fedores se gera e embellece a rosa de Alexandria. E' tudo assim, como os finaes de actos extrahidos pela natureza da dor bruta do Roberto e da Balbina.

O marido voltou-lhe as costas, largou a fouce como se a sentisse a queimar-lhe os dedos com uma tentação sanguinaria, voltou á alcôva, e atirou-se, affogado por soluços, para cima do leito. E Balbina lá foi sentar-se no limiar da porta, a chorar, arripiada de frio, muito encolhida.

Elle já não podia duvidar do adulterio. D'aquella negra caverna já não havia sahida para a luz que, horas antes, ainda lhe alumiava a sua alegria honrada; nem réstea

de esperança de ver aquella mulher desassombrada da calumnia e a sua dignidade restabelecida. Tudo cerrado. Confrontava a cara do padre Hilario com as feiçoens do Arthur. Espantava-se como só agora notava a semelhança que nunca lhe surprendera o espirito! Occorriam-lhe muitas recordaçoens que lhe rasgavam o coração e o endoudeciam. A familiaridade do padre em sua casa. Ficava horas sosinho com Balbina, quando elle ia ás feiras. O seu amor ao afilhado, e a teima de leval-o para a sua reitoria onde esteve oito annos gratuitamente. Os legados que lhe deixou, e o proposito de o doutorar á sua custa. Afora isto, as outras mulheres cazadas de quem o padre tinha sido amante, vinham em grupo, e com ar de escarneo, testemunhar a deshonra da sua. Appareciam-lhe agora luminosos na escuridão do quarto, com todo o fel do sarcasmo os sorrisos dos visinhos quando elle defendia o compadre das

*

aleivosias que lhe assacavam, e se gabava de ter uma virtuosa companheira que dispensava de ser guardada. Depois, subindo a regioens mais problematicas de psycologia, interrogava-se sobre a aversão que ganhára ao Arthur desde certo tempo; e convencia-se que nunca lhe votára o amor que os pais tem aos filhos. Jamais ouvira dentro em si a «voz do sangue». Parecia-lhe que, se fosse pai, o coração lhe estalaria de dor, vendo-o desapparecer, sem lhe saber o destino, sem esperança de tornar a vêl-o vivo ou morto. O Arthur estivera oito annos ausente; a mãe sempre a chorar com saudades do filho, e elle nem sequer sentia grande vontade de o trazer para caza. Pelo contrario, logo que chegou com uns ares abandalhados de janota, entrou a aborrecêl-o, a detestal-o, por fim, como se adivinhasse que aquelle devasso vadio não era, não podia ser seu filho. Por ultimo, detinha-se a analysar o procedimento de Bal-

bina, desde certa epoca. O beaterio, as confissoens, os mêdos da morte, as suas humildades e caricias, candonguices a que elle não estava affeito,—eram remorsos, dizia o scismador attribulado com a penetrante convicção—eram remorsos, terror de Deus, e da minha vingança, se eu viesse a dar na malhoada—. A maneira como ella lhe respondêra, de joelhos: «Mata-me, que eu perdoo-te a morte!» foi o golpe de misericordia que lhe cortou o ultimo fio de esperança. Se ella se revoltasse e exigisse altivamente explicaçoens d'aquellas palavras incomprehensiveis pelo horror da injuria, se fingisse grande espanto de as ouvir, pode ser que Roberto vacilasse em acceitar as conclusoens que tirára de dez horas de meditação no seu quarto. Mas não. A resposta d'ella foi como se dissesse: «Sou criminosa, sou adultera. Arthur não era teu filho; mata-me que eu desejo morrer: não posso com o remorso.»

Pensaria isto, pouco mais ou menos, Roberto. Não o saberia expressar com estas formulas penteadas; mas os pensamentos que lhe anavalhavam a alma deviam golpeal-o no intimo, com uma excisão profunda até onde não chega a alçada da palavra correcta e amaneirada. Elle revolvia-se na cama esbraseado de febre, e dizia: «Quem me dera acabar!» e comprimia os solavancos do coração onde sentira cravar-se-lhe um ferro de punhal quando o Canastreiro o injuriava. Queria vestir-se, sahir, trabalhar, distrahir-se, salvar-se; mas não podia, sequer, erguer-se. Mandou um creado da lavoura chamar uma irman que tinha cazada em Covellas. Pediu-lhe que o levasse para a sua companhia, que se sentia muito mal, e não tinha quem lhe fizesse um caldo. Não deu explicaçoens á irman, nem ella as pediu. A sua deshonra era notoria; as relaçoens antigas de Balbina com o padre todo o mundo as sabia. A irman

nunca lh'o dissera, para o não desgraçar sem proveito algum.

Viu Balbina descer o marido ao pateo, amparado pela irman e pelo creado. Esperava-o a egua aparelhada de cadeirinha para o conduzir a Covellas. A mulher ainda desceu alguns degraus para dizer ao marido... não sabia ella o quê; mas cahiu desfallecida a meio da escada e resvalou ao lagêdo. Correu a cunhada a levantal-a; e o marido, quando ella abriu os olhos, com uma piedade mais excruciante que o rancor, disse-lhe:

—Deus te perdôe! Deus te perdôe, má mulher!

E afastou-se com o creado e a irman, deixando a outra em gritos que alvoroçaram o povoado.

*

Horas depois, Balbina relatava ao egresso, em arquejos espasmodicos, a scena da

separação. Fr. Joaquim ouviu-a consternadamente e disse:

—Infeliz e honrado homem! Permitta Deus que a sua dor lhe abra cêdo as portas do ceo!

Não era aquella especie de jaculatoria o que ella desejava. Pedia-lhe de mãos postas que fallasse ao marido, que o abrandasse e trouxesse para caza. Promettia servir de rastos o seu querido homem, pôr a cara onde elle pozesse os pés;—que a matasse, mas não a abandonasse á chacota do mundo e ao despreso de toda a gente.

—Minha filha—admoestou o confessor—pense mais nos supplicios da eternidade que na chacota do mundo, e mais no amor de Deus que no desprezo de toda a gente. Salve-se a si pelo arrependimento e pela confiança na divina misericordia, e deixe lá estar onde está seu marido, deixe-o morrer ou viver socegado, se isso é possivel. Confie que elle hade perdoar-lhe;

mas não espere que a chaga da deshonra se feche tão depressa, nem que eu possa fazer milagres.

A beata irrompeu em berros desarticulados, com os olhos fulgurantes, amauroticos, n'uma paralysia espantadiça. O egresso pedia afflicto um pucaro d'agua, e girava com extraordinaria actividade entre a cosinha e a salêta, por que não havia quem lhe chegasse a vasilha da agua; e a confessada, cahida no sobrado, espojava-se muito descomposta, com o saiote debruado de velludilho e arregaçado até aos joelhos pelas convulsoens epilepticas das pernas. Nunca tinha visto semelhante espectaculo o santo homem! Elle não atinava se devia cobrir-lhe as pernas, se fugir.

Recuperados os sentidos e compondo-se muito envergonhada, pediu mil perdoens ao seu pai espiritual, exigindo-lhe uma penitencia bem grande. Respondeu o padre que não podia impor penitencia fora

do confessionario; mas lhe aconselhava conformar-se com a vontade de Nosso Senhor Jesus Christo, e pedir-lhe que houvesse com ella sua divina magestade a compaixão que dispensára a Santa Maria Magdalena, a Sancta Margarida de Cortona e a Sancta Maria Egypsiaca. Ha sanctas para todas as situaçoens.

Sahiu Balbina de caza do confessor bastante desconfiada da virtude do franciscano. Intendia ella que o dever do ministro do Senhor era ir sem dilação de tempo buscar-lhe o marido para caza e movêl-o evangelicamente a fazer as pazes. Claro é que não funccionava muito escorreita a rasão da pobre mulher, posto que alguns exemplos de analogas reconciliaçoens tivessem chegado ao seu conhecimento, representados por pessoas muito sensatas. Lembrava-se de dois. A baroneza da Portelinha, cazada, depois de perigrinar pela Europa com um amante, regressára á patria, e fôra restitui-

da ao esposo e aos filhinhos por um padre. A mulher do commendador Felisberto, de Santo Amaro, apanhada em flagrante delicto na Foz e enclausurada no Recolhimento do Ferro, volvidos quatro mezes, e desencardidas as azas nos lavatorios de agua benta, voára, anjo purificado, ao seio do marido, de carruagem, com o seu confessor ao lado. Duas luas de mel novo. Ella sabia estes episodios que o Arthur lhe contára. O que faltava no seu caso excepcional era um padre com a destreza hippica dos outros que pozeram bridão e cabeçoens religiosos nos dois maridos bravos, rebelloens, escamados. Por tanto, o seu egresso não prestava para nada.

*

Em quanto Balbina, nas prezas da sua dor e vergonha se isolava de toda a convivencia em oração interrompida por des-

maios e nervosismos, Roberto ia readquirindo força moral, resignando-se; mas a corporal decrescia sem intermissão. Extenuavam-no as hemorrhagias pela bocca, precedidas de pontadas no coração. O clinico d'aldeia que o auscultara diagnosticou aquella anormalidade, funccional e não organica do coração, de reflexos sympaticos da dyspepsia. Mandou-o comer, distrahir-se, banhos do mar e vinho do Porto de 1815.

Chegada a estação balnear, foi o dyspeptico para Espinho; e, logo ao primeiro banho, sentiu-se abafado e offegante, um estonteamento com zumbidos nos ouvidos. Consultou outro medico da cidade, muito em dia com os avanços da medicina franceza, e que tinha feito milagres com leite de vacca e cognac no curativo das tuberculoses. Era um prodigio em clinica cerebral — o *Doutor Sangrado* do espirito. Este sabio applicou-lhe á região thoracica o stethos-

copio, e capitulou de nevropatia a doença. Que continuasse os banhos de choque, uma só onda, meia-chavena de café na barraca e uma colher de cognac, brometo de potassio tres vezes ao dia. De resto, bifes á inglesa, cerveja preta, e um calice de cognac. Ao segundo banho, quando tomava o café, teve Roberto um vagado na barraca, e foi levado em padiola ao quartel. Aggraváram-se as dores, a asphyxia e as ancias. As palpitaçoens ouviam-se e contavam-se a distancia pelo arfar da camisa. Inculcaram-lhe um grande medico, recentemente chegado de Coimbra a banhos, especialista em doenças de figado. Este doutor, examinado o infermo, classificou mentalmente de burros os seus collegas, e que retirasse da beira-mar immediatamente. Receitou-lhe pilulas de digital, comer pouco, caldos, ovos, uma aza de franga, e nada de vinho, nem cerveja, nem bebidas brancas.

N'um profundo scepticismo a respeito

dos medicos, entrou Roberto a desconfiar que morria. Quiz fazer testamento antes de retirar-se. Resolvêra deixar quanto podesse á irman. Chamou-se um tabellião para redigir o instrumento. Disse-lhe o testador que declarava não ser seu filho um tal Arthur Tavares, o qual era adultero de sua mulher, e como tal o expulsava da herança dos seus bens, embora fosse baptisado como seu filho.

Lá estava a lei com a sua pudentissima honestidade para desmentir o testador e demonstrar que elle era um pai legitimo. Foi o que lhe disse, pouco mais ou menos, o tabellião. Roberto Rodrigues, pasmadissimo d'esta infamia da lei, sentou-se de salto na cama, com um ataque de ira, bradando que sua mulher trouxera ao cazal 400$000 réis, e que a sua caza não devia ir para o filho do adulterio. O tabellião encolhia os hombros:—É a lei, é a lei; não é boa, mas vigora.

—Então eu não posso deixar a minha irman o que é meu? O que nossos pais ganharam com o suor do seu rosto hade ir para o filho de uma marafona que se amigou com um padre?—E barafustava sacudindo a roupa. Via-se-lhe o soluçar do coração a saltos contra as costellas descarnadas—Chamem um doutor!—gritava, bracejando—um doutor, depressa! o snr. escrivão não sabe nada. E' impossivel que a lei queira roubar minha irman, e dê os meus bens ao filho da mulher que me matou. Chamem um doutor. Querem-me roubar! Corja de ladroens!

—Socegue, snr. Roberto!—linimentava o notario, deixando resvalar a injuria collectiva de «ladroens» no arnez da sua innocente erudição do Codigo Civil.—Vejamos se ha meio de esbulhar da herança esse pretendido seu filho. Talvez uma venda simulada por escriptura; porém, para isso seria preciso que sua esposa assignasse.

Mas concordará ella em desherdar o filho?

—E, se ella não assignar?—perguntou Roberto, arrancando-se da cama para o sobrado n'um impeto galvanico de raiva.

—Nada pode fazer-se legalmente... mas descance, deite-se, snr. Roberto,—instava o tabellião, e ia á porta chamar gente «que viesse alguem soccorrer o doente» e voltou a abraçar-se n'elle para o deitar.

—Não quero. Vou vestir-me. Vou pegar fogo á minha casa, quero ver arder tudo, arrazar tudo, tudo, tudo com dez milheiros de diabos. Deixem-me, deixem-me!—E sacudia a irman e o tabellião que o agarravam pelos braços.

E no esforço que fez para desatar-se das prezas d'elles, n'um estorcimento que o dobrou pela cintura sobre o lado esquerdo, expediu um grito estridente, levando a mão ao peito; e, quando o encostaram sem re-

sistencia á cama, suspirou um flebil gemido e morreu com um esgar de suprema angustia. Pelas commissuras dos labios espumejava gromos de sangue istriado de pus.

IV

Depois do desapparecimento de Arthur, o pai de Dorothea disse á mulher que não consentia a filha em caza com a barriga á bocca. Que ia haver um rastolho de mil deabos, se ouvia grunhir creanças de portas a dentro; que fosse largar a cria onde quizesse, ao inferno; mas que se pozesse fora quanto antes. E, ao mesmo tempo, como tinha entranhas regu-

*

lares de pai, segredava a Quiteria que se entendesse com a irman d'elle, a Toqueriné, para a rapariga ir lá arranjar-se. E, depois, veriam.

Joanna, a do *corpo-aberto*, era viuva, tinha dous filhos no Brasil, e vivia sósinha, sem nada de seu; mas não passava mal. Tinha bastante prática de parteira — modo de vida honesto e util que lhe dava menor estipendio que o arrendamento do seu corpo ás almas vagabundas; e, além d'estas duas aptidoens mais ou menos productivas, alugava um dos seus dois aposentos ás puérperas envergonhadas que não podessem esconder a sua deshonra de mães em casa da familia, e preferissem não assoalhar a sua maternidade ao ar livre. Mas de todos estes alugueis o que lhe dava maior verba era o do seu proprio corpo aberto para parlamento entre vivos e defunctos. E posto que se arriscasse a quebrarem-lhe o locutorio os vivos prejudicados pelas reve-

laçoens dos mortos, a Toqueriné foi tão feliz que apenas uma vez, estando a fallar n'ella uma alma em assumptos bastante serios, entrou um vivo, de surpresa, no recinto das horridas palestras, e foi-se a ella ás cacetadas tantas e tamanhas que a propria alma do defuncto fugiu, e mais não era, na sua qualidade ultra-gasosa, tangivel ao cacête. Aconteceu, porém, este espancador, passados mezes, morrer de ictericia, amarello como cidra, e toda a gente affirmou que a sua morte era o castigo de bater na Toqueriné. Robusteceram-se então os creditos da mulher, embora o egresso a prohibisse de chegar á mêsa do pão consagrado. Em compensação da sova, d'ahi a pouco, sem interferencia de defunctos, arranjava ella um cento de libras com que resgatou um filho de soldado e pagou a passagem aos dois para o Rio de Janeiro.

Um cento de libras bem merecidas. Foi assim o caso:

Havia ali por perto de Arouca, na caza das Aguias, um desembargador aposentado septuagenario, casado com uma sobrinha. A infecundidade da espôza trazia os seus parentes mortificados, por que o marido apenas a dotára cautelosamente com arras insignificantes. Houve ideas vulgares a tal respeito — completar o phenomeno da gestação mediante dynamismos adventicios, impulsos cooperadores de uma trivialidade tal que não merece a pena acentuar-se-lhe grande importancia scientifica na historia da propagação social. O marido, porém, não largava d'ôlho a sobrinha, nem a deixava pôr pé em ramo verde. Deitavam-se juntos com a porta fechada á chave — uma chave de cathedral, n'uma porta de batentes refractarios ao machado e ao camartello; erguiam-se juntos, e passavam o dia tão conchegados que, nos actos physiologicos menos testemunhaveis, segundo o codigo da decencia entre conjuges, ficava a porta

aberta, e elle fazia ali o seu quarto de sentinella, desconfiando do altar da deusa romana Cloacina como desconfiaria das seducções de uma sala de baile; e o peor é que, revesando-se, obrigava a espôsa a fazer-lhe sentinella a elle, com o lenço almiscarado, anti-septico, nas narinas irritadas pelos perfumes estonteadores do geranium e dos lilás da Persia. Ahi está uma victima obscura dos grandes cazaes d'um tio desembargador.

A mãe da espôsa e cunhada do antigo magistrado do absolutismo têve com a filha um colloquio na capella, durante a missa, e ahi se combinaram coisas que sortiram um desenlace prosperrimo sem laivo de desprimor ou ignominia para o marido; nem aquella mãe consentiria na deshonra material da sua filha. D'ahi a pouco espalhou-se que a D. Olympia das Aguias andava de esperanças e que o tio, n'um jubilo palerma, era o propagador da novidade — só-

mente da novidade, intenda-se. Trajavam-se n'esse tempo os guarda-infantes e os mirinaques. D. Olympia usava-os exagerados ao cabo das nove luas. Presumida a semana da crize, transferiu-se, a beneplacito do espôso, para caza da mãe, que era perita nos segredos de Lucina, deusa gentilica das secundinas. Uma noite, ouviram-se gritos, grande reboliço na caza, vellas bentas accêsas á Senhora do parto, creadas a resar pelos cantos, outras a rir, muitos cochichos larachentos, e o velho, no meio de tudo aquillo, de barrete de algodão com borla, chinellos de ourêlo, em ceroulas e rob-de-chambre, com as abas cruzadas no ventre, muito atrapalhado; mas não o deixavam entrar no quarto da parturiente — para não a consternar. Depois ouviu-se um vagir de creança que entrára por uma janella do quarto rente com o jardim. Ora, essa creança fôra comprada por 100 libras á Toqueriné, que ainda recebeu, *par dessus le marché*,

mais 4 libras da mãe para a levar á roda d'Aveiro. Internecia a lagrimas romanticas contemplar o ancião com o pimpôlho muito rechonchudo nas mãos trementes de mêdo que lhe cahisse: — O meu menino! o meu bébé! o meu filhinho! o meu bijú! — Uma porcaria d'esta farça humana, senhores, que muito mais lastimavel seria, no personagem do desembargador, se o mirinaque de D. Olympia arredondasse com os seus amplos refêgos artificiaes uns quadris entumecidos pela natureza, a valer. Oxalá que os maridos senis e os pais honorarios, predestinados a semelhantes fraudes, sejam apenas illudidos em sua boa-fé pela barba de baleia e pela crinoline.

*

O Gaio determinou obstinadamente que Dorothea engeitasse o filho, se queria voltar para caza; quando não, fizes-

se de conta que não tinha pae nem mãe. A Joanna Toqueriné votava com o irmão; porém a sobrinha teimava não engeitar a filha desde o momento em que a tia lh'a deixou beijar. — Que fazia de conta que não tinha pai nem mãe; iria pedir esmola para sustentar a sua querida menina, se o trabalho das suas mãos lhe não chegasse para caldo e pão. Replicava a Toqueriné que o pai da creança, quer estivesse morto, quer esquecido, não esperasse ella nada de tal malandro; que tinha de carregar com o pêso da criação d'uma rapariga para lhe dar desgostos, por que filha de tal pai e neta do padre Hilario, devia de ser uma peste, — raça excommungada! Que a deixasse ir para a roda com um signal; e, se a sorte lhe futurasse, que a fosse buscar. E contou, a proposito, o numero de engeitados que tinha levado á roda, e os nomes das mães muito em segredo «entre nós que ninguem nos ouve». Das nomeadas havia umas que

depois casaram «puras como as estrellas» e sublinhava dando casquinadas sibilantes por entre tres dentes desaprumados que apitavam, quando expediam froixos de riso, no ar esfusiado pelas chanfraduras amarellas. Contava a rica passagem da D. Lucia, mulher de um capitão de navios que andou pelos Brasis vinte mezes sem vir a terra; e que a mulher, se não engeitasse duas creanças uma atraz da outra, tinha de apresentar ao homem dois filhos d'uma assentada.—Que era de rebentar de riso. Abaixando a voz,—ali entre ellas que ninguem as ouvia—contou o cazo, isso é que era pagode, da fidalguinha de Villarandêlho. Já lá iam mais de desoito annos bons. O seu homem, Deus lhe perdoasse, era o sapateiro da caza. Foi então que ella começou a valer ás pessoas afflictas, ajudando-as na sua desgraça,—dizia com um compungimento unctuoso mysticamente serviçal de Irman da Caridade. A fidalguinha, grande

fazenda, fresca e vermêlha como uma cereja, pagára o tributo. Não sabia dizer se foi o escudeiro, um latagão como uma torre, se o capellão da caza que era muito linda figura de homem, mas levadinho da breca p'r'as eguas. Fosse quem fosse, a natureza dera de si, — resumiu com um traço laconico de physiologia innata. Contou que o marido a mandára assistir á fidalga que tinha vindo a ares ali para uma quinta perto «bem sabes, a Refeiteira». Bons tempos! Doze peças de duas caras ganhou teu tio e mais eu n'essa empreitada. Fui eu levar á Roda a menina com uma declaração n'um saquinho de sêda ao pescoço. E que riqueza de enxoval! Credo! Sabes o que succedeu depois, Dorothea? O pai da fidalga morreu, hade haver seis annos, a mãe já tinha morrido, e a morgada, que estava ainda solteira, mandou averiguar se a engeitada ainda vivia e onde parava. Pois toparam-na. Estava a servir em casa de um padeiro

lá para os lados d'Albergaria. Trouxeram-na para Villarandêlho, e não foi preciso mais nada para a mãe a reconhecer e abraçar-se n'ella a chorar bagadas como punhos. Era a cara da mãe como quem na pintou. Para lhe não faltar nada até já tinha bigode como a mãe quando a deu á luz — um bigode de homem que se podia ver! Queres agora saber o remate da cantiga? Vaes-te rir. A fidalga que tinha muito d'isto — e esfregava uma na outra as cabeças de dois dêdos sem unhas — casou com um maioral da justiça lá de Lisboa, d'isto dos governos, e para lá está muito contente da sua vida, e mais o homem, benza-os Deus aos dois, e a nós que nos não desampare. Amên. Ora aqui tens. A todo o tempo que appareça o pai da tua filha, e pode apparecer sem ser milagre, se o não levou o deabo, Deus me perdôe, mandas buscar a rapariga; e, se elle nunca apparecer, não ficas com esse trambôlho á perna, vives na caza de

teus pais, e cazamentos não te hão-de faltar. Tomára o José Rato que tu o quizesses mesmo assim, percebes? Sabes lá como elle anda! Vou-te contar... Olha que já cá veio tres vezes para eu lhe deitar as cartas, a ver se tu pensavas n'elle. E leve o deabo as cartas, se não fallam verdade! Marquei-te na dama de oiros e elle no valete; pois nunca te sahiu no pensamento uma só vez! era sempre o Arthur, mal haja o raio do homem; e o Rato triste como a tumba! Se quizeres cazar com elle, cazas. Deabos me leve se não cazas, sobrinha; mas com o empecilho da creança, acho que nenhum homem te pega para o bom fim.

E Dorothea, aconchegando a filha do seio com felina soffreguidão: — Eu não quero homem nenhum, quero a minha filha. Não se mate, tia Joanna... Eu não largo a minha filha.

*

Um rico industrial portuense que tinha terras em Fermêdo lançára inculcas em cata de uma ama de leite, nas mais excellentes condiçoens, e de preferencia a desejava nascida e creada n'aquellas montanhas saluberrimas, geradora de possantes môças de sangue rubro, não infeccionadas das doenças com que a exuberante lascivia do Porto contamina muito além das barreiras, as venaes maiatas e as disfarçadas rameiras de Gondomar. Noticiaram-lhe a Dorothea, abonando-a com o seu honesto proceder antes de ser enganada por um primo que fugira á responsabilidade da sua perfidia; mas seria custoso, se não impossivel, apartal-a da filha para crear um filho estranho. Estas informaçoens deu-as fr. Joaquim, o egresso que possuia o segredo de todos os vicios e infortunios do seu concelho.

O industrial auctorisou o feitor a remover as difficuldades com a alçaprema do ouro. Pagavam a Dorothea a creação da filha sem regatear o salario, e offereciam-lhe a ella um ordenado que em tres annos prefazia um dote como o das môças bem dotadas d'aquelles sitios.

Tudo, além do dinheiro, conspirava a puir os attritos que ainda insurgiam do coração maternal. As suas conhecidas, quando a encontravam ou viam á porta, mudavam de caminho, ou baixavam os olhos para a não saudarem. A tia Joanna queixava-se da carestia do pão, e dizia-lhe que quem dava de mamar carecia de comer coisas sustanciaes, que não eram o triste caldo de feijoens gallegos. Que ella não lhe podia dar apresigo, e os pais não lhe mandavam uma de x. Dorothea poderia vencer com o trabalho e com o amor de mãe estas adversidades; mas havia uma terrivel ameaça que a decidiu. O pai promettia arrancar-

lhe a filha dos braços e deital-a á roda ou a um pôço.—Vae crear, Dorothea—dizia-lhe a tia reanimando-a na indecisão—que a tua menina cá fica entregue á Maria Lemenha, mulher cazada, muito boa creadora que pode aleitar tres creanças, e te hade tratar a tua como se fosse d'ella, ou melhor. Tres quartinhos por mez! credo! a mulher não cabia n'um sino!

Succumbiu desculpavelmente Dorothea. Entregou a filha lavada em lagrimas, com tres mezes de ordenado, a uma mulher de má cara, peito ressicado, e que tinha á volta de si, n'um cazoto esfumarado e terreo, umas creanças enfezadas, espulgando-se, intanguidas de fome, sujas de petrificaçoens de lama amassada em suor. Quando viu a ama, a caza immunda e as creanças esqualidas remordeu-a o remorso; era, porém, tarde para desfazer o contracto. Já a estava esperando em Pé-de-Moura o barco que havia de conduzil-a ao Porto.

Perto do casebre onde deixára a creancinha em um berço de canastra, viu á porta de sua caza fr. Joaquim da Cruz. Retrahiu-se envergonhada, quiz retroceder; mas o egresso chamou-a amoravelmente:—Vem cá, rapariga. Já sei que vais hoje ganhar a tua vida.

—E' verdade, snr. fr. Joaquim... São sortes...

—Fazes bem: as más sortes emendam-se com a paciencia e com a virtude do trabalho. Deves agenciar o futuro pão de tua filha; mas olha... não escolheste com acêrto a caza onde a deixas.

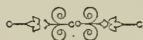
—Tambem me parece, snr. fr. Joaquim... Foi a tia Joanna que a arranjou; e eu vou bem arrependida.

—Pois não te arrependas que eu cá fico a vigiar a tua *Maria*, não é? Já sei que a baptisaste com o nome sanctissimo da mãe de Jesus Christo; pois a Virgem Maria vá comtigo, e eu cá estou de sentinella á

rapariguita. Lá terás noticias minhas e d'ella, que eu sei a caza para onde vaes.

E deu-lhe a mão a beijar. Ella não ousaria, como d'antes, beijar-lh'a, sem elle lh'a offerecer. Sentia-se outra mulher, acanhada pelo seu desdouro, e muito castigada e abatida pelos insultos das suas amigas, pelo despreso da sua familia, e mais que tudo pelo cruel esquecimento do pai da sua filha.

*

V

Balbina recebeu, de surpreza, a noticia do falecimento do marido. Arquejou alguns segundos com as mãos na cabeça, bamboleou-se nas oscillaçoens do vagado e perdeu os sentidos como nem sempre as mais virtuosas viuvas os perdem. Foi o pezo do remorso que a fez ir ao chão, talvez. Quando a levantaram, rompeu a repreza das lagrimas, dos gritos, dos ais

estridulos, que parecia trazerem comsigo a alma das entranhas rasgadas. Algumas visinhas accudiram e choravam officialmente; outras, no pateo, com as mãos debaixo dos aventaes, commentavam: que n'aquella gritadeira havia muita imposturice; que o Roberto já não fazia vida com ella e até fugira para onde á irman; que desde a ida embora do Arthur, a creatura andava atolambada—e que nunca fôra muito escorreita, accrescentavam. «Douda de pedras quando era nova» sentenceava a Bentes. Ressuscitaram o padre Hilario «o grande pagode chinez, comes e bebes, o deabo, quando o Roberto ia para as feiras.» E a viuva em cima em altos clamores: «Ai! meu homem, meu querido Roberto, marido da minha alma, pede ao Senhor que me leve para ti!»

—Pois não levaste!—regougava a Bentes.—O que tu queres é que elle esteja por lá muito tempo sem ti, grande impostoraça!

Calaram-se, e compozeram-se em duas alas muito reverentes, com os olhos no lagêdo. E' que entrava fr. Joaquim da Cruz Sagrada.

—Deus nos dê boas tardes,—disse o egresso, com o seu velho chapeo alto de sêda na mão, e subiu á quadra em que estava Balbina amesendrada no soalho com as carpideiras á volta, de cocarinhas. Tinha estiado um pouco a tempestade do sentimento; porém, quando ella enxergou o confessor, a sua paixão rebramiu em gemidos. Escabujava, a bracejar, a espernear, n'um sarilho epileptico. As visinhas agarravamna, compunham-lhe as saias e o decote do jaqué muito esbagachado pelos repeloens. O padre tomou-lhe as mãos com brandura e disse pausadamente:

—As oraçoens em silencio valem mais ás almas dos mortos que os gritos, snr.ª Balbina. O seu primeiro dever de viuva é mandar a Espinho buscar o corpo de seu

marido; cuidar-lhe da alma e dos suffragios; e depois converter a sua paixão em preces constantes ao Altissimo, offerecendo-lh'a, como alivio das penas temporarias da alma do seu homem.

—Sim, snr. sim, snr.—murmurou a viuva, soffreando o fervor dos soluços.

*

Sahiram para Espinho portadores que conduzissem em caixão de chumbo o cadaver até ao Porto e d'ahi Douro acima, até Pé-de-Moura. O Canastreiro, como cunhado de Balbina, apresentou-se muito serviçal, com um descaramento inabalavel. Ella não sabia que tinha sido o cunhado quem denunciára o adulterio. José da Silva Rato Junior multiplicava a sua actividade intellectual em tudo que dependia de ideias escriptas—cartas de convite, avisos aos clerigos, ao mestre da musica de Arouca, ao

cerieiro, ás Confrarias e Irmandades para suffragarem o defuncto com as missas dos estatutos e os dobres a finados do estylo. Dobraram em nove freguezias a um tempo; havia muitos garotos empenhados em puxarem á porca dos sinos; por aquellas quebradas de montanhas ulularam soluços do bronze por espaço de tres dias.

Era preciso dinheiro para as pompas do enterramento. A viuva mandáva que se rezassem missas geraes, a pinto. Esperavam-se legioens de padres de tres concelhos. E não havia dinheiro. Disse Balbina que o seu finado marido tinha muito em ouro e prata n'um contador de páo sancto no seu quarto, mas levára a chave, e talvez levasse o dinheiro, quando foi para casa da irman. Não importava. Pediria emprestado até vender terras. Queria gastar tudo, pela palavra, tudo com a alma do seu amado Roberto. José Rato, como auctoridade não estranha ao codigo, opinou que se arrom-

basse a gavêta, visto que a chave não tinha vindo de Espinho; que a senhora absoluta da sua caza era ella — que arrombasse. Balbina, hesitante, consultou o confessor — se seria peccado arrombar a gavêta.

— Não é peccado nenhum, visto que arromba o que é seu — illucidou o franciscano com a mais prud'homeana theologia juridica. E foi assistir ao arrombamento, como se os encarregados da missão, o juiz eleito e o Canastreiro, lhe não parecessem idoneos para arrombamentos desinteressados.

Lá estava intacto o thesouro de Roberto Rodrigues. Era forte. Quem sabe se aquelle metal lhe pesou, á ultima hora, no coração, ajudando a esmagal-o! Havia uma caixa de lata com muitas peças e dobroens, herança de pais e avós. Das economias pessoaes d'elle, no transcurso de vinte e quatro annos, avultavam alguns saquinhos de estopa cogulados de cruzados novos e me-

xicanas. Eram lucros do gado que creara, manadas de bois que engordava e vendia aos inglezes. Como elle ia cego de raiva e de paixão, quando sahiu de caza, que não viu aquelle ouro! Recearia ser roubado em caza alheia, ou, recuperando a saude, tencionaria regressar á posse ignorada da sua burra? Quando elle, já nas vascas da morte, queria vestir-se, para ir incendiar a caza, não seria antes um artificio para empolgar a lata e as saquiteis? Nunca dissera á mulher que possuia aquelle peculio com medo que ella instasse pela formatura do filho; porém, Balbina sabia que farte estár o dinheiro no gavetão; e ainda assim nunca se sentiu tentada a dilapidar o thesouro do aváro.

*

Um enterro monumental. Mausóleo, comparativamente, e guardadas as distan-

cias que separam Fermêdo da Grecia antiga, não foi mais honrado na morte por Artemiza, a legendaria viuva lacrymosa. Missas geraes, dous dias áfios, desde o alvorecer da manhan até meio dia. Officio de sincoenta padres—a maxima gritaria que pode fazer-se com a lingua latina degenerada. Armadores do Porto, a egreja toda de crepe, e catafalco, galoens de prata franjada, tocheiras de casquinha fornecidas pelas egrejas do concelho. Todas as confrarias de que o defuncto era irmão, com bandeira alçada, nos pulsos cabeludos de homens valentes em mangas de camisa por debaixo das opas pegajosas de surro. Bastantemente bebados alguns. A banda musical de Arouca gemia marchas funebres, a *Sombra de Nino,* da Semiramis—musica de Rossini em Arouca!—faziam os funeraes de Roberto e da Arte assassinada. Os sinos a dobrarem até á meia noute, e a recomeçarem no dia seguinte ao amanhecer. Um

terror da natureza animal! Os caens, n'uma afflicção lamentosa, uivavam com os focinhos altos e os olhos fechados; as rans deixavam de coaxar alegremente e mergulhavam espavoridas as cabeças nos limos dos seus pantanos; revoadas de pardaes esfusiavam, estridentes das sebes enfolhadas, gotejantes de orvalho; e os gaios, esvoaçando-se escorraçados, gralheavam nos pinheiraes.

Aquellas badaladas funebres pulsavam no coração da viuva como rebates á penitencia. Nunca lhe travara tanto o amargor da sua culpa. O seu homem morrêra de paixão, de vergonha, — gritava-lhe a consciencia. E tão bom, tão sancto que lhe deixára tudo quanto tinha, tudo! Ella ignorava os pormenores da agonia do marido, aquelle estalar do coração entalado entre o seu rancor á mulher e entre a lei que o forçava a galardoar-lhe a infamia com todos os seus haveres.

Formavam d'ella muito falso juiso os visinhos. Esperavam que, passados alguns dias de inconsolavel lucto fingido, livre de peias e senhora de um grande cazal, apparecesse tristonha, mas resignada, e d'ahi a pouco satisfeita e submissa á vontade do Creador.

Dizia o José Rato ao mano tabellião que, se o Arthur tivesse morrido lá pela India, a Balbina era um bom cazamento. Andaria nos quarenta e oito annos; os attritos do soffrimento não lhe adelgaçaram as curvas unctuosas das espaduas, roendo-lhe a musculatura, a carne fresca e purpurina da juventude. Raros cabellos brancos, e muitos vestigios de bellesa nas feiçoens maceradas. O mysticismo posera-lhe no dorso a curvatura artificial da humildade; derreava-se para não alçar os olhos da terra; mas, se ella quizesse, poderia, endireitando-se, compondo-se, representar dez annos menos. Não queria. Estava um pou-

co mentecapta para poder ser uma viuva trivial. Faltava-lhe o juizo necessario para refazer a sua vida no gozo da riqueza independente; e liberta de um marido importuno.

Pois o José Rato chegou a confidenciar ao mano tabellião: — Quem se habilitava para cazar com a Balbina era eu, se o Arthur estivesse a fazer tijolo nas partes do remoto oriente. Pode-se-lhe dar cem mil cruzados pela fortuna. As peças que sahiram da gavêta arrombada deitavam ahi para dez contos e pico... E as quintas!... Um casamentão! Assim é que eu me vingava da Dorothea.

— Qualquer dia — atenuava o mano — apparece ahi o Arthur. Onde quer que está, em sabendo que morreu o pai, elle ahi vem liquidar o patrimonio paterno.

O tabellião entrára no segredo da subtracção das cartas. Apenas se havia recebido e devassado uma que Arthur escrevia de

Goa á mãe. N'essa carta, escripta nas margens poeticas do Mandovi, havia traços de saudades da patria e da mãe, arrependimento do precipitado passo que dera, abandonando a familia, queixumes de doença, febres, falta de appetite, e presentimento de morrer na soledade d'aquella terra erma e melancolica como um cemiterio. Não voltaria mais a vêl-a, disia-lhe o coração, por que se subjeitara, jurando a bandeira, a soffrer até cahir morto á sombra d'ella.

Não fallava do pai; nem sequer recados; e, a respeito da prima, expremia-se, em confidencia mysteriosa com a mãe rustica, como se estivesse carteando-se com mad. de Stael ou com a portugueza Alcippe:

Perpassa-me no espirito essa visão dos meus inleios devaneadores e desencantados: mas o meu coração, óco e frio como um antigo sepulcro com algumas cinzas, não reflecte imagem luminosa que me chame pela voz da saudade. Estou gasto. Aos vinte annos, morto! Triste! porque a sacie-

dade é uma agonia sem fim da alma, e a alma é immortal. Stael e a Alcippe ririam d'este *blasé* que principiára, aos desasete annos, com as Lais e Aspasias da voluptuosa Raza a desfibrar o coração, ás unhas d'aquellas mulheres fataes que costumavam prejudicar os organismos dos homens simplesmente forçando-os a excessos de sublimado corrosivo. Arthur sahira extenuado e sceptico da Raza como lord Byron de Veneza para Missolonghi, e o duque de Morny dos saloens de Napoleão III para o Père la Chaise. Depois, os amores, com a prima Dorothea remataram a sua destruição. Está explicado e autopsiado aquelle morto aos vinte annos!

Não m'o recebam como inverosimil este Arthur.

Ha quarenta annos era assim o commum dos rapazes, crystallinamente parvoeiroens; mas já era forçoso acceital-os como naturesas inconscientes, depravadas

pelo contagio de meia duzia de excentricos realmente desgraçados por temperamento ou por infiltraçoens da podridão litterariamente romantica de Arlincourt, de Sue, de Paul Feval e de Sand.

Pois a mãe, se ouvisse ler aquellas phrases, choraria o mais ingenuo sôro da sua commiseração. Os patifes que as leram, o Rato e os irmãos, pasmavam dos nevoeiros do estylo, e inferiam alegremente que o homem estava com certesa a morrer e daria a casca mais mez menos mez. José Rato, receando que elle regressasse, lembrou que se lhe respondesse, em nome da mãe, visto que ella não sabia escrever, a pedir-lhe que se deixasse lá estar, e não viesse atormental-a mais do que ella estava pelo marido, á conta d'elle. Os manos reprovaram o alvitre. Não queria mais compromettimentos o administrador do correio. As cartas subtrahidas podiam considerar-se desviadas da sua direcção em Lis-

boa ou em Gôa — não havia prova criminal para processo; mas, desde que fossem respondidas d'ali mesmo, o Arthur, dando pelo engano, poderia chamal-o a juizo e fazêl-o demittir e encarcerar. Que era precisa muita cautella com o tal bestinha do filho do padre Hilario, se elle voltasse á terra. O juiz eleito apostava dez moedas contra uma que o Arthur não tornava a Portugal e que morreria ou já tinha morrido de febre amarella ou da carneirada. Elle não se lhe importava de estragar a geographia das epidemias; tanto lhe fazia que houvesse febre amarella em Gôa como a carneirada em Paris. O que elle desejava é que o amante de Dorothea morresse de uma das pestes mais assoladoras, ou de todas.

Mas o sargento Arthur Tavares estava vivedouro e são como um pêro, em Damão, commandando um destacamento e sevando de amor o coração de uma goêsa, viuva, possuidora de muitos pardaos e rupias, que

*

o acompanhára. Quando Luiz de Camoens esteve em Gôa, as portuguezas *cahiam de maduras,* disse o poeta em uma carta para o reino. É natural que, no transcurso de tres seculos dissolventes, ellas *cahissem de podres.* A carta á mãe era uma mistificação. E talvez não fosse. O romantismo adensava aquellas escuridoens poeticas nos espiritos mais relesmente prosaicos. A propria libertinagem, sopitada nos seus lethargos de estafada devassidade, tem sonhos melancolicos, saudades das impeccaveis alegrias da infancia. De resto, a factura do estylo de Arthur era a irrefragavel asneira da epoca.

A tal goêsa parecia ter sahido do gyneceu da Raza, geração das lubricas bailadeiras do cyclo pomposo dos vice-reis. Tez cobreada, o artêlho fino, e o peito viril resequido, como tisnado do fogo interior. Embellesaram-no estes filtros, estes

mil feitiços

das raparigas, filhas dos

pardaes castiços,

que o Bocage cantára em Gôa e não soubera aproveitar. (1)

Arthur nascêra em melhores condiçoens

---

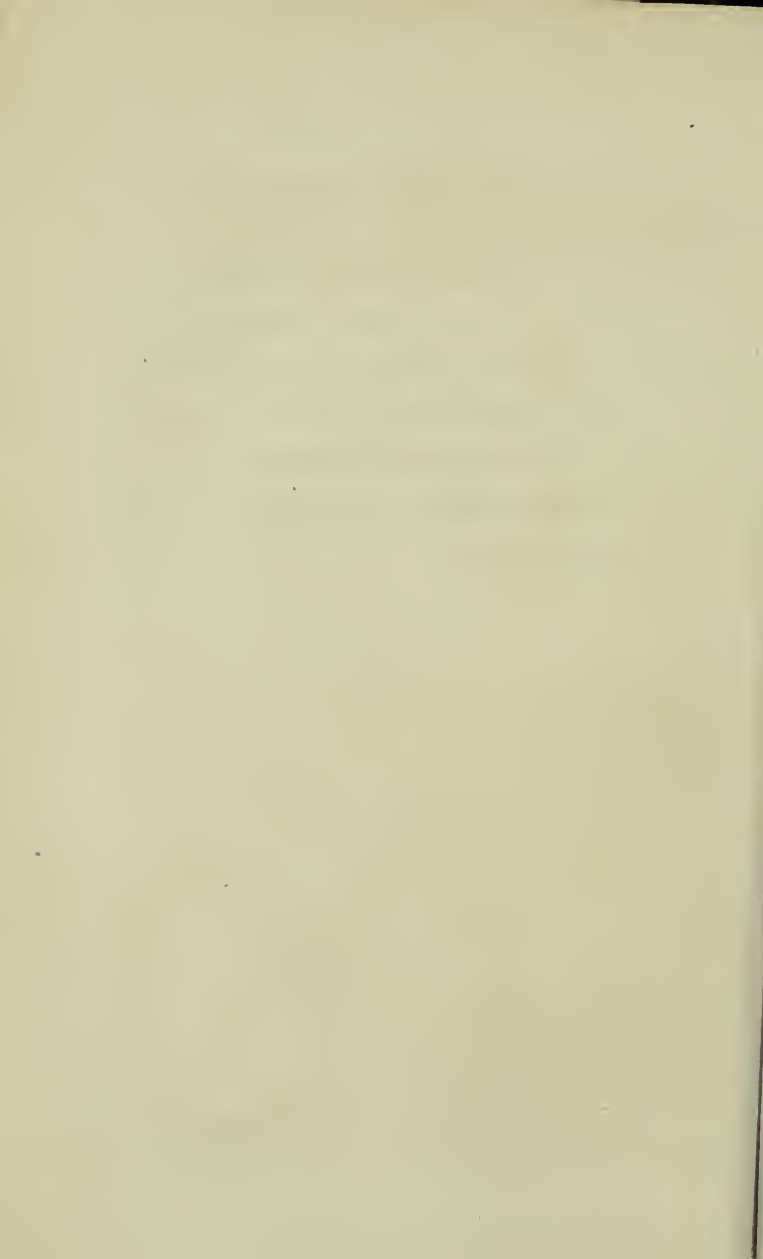
(1) O soneto de Manoel Maria Barbosa du Bocage é bastante conhecido; mas não será desperdicio de tempo repetil-o:

> Lusos heroes, cadaveres sediços,
> Erguei-vos d'entre o pó! Sombras honradas,
> Surgi! vinde exercer as mãos mirradas
> N'estes vis, n'estes cães, n'estes mestiços.
>
> Vinde salvar d'estes pardaes castiços
> As searas do arroz por vós ganhadas...
> Mas ah! poupai-lhe as filhas delicadas,
> Que ellas culpa não tem, tem mil feitiços.
>
> De pavor ante vós no chão se deite
> Tanto fusco rajá, tanto nababo,
> E as vossas ordens tremulo respeite.
>
> Vão para as varzeas, leve-os o diabo!
> Andem como os avós, sem mais enfeite
> Que o langotim, diametro do rabo.

que o vate Elmano, seu antecessor na milicia de Gôa. Não queria saber de musas na prosa da vida. Seu padrinho, o padre Hilario, chamava aos poetas «asneiroens laureados por asnos subalternos»; e, sabendo fazer versos, contava que uma só vez fizera um soneto em um outeiro de freiras, por não achar outro expediente com que arranjar uma garrafa de vinho velho e uns pasteis das monjas de Arouca. Em todas as suas proesas cupidineas, Apollo não interviera com uma copla. Elle, por dignidade, não o dizia ao discipulo; mas era verdade, e o afilhado sabia-o, adivinhava-o nos sorrisos fatuos do D. Juan tonsurado, e na commiseração comica com que lamentava o cantor de Catharina de Athaide, reclinada langorosamente nos braços d'um marido Borges, ahi perto d'Aveiro. «Miserrimos poetas!—exclamava melodramaticamente o reitor—triste destino seria o vosso, se não houvesse o limbo catholico para

os innocentes e um *paraiso* para os *tolos*, segundo Milton!»

Emquanto, pois, o José Rato fazia votos porque um ramo de peste illiminasse o amado de Dorothea, estava elle nos palmares de Damão enroscado no amor serpentino da abastada goêsa que o amava até ao appetite antropophago de o mastigar e esmoer no seu coração.

VI

QUANDO Balbina viuvou, ia em dois mezes a filha de Dorothea. A creança passava fome, frio e desamparo, vagindo e perneando na sua canastra. Frei Joaquim tinha previsto a sorte da creancinha, pelos maos tratos que a Lemenha dava aos proprios filhos. As visinhas acusavam-na de se embebedar e mais o homem com os trez quartinhos mensaes da

cria; que ficava na taverna por essa noite fora a ver jogar a bisca a quartilhos de aguardente, e que era uma dor de coração ouvir chorar as creanças ás escuras, e arripiadas com a ventania que entrava pelas frestas do tabique.

O egresso entrou na caza da Lemenha, uma tarde, e achou-a a metter na boca da creança migas de pão de milho e feijoens mastigados, resto de uma tigella de caldo de couves.

—Vejo que vocemecê não tem leite que dar á pequenita—disse o padre—N'esta idade as creanças não se alimentam com boroa e feijoens mastigados, penso eu.

A Lemenha, muito mal encarada:—O snr. padre Joaquim poderá intender muito lá da missa; cá de crear creanças não percebe nada, digo-lh'o eu. Deixe-me cá, que eu bem sei o que faço; e, se não faço bem, a creança ahi está; a mãe, quando quizer, que a venha buscar. Graças a Deus, não preciso

de crear filhos alheios que, de mais a mais, não tem pai. — E poz com arremêsso a menina na canastra sobre o enxergão nu, molhado, com nodoas escuras que alastravam pela palha apodrecida.

— Não se arrenegue, não se arrenegue, e fique com Deus — dizia o egresso mansamente, retirando-se, quando lhe soou de um canto escuro do recinto um ciciar de respiração anciada. Quedou-se a penetrar com a vista a escuridade, e, aproximando-se, devisou uma enxerga no taboado, arrumada contra o tabique eriçado de motrêcos de palha abetumada de barro amarello. Sobre a enxerga estavam dois rapazinhos meio-nus. Um, lançado para fora do colchão, sobre o lado esquerdo, estendia os braços esqueleticos pelo soalho humido, como se a sensação da frescura lhe mitigasse o ardor febril. Tinha os olhos abertos, afogueados e fixos no padre. O outro, sobre o dorso, com a boca escancarada, e

as faces incendidas de uma rubidez roixa, arquejava, e com a ponta da lingua denegrida e secca rossava no beiço superior.

—Que tem estes pequenos?—perguntou.

—Acho que são bexigas—respondeu a mãe serenamente.

—Bexigas! Olhe que esta doença é contagiosa, pega-se...

—Tenho ahi mais dous rapases que estão bons; e, se Deus m'os levasse todos, fazia-me uma grande esmola.

—E a elles ainda maior...—disse o padre, contemplando os doentinhos com muita pena—É de esperar que esta creança tambem seja attacada...—Apontava para o berço da filha de Dorothea.

—O que Deus quizer.

—Sim, o que Deus quizer; mas...

—Olhe, interrompeu a Lemenha com authoridade, se ella morrer, vai muito bem, snr. padre Joaquim; vae para o céo direiti-

nha como um fuso. Oxalá que nós fossemos na idade d'ella, não é assim?

—Diz vocemece muito bem, snr.ª Maria... Felises os que n'esta idade são resgatados do degredo da vida; porém, temos obrigação de conservar a nossa e de conservar a vida ás crianças e esperar que Deus lhes dê melhor destino.

—Então que quer o snr. padre que eu faça?—volveu ella abespinhada—Que eu vá por ahi além com esta menina e que deixe os meus filhos aqui desamparados até morrerem? Acho que a religião christan não manda isso... parece-me.

—Não manda, não... e eu não lhe disse ainda o que queria. Vocemece chamou cirurgião ou boticario?

—Mandei o meu homem chamar o cirurgião antes de hontem; mas não veio, por que ha por essas freguezias muitos lavradores com os filhos doentes de bexigas: esses pagam bem, e eu não posso pagar.

Recebi o dinheiro de tres mezes quando tomei conta da pequena, mas não cheguei a ver-lhe as cruzes. O meu homem lá o bebeu e jogou como quiz... Esta vida não se pode aturar... que m'a leve o diabo, Deus me perdôe...

—Mulher!...—atalhou o egresso.

—É como lhe digo... Que Deus me leve todos os filhos d'uma vez...

—Ha muitas mães pobres com muitos filhos, e mais pedem a Deus que lhes não leve nenhum.

—Sim? não duvido... pois quem me invejar a vida, Deus ou o diabo lh'a dê.

—Tenha paciencia... A desesperação não remedeia nada... Eu vou escrever ao cirurgião e prevenir o boticario. Vocemece não tem nada a pagar; e o mais que lhe fôr preciso, mande lá a casa, que eu lá converso com a minha irman...—E sahiu.

O padre ia cogitando comsigo: «Se Deus levasse tambem a criancinha da Dorothea...

Se Deus levasse todas as criancinhas infelizes pela miseria e pela vida peccaminosa dos pais...»

Este egresso, discipulo de fr. Manuel do Cenaculo, o arcebispo-philosopho, tinha ás vezes umas reticencias nas suas meditações asceticas que faziam muito lembrar as tibiesas de fé que assalteavam o seu illustradissimo mestre, o dilecto do marquez de Pombal, e seu docil instrumento em algumas rebellioens reformadoras da egreja lusitana contra as prescripções de Roma. Deslumbravam-no, de vez em quando, uns raios de luz mortificativos. Esses funestos lampejos de raciocinio tentador surprendiam-no principalmente quando contemplava creanças lividas de fome, andrajosas, tremulas de frio, vergastadas pela chuva e pelo norte, expiando sem culpa a vida crapulosa dos pais, ou compartilhando a miseria d'elles tambem irresponsavel. Não podia duvidar que o Creador via estas creanças, n'um recolhi-

mento de mêdo, estarrecidas e escarmentadas pelo despreso, á porta dos abastados á espera de um boccado de pão tres vezes supplicado. Mas esse pão nem sempre, á terceira vez, descia dos opulentos celeiros do lavrador rico; emquanto que os filhos do opulento, nedios e fartos, passeavam muito alegres debaixo dos olhos do Senhor, mysterioso nos seus designios. Era aquelle augusto predicado «mysterioso» que lhe abria no espirito intercadencias de tristeza, como se o seu anjo da Fé chorasse. Depois, vinha a reacção — o incessante milagre da reacção do dogma — a crença incondicional nos incomprehensiveis designios do Senhor...

*

Dadas as providencias, frei Joaquim seguiu para Val-Redondo. Ia ver a sua confessada, a viuva que já o não procurava e se escondia de toda a gente, fechando-se

no seu quarto. Não era já o avejão do marido que, a cada passo, lhe surgia dos cantos escuros da caza, o que mais a perseguia. O fantasma do padre Hilario era peor a insurgir das profundezas do abysmo; e, ás vezes, tambem via deplorativa, d'azas brancas, como o anjo marmoreo dos mauzoleus, perpassar a imagem do seu Arthur, exprobrando-lhe o crime de o atirar a este mundo com o ferrête de adulterino e de sacrilego. Como se estas visoens não sobejassem para atormental-a, imaginava que a perseguiam com o fim de a estrangularem, a irman Quiteria, a Dorothea deshonrada pelo filho, a cunhada que lhe mandára escrever por um mestre-eschola romantico de Covellas, contando-lhe miudamente os tragicos paroxismos de Roberto, e acrescentava de sua fantasia que elle, á hora da morte, a amaldiçoára em nome do Padre, e do Filho e do Espirito Sancto. Fôra o José Rato quem lêra a carta desca-

bellada com emphase proclamatoria, abemolando a voz fremente quando as ideas exigiam uma toada soturna, e trovejando-a, nos mugidos dramatologicos d'aquelle tempo, quando a imagem requeria fôrça. Havia, com certesa, intençoens canalhas nos varios diapasoens da leitura da carta. Logo veremos que volcoens de lama estuavam nos intestinaes arcanos d'aquelle funccionario de Fermêdo, radicalmente patife.

O egresso tivera noticia da carta e do leitor. Lamentou que a viuva o não convidasse a elle para ler essa carta, cujo conteudo já se repetia em todo o concelho. Esforçou-se debalde por applacar-lhe os terrores; mas não podia desmentir o hórrido quadro da morte de Roberto, já pintado espectaculosamente em um periodico do Porto com as mais negras tintas, e lido por toda a gente que se apascenta com deleite nos escandalos e nas satyras estereis. Ella já tinha ouvido dizer *que andava nas*

folhas. Mais este supplicio: «andar nas folhas.» O juiz eleito quizera declamar-lhe o folhetim; mas ella enfiára os dedos pelas orelhas e desatára a fugir invocando as almas sanctas.

O relator dos paroxismos de Roberto Rodrigues estava em Espinho quando o esquife do defuncto lhe passou á porta; e, a respeito da viuva, escrevia: *Ella mandou buscar o cadaver para ter a evidencia de que o marido morreu. Quer estar socegada.* Tudo o mais do folhetim era peor; e o José da Silva Rato queria gargantear-lhe a tosa inteira que a infeliz mulher apanhara na *Coalisão.* Um folhetim d'ambos os lados, que ainda teremos ensejo de ver entre os estilhaços destes volcoens.

Os pródromos da loucura manifestavam-se com decisiva e progressiva violencia. Fechava-se no seu quarto, punha ao pé de si um berço de páo-preto em que fôra creado Arthur, ajoelhava ao pé do ber-

ço a chorar, e ás vezes embalava-o cantando as cantilenas com que o ádormecia. Um perfeito juizo de mãe não seria capaz d'aquella excentricidade que emociona estranha compaixão. Nos cerebros transtornados pela insania fulguram lampejós de tão levantado, tão poetico e tragico sentimento que, se a razão dos entes normaes podesse sentil-os, a vida seria uma corrente de lagrimas a desaguar n'um permanente inferno. Ainda bem que á dor atroz de chorar saudades de uma creança sobre um berço vazio só estão condemnadas as mães feridas de demencia. Ainda bem.

*

Quando o egresso entrou na caza de Val-Redondo, estava Balbina sentada á beira do bêrço, correndo maciamente as mãos por sobre uns coturnos de escossia, desdobrados sobre uma coberta de chita verme-

lha franjada e muito desbotada que já tinha servido na puericia de Arthur. As meias eram do menino, ainda novas, que elle não chegara a usar. O padrinho padre Hilario dera-lhe grande enxoval e estava sempre a presentear o afilhado com fatiotas caras. O pai Roberto não dispendia nada em roupa com o pequerrucho, e, imparcialmente fallando, gostava d'isso. Balbina conservava em um bahu de folha todas as peças de vestuario que sobejara á infancia do filho por já lhe não servir, quando elle ia espigando. Ás temporadas, assoalhava as calcinhas, as piugas, as camisas de recortes e rendas, as faixas, os panos e as carapucinhas. Depois, redobrava tudo pelos vincos já marcados e encaixotava-o cubrindo-o de resêda e limonete. Estava, pois, n'este doloroso inlêvo, quando o confessor fez signal na porta do quarto, sempre fechada.

—Cá temos o berço—disse o padre muito agraciado—Já vejo um objecto que

muito preciso se me faz. Graças a Deus! Tenho uma creancinha de tres mezes a meu cargo. A creança é muito pobre, e eu pouco menos. Ella dorme em uma canastra, sobre uma enxerga de palha remoida e pôdre. Coitadinho do anjo! Este berço é magnifico para a nossa creança. Chamo-lhe *nossa* por que a pequena é a neta da snr.ª Balbina, é a filha do Arthur...

— A filha da Dorothea, bem sei... — atalhou a viuva com uma frialdade desdenhosa — Então ella não tem lá a mãe?!

— Não tem. Está no Porto a crear, por que os pais não a deixam voltar para casa sem ella engeitar a filha; e a pobre mãe preferiu ir servir para não engeitar a creança.

Contou por menores o que se passára — o encargo que elle espontaneamente aceitára de vigiar a creação da menina, muito infeliz com a ama que lhe deram. Descreveu o casebre da Lemenha, a doença contagiosa dos filhos, a alimentação de feijoens

mastigados que ella dava a uma creancinha de tres mezes que ainda não sabia engulir. Sabia o egresso impressionar coraçoens, conhecia o *si vis me flere*... «se queres que eu chore pelo que dizes, chora tu primeiro» — Lagrimava primeiro; dava o exemplo da sensibilidade; electrisava-se n'uns raptos compungidos — a poderosa poesia dos que tem na palavra o estremecimento nervoso da dor que ella exprime. Pois, d'esta vez, a viuva ouviu-o na mais estupida impassibilidade; e elle, não avesado a derrotas d'aquella especie, dizia entre si: «Estará ella de todo mentecapta? Se está, vim tarde...»

Passados alguns segundos, Balbina emergiu da sua concentração, e disse n'uma toada afflicta precipitando as palavras:

— Tudo quanto tenho heide gastal-o em missas por alma do meu Roberto. O meu filho morreu. Acabou-se... não quero saber de mais nada, não tenho mais nin-

guem n'este mundo. É a alma do meu Roberto e mais nada. Heide gastar tudo até á camisa que trago vestida, em missas por alma d'elle.

— A snr.ª Balbina — objectou o egresso — não sabe se seu filho é morto; e, quando o seja, deixou-lhe como obrigação de avó e de christan amparar-lhe a filha. As missas por alma de seu marido são louvaveis; mas para que o sancto sacrificio seja agradavel a Nosso Senhor Jesus Christo é preciso que a snr.ª não sacrifique os necessitados de pão. O divino Redemptor fallou muito em esmola, e jámais exhortou os discipulos a que negassem aos vivos o pão para o converterem em suffragios pelos defunctos. O Salvador lá tinha os mananciaes da sua misericordia para as almas dos mortos. Além d'isso, a snr.ª Balbina não póde dispender o que não é seu em quanto não se verificar a noticia do fallecimento de seu filho; e não temos sequer

uma só probabilidade de que elle não esteja vivo.

—Estará vivo?—exclamou muito alvoroçada, n'uma alacridade de mãe ao despertar feliz de um sonho afflictivo—Estará vivo o meu Arthur?!

—Porque não? Como seria possivel ter elle morrido, sem que ninguem o soubesse? A ter fallecido em Portugal de doença ou de desastre, sabel-o-hiam as gazetas ou as averiguações da policia. Se tivesse fallecido no Brazil para onde dizem que foi, os jornaes onde se publica listas dos que lá morrem, teriam dado a noticia. Ninguem viu o nome do seu filho nos obituarios do Brazil.

—Diz bem, snr. fr. Joaquim, diz bem! O meu Arthur não morreu, pois não? Heide vêl-o ainda, pois não heide?—E friccionava os joelhos com as mãos, bamboando-se na cadeira com uma jovialidade

pueril.—Dá-me a sua palavra de que o heide tornar a ver?

—Verá!—respondeu o padre com solemnidade, como se escutasse a resposta vinda do futuro mysterioso. E a firmêsa da palavra, proferida n'um tom transcendente de profecia, arraiou no semblante de Balbina uma claridade instantanea em que a sua razão transluzia. Erecta, em transporte de fé, voltou-se para o Senhor crucificado com as mãos postas, e as pontas dos dedos na barba, em oração mental. E o egresso, antes que aquella lucidez desmaiasse, proseguiu na missão de installar alli a creancinha.

—Com que alegria o Arthur hade curvar-se sobre este berço se aqui vir a menina, quando vier! E com que ternura abraçará a sua boa mãe que o amou em dôbro, protegendo-lhe a filha arriscada a morrer de fome, de frio e das doenças inseparaveis

da miseria? Ora, imagine, snr.ª Balbina, imagine o seu filho a entrar n'este quarto, e vocemecê a dizer-lhe: «Aqui tens a tua filha no mesmo berço em que eu te acalentava quando tu eras assim pequenino.» Imagine...

Fr. Joaquim ia desdobrar-lhe panoramas sentimentaes á imaginação, quando Balbina o encarou muito a fito, como espantada, com uma vista já fulgurante d'outros lampejos, e a espreitar em roda como a recear que alguem a ouvisse. Depois, aproximando-se-lhe do ouvido, a passos muito subtis, com um grande recato, e fazendo gestos de silencio no nariz com o dedo indicador:

—Olhe, snr. fr. Joaquim... Repare bem no que lhe digo. Esta caza não é do meu filho. Elle não tem aqui nada, e eu só tenho 400$000 réis que trouxe de dote. Ali está n'aquella cruz Nosso Senhor Jesus Christo que sabe que isto é verdade. O

snr. fr. Joaquim tambem sabe, pois não? O meu Arthur não herda nada. Tem só os 400$000 réis que eu trouxe. Meu marido morreu a gritar que o Arthur não era seu filho; que não era seu herdeiro; que vinha deitar fogo a esta caza; que me amaldiçoava em nome do Padre, e do Filho e do Espirito Sancto; e, n'estes arrancos, é que elle morreu e lá foi gritar contra mim deante do throno de Deus para que eu seja castigada n'este mundo e no outro. É por isso que eu quero vender tudo para mandar resar missas por alma do meu homem. Vou dar tudo ás confrarias; quero que se digam missas por alma d'elle em quanto o mundo for mundo!

Sinceramente, o egresso não atinava, de improviso, com uma refutação bem christan dos argumentos mysticos d'aquella mãe adultera. Se ella tinha e franqueava a consciencia da sua culpa, como poderia elle delir-lh'a e expungir d'essa alma ob-

sessa de remorsos o escrupulo do enorme peccado? Como é que elle, padre e medianeiro entre a justiça divina e a ré confessa, poderia catholicamente persuadil-a da tolerancia e indifferença do supremo juiz, de modo que nos bens de Roberto Rodrigues succedesse com legitimo direito o filho espurio do padre Hilario Tavares? Angustiosa conjunctura em que, ás vezes, se encontram embaraçadas as mais sans e illustradas e rectas consciencias dos directores espirituaes!

Porém, como era habil e destro em conflictos desta naturesa, o padre evadiu-se casuisticamente por um subterfugio digno do padre Laynez e do padre Simão Rodrigues, da Companhia de Jesus. Uma feliz suggestão:

—Se seu filho não pode herdar a caza de Roberto, por que era filho de outro homem, a snr.ª Balbina, sabendo que seu ma-

rido morreu na desesperação de a não poder desherdar... sabe ou não?

—Sei, sim, snr. E' verdade.

—Pois, se é verdade, tem de restituir aos parentes de seu marido os bens que possue contra vontade d'elle—vontade que seu marido mostrou com tamanha violencia que morreu de paixão por lh'a não satisfazerem.

—Valha-me o ceo! valha-me Nossa Senhora!—exclamou ella no perfeito juizo de quem se vê em crize de restituir cento e tantos mil crusados, destinados a missas.

Pelos labios de fr. Joaquim da Cruz Sagrada volitou então um sorriso indescriptivel entre a ironia e a commiseração desta lama que está sempre revendo á flor da mais catholica alma. Depois, sentando-se em uma cadeira, como no confessionario, persignou-se e mandou ajoelhar a viuva. Ella, curvada, de rôjo, soluçando a inter-

valos, ouviu-o submissa, fez actos de contricção e protestos de obediencia ao seu pai espiritual. O egresso absolveu-a, ergueu-se, mandou-a levantar, e com aspecto, a um tempo, austero e benigno, apontando para o berço:

—É preciso que venha para ali o anjo a quem eu heide ensinar a pedir a Deus por nós. Dir-lhe-ei que ha uma alma muito necessitada de oraçoens; e ,orando ella comnosco, seremos tres a pedir á misericordia divina a salvação de um grande peccador, responsavel da morte de seu marido e das suas immensas dores, snr.ª Balbina.

Ella escutava-o, de olhos cerrados, com os braços em cruz sobre o seio, e a ponta da barba apoiada nas mãos. O espectro do padre Hilario ia passando por deante do seu cerebro, a retrahir-se percutido pela refracção de uma aureola de luz sulphurosa que faiscava da fronte do condemnado a penas eternas.

*

Não havia tempo a perder. O padre seguia de perto a cerração veloz do espirito de Balbina. Por vezes, escrupulisára em a submetter aos sacramentos, pela irresponsabilidade do peccado e dos protestos de obediencia transgredidos; ainda assim, confiava em Deus e nos seus esforços ir amparando aquella alma n'um crepusculo de noite infinita. Apressava-se, pois, em trazer para a casa de Val-Redondo a filha de Arthur. Quer a avó enlouquecesse, quer se finasse, a neta ficaria ali esperando o pai; e, quando elle voltasse mais libertino do que sahira, a sua regeneração começaria ao pé d'aquelle berço. Ha na religião de Jesus, e em todas as religioens amoraveis com as creanças, caudaes de sanctissima poesia.

O seu primeiro passo foi deitar inculcas em cata de uma ama de leite; mas, se

ella não apparecesse, havia de remediar-se a creação da menina com o artificio das mamadeiras. Como lhe ficasse em caminho, foi perguntar ao medico se os dois pequenos da Lemenha estavam perigosos. O doutor, quanto aos pequenos, disse que não só os dois, mas todos cinco estavam mortalmente attacados de variola; e que o mais novo, uma menina de poucos mezes, já estava febril, e a erupção tinha começado. Em fim, não esperava que algum dos cinco se salvasse, attendendo ás pessimas condiçoens do cardenho em que estavam empilhados e mal cobertos de fetidos farrapos; que o vento esfusiava pelas grêtas mal barradas do tabique e não havia o agasalho indispensavel, nem a provocação aos suores cupiosos.

Este velho doutor sahira das antigas enfermariás do hospital de Santo Antonio com os sediços preconceitos diaphoreticos. Queria que se abafassem os doentes de be-

xigas com grossos cobertores, em recintos muito quentes, n'um suadoiro de estufa, e não se renovasse o ambiente. Com este systema conseguiu devastar a população de muitas freguezias, onde os pais dos pequenos contagiados possuiam muitos cobertores, por desgraça.

Em vista d'esta informação, sobreesteve o egresso na diligencia de descobrir ama, e passou a caza da Lemenha. Os quatro filhos estavam sobre a enxerga, a pequenita na canastra, e a ama rogava pragas, mal-dizia o dia em que nasceu, e que a levasse o diabo n'aquella sancta hora. Ella tinha pedido a Deus que lhe matasse todos os filhos, quando os feridos eram dois; agora, revoltava-se contra o Deus condescendente que abria uma sepultura para todos. A menina não pegava no seio, espumava vomitos, parecia muito afflicta, queimava como brazas e arquejava com grande cansaço. Quando o padre a examinava

com muita pena, disse a Libania desenganadamente:—Está prompta! O doutor disse que ia tudo de cambulhada para debaixo da terra... Que raio de vida a minha!

—Foi isso mesmo que vocemecê hontem pediu a Deus como grande esmola. Agora, soffra com paciencia, ou peça a Deus o contrario do que hontem lhe pediu.

—Lerias!—atalhou a mulher exasperada—Lerias, meu amiguinho! Tanto se lhe importa Deus comigo como aquelle cão que ali vai a ganir. Quem tem de morrer, morre, snr. padre Joaquim. Escreva lá!

—Assim é. Todos temos de morrer, pobre mulher. A sua vida é triste, bem vejo; e, melhor do que eu, a vê o Altissimo que hade ter piedade das suas mortificaçoens. Não se impaciente. Eu vou mandar-lhe alguma roupa. Cubra estes doentinhos. O doutor disse que era preciso muito agasalho. Mande a caza de minha irman bus-

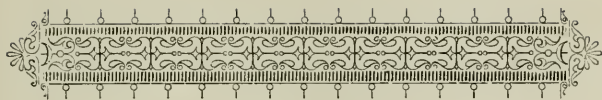
car o que lhe for preciso, e entregue a Deus a sua sorte e mais a d'elles.

*

Ia o padre diariamente visitar a filha de Dorothea. Ao setimo dia, morreram os dous primeiros attacados. Tinham a cara excoriada, pustullosa a pelle dos braços e peito com escamas, *pelle de lixa*, que é o nome das bexigas fataes. Os outros dois deliravam, amodorrados, com as costellas negras. Morreram d'ahi a dois dias. A neta de Balbina, coberta de nodoas rôxas, parecia morta, em começo de putrefacção; apenas dava signaes de vida pelas hemorrhagias de um sangue esbranquiçado com laivos filamentosos. Ao setimo dia, expirou, quando as bolhas esvurmavam pus amarellado.

O egresso, que estava presente á ultima espiração da creança, disse com a sere-

nidade augusta da fé: «Melhor está ella na vossa guarda do que na minha, meu Deus! Bem sabieis que eu não poderia livral-a dos precipicios da avó e da mãe. Bemdito sejaes, Senhor!»

VII

Foi aviso a Dorothea do fallecimento da filha. O Canastreiro jubilou com a morte da neta, e o José Rato sentiu-se aliviado de um peso que molestava a sua dignidade interessada em futuros projectos complicadissimos.

A Dorothea estava a crear em caza do rico industrial, fabricante de sêda, Ladisláo Melitão socio do Flórido

Sanches. Firma da fabrica—*Melitão & Flórido.* Eram duas familias abastadas que se tratavam com bastante luxo relativo. Em abril iam primaverar na quinta do Flórido em Campanhan. Merendas de peixe frito e alface nos caramancheis tecidos de baunilhas e jasmineiros. No estio, banhos no Douro, no Areinho, defronte da Pedra-Salgada. No outono, tinham casa balnearia em Mattosinhos. No inverno, frequentavam o theatro nacional aos domingos de tarde. As duas familias, em que floreciam madamas muito estimadas na alta burguezia, choravam quando se representava *Trinta annos ou a vida de um jogador* e *Carlos 3.º ou a inquisição de Espanha*, e outros espectaculos em que a Grata e o Gusmão arrancavam soluços dos camarotes. As senhoras tambem se esbandalhavam a rir no *Rachador escossez*, representado pelo *Grilo-Cocho* um gracioso, rival do *Fontainhas*, que era a herva sardonica dos portuenses, e ainda hoje

se faz lembrar saudosamente nas *soirées* das damas archeologicas, redusidas á sueca, ao quino e ás reminiscencias de meio seculo. Além d'estas regalias, as duas familias consociadas, *Melitão & Flórido*, possuiam carroção tirado por vaccas, e a libré privativa d'esta equipagem—um garôto descalço, de carapuça azul, com uma aguilhada de lódo e faxa vermelha. Pompeavam a vida faustosamente *Melitão & Florido.*

Ladisláo, sujeito de quarenta annos, espaduas quadradas, thorax leonino, sedoso e polpudo, gorja de toiro barrosão, temperamento de kalifa nos ardores da Libya, cazára com D. Anathilde Flórida, filha do Flórido Sanches, donzella de desesete primaveras; e d'esse enlace não auspicioso lhe adviera a sociedade com o sogro e a riqueza. A menina Anathilde era de uma magreza historica—a das primeiras vaccas do sonho do pharaóh. Desde os treze annos que a abeberavam de oleo de figados de

bacalháo e ferro chicolatado, sem conseguirem embaciar-lhe a transparencia com as gorduras oleosas da therapeutica. Quando casou, lembrava uma mumia roubada ás pyramides do Egypto. As proeminencias malares davam-lhe geitos de um cynocephalo-femea; a maxilla inferior parecia retrahida pelas cordoveias nodosas do colo, e as orelhas diaphanas, pensís, destacavam-se do rochêdo como duas grandes cascas abertas de favas sêccas. As sciencias medicas vaticinaram que ella, se cazasse, engordaria; e, se concebesse, melhor. Casou e concebeu prosperrimamente; mas o prognostico da nutrição falhou. Cada vez mais descellulada de chorume, os musculos lixados e pergaminhaceos, o peito escadeado, a cintura mais larga que os quadrís. Tinha attingido o vaporoso dos poetas d'aquelle tempo. Era o Ideal corporalisado na Parca.

O menino que ella deu á luz, por um d'esses vulgares desconcêrtos da natureza,

sahiu robusto. Era o pae genuino, refractario a duvidas e suspeitas; e, para bem o digamos, ninguem suspeitaria, ainda que o menino sahisse monstruoso. D. Anathilde Flórida gosava de ressalva no ámago da mais corrompida sociedade. Era anesthesica o mais que se pode, depois da camphora.

A Dorothea, pois, creava este menino que raras vezes ia aos braços anemicos da mãe, incapases de o sustentarem.

A sobrinha de Balbina recuperára a belleza quebrantada pelas paixoens e alimentos pouco fibrinosos da tia Toqueriné. Estava gorda, desempenada, com umas ilhargas de maiata, e uns braços torneados, pennugentos, de refêgos rosados nos cotovêlos que não tinham coisa que os rivalisasse em bisarria a não ser as pernas pouco cautelosas de Dorothea. Ella deixava-se adivinhar, na totalidade, quando punha o pé na borda de uma cadeira para ageitar o menino aos seios tumidos, na apojadura.

E Melitão reparára muito, de mais talvez, elle, o sanguineo, de espaduas quadradas, marido da conjunção hypostatica de uma briza com um periosteo. Confrontára com a possante Dorothea a langorosa Anathilde, n'um desfallecimento hypnotico, sempre reclinada na *chaise-longue*, a lêr romances dissolventes da *Bibliotheca das Damas*, e a chorar por conta dos personagens infelizes. Raro sahia do seu *boudoir*, forrado de papel caro, estampado de sultoens e odaliscas, com gravuras molduradas a oiro, pendentes de cordoens escarlates, representando Dido a morrer de amor, posto que o auctorisado Virgilio nos conte na *Eneida* que ella falleceu de hemorrhagia. Havia mais o suicidio de Bruto; Cornelia, mãe dos Gracchos, mostrando as suas joias nas pessoas de seus filhos; Coriolano e sua mãe Veturia; mas o Melitão, indifferente á historia romana lithographada, olhava de soslaio para Dorothea com o dorso coris-

cado de picadellas muito quentes, e dizia comsigo: «Assim é que eu precisava de uma mulher, palavra d'honra!»

Começou a vir da fabrica, mais vezes que o costume, ver a sua consorte e o seu Alvarosinho. Entrou na crise de palerma, a dizer graçolas, a attacar os effeitos comicos das malogradas semsaborias, a procural-os na cara da ama. Ella, ás vezes, sorria-se por condescendencia, e Melitão rejubilava. A languida Anathilde sempre a tosquenejar, se o marido se detinha nas trivialidades do seu cavaco; outras vezes, em quanto elle latia de cão e grugrulejava de perú ou miava de gato ao pequeno, nos braços da ama, a esposa, enojada do grutesco brutal d'aquellas mimalhices, pegava do volume da *Bibliotheca das Damas* e continuava a novella interrompida, desdobrando a pagina. Mas começava a desconfiar da honestidade conjugal do marido — a espreital-o disfarçadamente.

Na correnteza d'estas cousas, recebeu Dorothea a noticia da morte da filha, perdeu a vontade de comer, sentiu-se adoentada, e disse á senhora que se retirava para a sua terra, para a companhia de seus pais. O José Rato escrevia-lhe todas as semanas, no tom apaixonado que a sua saudade lhe ditava. Ella não ousava responder-lhe na mesma afinação; mas, no intimo de seu peito, agradecia-lhe aquelle amor inabalavel por ella, tão ingrata para quem a quizera para esposa, e tão cegamente escrava do perfido primo que a perdêra e abandonara. Respondia-lhe com modestia de infeliz, indigna do seu amor, fazendo sempre votos aos ceus para que José Rato encontrasse creatura que o merecesse. Ah! elle tinha sido a sua primeira paixão!

Fez-lhe saber o Rato que tendo morrido a creança, os pais a receberiam com a melhor vontade. Que a mãi chorava sempre por ella, e o pai lhe tinha dito a elle

que as nodoas cahiam no melhor pano; e que, se a filha ganhasse juizo, não se lhe importava que ella viesse para casa, porque não tinha outra, e a alguem havia de deixar uns dois mil crusados que arranjára com muito trabalho.

D. Anathilde não podia supportar a pêrda de tão boa ama, e pediu-lhe que ficasse, que não lhe deixasse o seu filho, sem ter achado quem a substituisse. O estado moral de Melitão era um desalento, uma tristeza mal dissimulada que espicassava as desconfianças da esposa.

Incidiu este desastre com o maximo fervor da sua apaixonada cegueira pela môça. Desafogava em lastimas decentes pretextadas com a desgraça de seu filhinho perder tão boa ama. Pedia-lhe que não os abandonasse. Augmentava o dôbro do salario; e, com as lagrimas a envidraçaremlhe os olhos, dizia: «Meu querido Alvarozinho, pensei que, em vez de uma ama,

adquiriras uma amiga para todo sempre!»

Tinha labia o velhaco; e, como diz o anexim, «punha o ramo em uma porta e vendia o vinho na outra». Os olhos no pequerrucho, e o coração na ama.

E D. Anathilde Flórida a desconfiar, pedra no çapato, e a Dorothea a teimar que procurassem ama quanto antes.

Aconteceu encontrar-se Melitão, a sós, com Dorothea, quando a esposa passeava o seu leite de burra no jardim. Aproximou-se d'ella, bastante inflammado, com os olhos a espirrar lascivia e a face retinta d'um colorido pudibundo. Assim mesmo, a ama tomou-lhe medo, um susto virginal, e fez pé atraz, aconchegando do seio o menino como uma defeza a brutos apalpoens. Elle então sacou da algibeira das pantalonas uma bocetinha de velludo escarlate, abriu-a premindo a mola, expoz aos olhos fascinados da rapariga um bom diamante encra-

vado em annel de ouro, e disse balbuciantemente:

—Dorothea, acceite-me esta lembrança; peço-lhe segredo, e rogo-lhe por alma da sua filha que não se vá embora.

Muito atrapalhado, bem se vê pelo topico da alma da menina que morrêra com quatro mezes de edade! O caso é que Dorothea estendeu o braço horisontalmente, abriu a mão, recebeu a bocêta, fechou a mão, e metteu-a na algibeira do paletó de alpaca.

Melitão, de orêlha fita para o lado do jardim, deu tento das passadas da mulher, ringindo as botinas denunciantes pela escada acima, e safou-se pé ante pé.

D. Anathilde tinha o olfacto subtilissimo das tysicas, a membrana petuitaria tão dessorada que todos os effluvios lhe penetravam nos poros permiaveis. O marido exhalava um cheiro particular a drogas de fabrica de tecidos, um perfume ammoniacal

que o annunciava a distancia. Quando entrou na salêta em que a ama, n'uma atarantação de compromettida, estava aleitando a criança, Anathilde poz-se a fariscar o ambiente, peorando o formato do orgão olfactorio no arregaçado e franzido das azas nazaes.

—O snr. Melitão esteve aqui?—perguntou azedamente.

—Esteve sim, minha senhora—respondeu a ama, empallidecendo, muito enfiada.

—Elle que queria?

—Nada, acho eu. Fez mimos ao menino e foi-se embora.

—Ah! bem.

Desceu para a casa do almoço. Ia fula n'uma irritação de suspeita confirmada, ferida no seu coração de esposa, e mais ainda na consciencia de sua fealdade original, comparada com a bonita mulher em que muitas vezes vira embasbacados os olhos do marido.

Aquelle especimen de collegial franzina, mortiça, algida, e como indifferente para tudo, agora apunhalada pelo ciume ou pela vaidade, transforma-se, transfigura-se, vibra em convulsoens de raiva, e desce as escadas muito aprumada, batendo o tacão nos degraos e agitando os braços como quem os sente capases de esganar um marido infiel. Ninguem diria que aquelle galvanisado fenomeno osteologico pertencia ao sexo timido! Cuidar-se-ia antes que bebêra n'aquella manhan o sangue irascivel de leôa, e não o calmante leite de jumenta. As arterias frontaes, em alto relêvo azul, papejavam muito grossas de calibre. O nariz, como espiraculo da cratéra interna, fumegava. De vez em quando, tirava da abobada palatina com a ponta da lingua uns estalidos como as cegonhas. Feia e escamada senhora!

Quando se assentou á meza a trinchar um bife de grelha, dava facadas no prato,

e por debaixo da banca raspava no taboado com as botinas n'um phrenesi cancanista de pernas que habitualmente, pela fraqueza, pareciam uns suspensorios milagrosos. Melitão estava espantado, e não sabia o que era aquillo, a menos que Dorothea estupidamente denunciasse o segredo do annel. Parecia-lhe impossivel tamanha brutalidade! Ou daria sua esposa fé que elle subiu, á surrelfa, do escriptorio ao 2.º andar?

—Ó ama!—chamou Anathilde—traga cá o menino para vêr o papá, que ainda hoje o não viu. Pois não é verdade? tu ainda hoje não viste o Alvaro, pois não?

Melitão açafroava-se até aos lobulos das orelhas e gaguejou:

—Sim... eu já o vi de passagem...

—Onde?

—Lá em cima.

—Que foi o snr. fazer lá acima, não me dirá?

—Ia ver o menino.

—Mas o seu costume é vêl-o pela primeira vez ao almoço.

—Cuidei que estaria comtigo...

—Comigo! ora essa! pois você deixou-me no jardim á passear o leite e foi-me procurar ao 2.º andar? Que trapalhão!

Dorothea ouvira este dialogo, e em vez de entrar desembaraçadamente para auxiliar a innocencia do patrão, fugiu com o menino, protestando ir-se logo embora.

—Ella tem mais vergonha que o snr. Não quiz entrar...—notou Anathilde dando fé que a ama se retirara.—Tenha tambem vergonha você que é um homem velho. Já era tempo de ter juiso n'esse miôlo.

Melitão assanhou-se, levantou-se de salto, atirou com o talher de encontro ao *plateau* e vociferou:

—Sabes que mais? Vae para o diabo que te carregue que eu não estou para te aturar, ouviste?

E safou-se para a fabrica, golphando fumaradas pela rua do Bomfim acima.

Sem interpor tempo nem reflexão, D. Anathilde chamou o creado de mêza, e mandou-o a todas as inculcadeiras procurar uma ama, e que trouxesse a primeira que encontrasse. Movia-se por toda a caza, d'alto a baixo, galgando as escadas como um andarilho. Os arames arqueados do merinaque raspavam sonidos metalicos nas pernas das cadeiras e nas arestas dos degraos. As saias ruflavam. Um turbilhão de musselina, uma tempestade magnetica formada n'um agulheiro de ossos. Abria e fechava gavetas e bahus e guarda-roupas. Acamava vestidos e encofrava joias nos escrinios. Fazia e desfazia. Atirava as *toilettes* de baile ao chão, e removia-as a pontapés. Nem uma lagrima, nem um insulto hysterico. Não perguntava pelo filho nem pela ama, que subira ao terceiro andar, e estava tambem entroixando á pressa as suas coi-

sas em uma caixa de pinho que trouxera da aldeia.

Dorothea resolvera sahir, quer a substituissem, quer não. N'essa manhan tinha lido a ultima e mais desorganisadora carta de José da Silva Rato Junior. Dava-lhe parte que havia morrido, em fim, o juiz do supremo tribunal com quem estava a sua tia Thomasia, e que lhe deixára a ella o melhor de 15 mil crusados em propriedades rusticas. Esperava ser com toda a certesa o herdeiro da tia Thomasia, e concluia com estas phrases penetrantes: *Serei brevemente rico; mas, ai de mim! a felicidade do coração que me mataste, Dorothea, essa nunca jamais a terei!!!* Ella sentia-se impulsionada pelo remorso a ir chorar sobre o coração morto d'áquelle homem, futuro herdeiro da tia Thomasia, e todavia condemnado a uma eterna viuvez! Matara-o ella; e elle, tão bom, perdoava-lhe! Um anjo, o seu Rato!

*

O creado demorára-se pouco. Entrou com uma ama chegada, havia pouco, de Amarante,—um alfôbre de amas, grande exportadora para os alcouces. Era uma mulheraça pujante e barbaçuda.

—Vae chamar a ama—ordenou D. Anathilde á creada de sala, e que traga o snr. Alvaro ainda que elle esteja a dormir.

Desceu Dorothea com o menino, timorata e receosa de pancadaria, morta por esgueirar-se.

—Entregue o menino a esta ama—disse a senhora, sem a encarar—Eu vou sahir com ella para casa de meus pais, e você fique no meu logar.

—Isso é que não!—acudiu Dorothea gesticulando com os dois braços, com a cabeça, com os quadrís, com tudo—Isso é

que não! Eu heide sahir primeiro, e é já, e é já!

—Quanto se lhe deve?—perguntou Anathilde já modificada.

—Não sei, nem me importa. Se nada me quizerem dar, tambem vou contente— e retirava-se muito peneirada.

—Espere ahi, mulher!

A senhora fez as contas mentalmente, tirou pelo puxador de uma gavetinha de *toilette*, e entregou-lhe em soberanos o ordenado de um anno.

—Isto é de mais...—obviou Dorothea —Eu só cá estive seis mezes, e já recebi tres moedas por conta.

—Fique com o resto, visto que você é mais honesta do que eu suppunha e era de esperar. A culpa não a tem você. Póde ir, e adeus, seja feliz.

—A mesma sorte lhe desejo. Passe muito bem, minha senhora.

Quando um gallego descia com a caixa

de pinho ás costas entrava Ladisláo Melitão, adivinhando o cataclismo — Que caixa é essa?! — perguntou. — Que a dona vinha ahi atraz, explicou o gallego.

Dorothea appareceu no patamar, muito desengonçada, muito vermelha, mais espectaculosa do que nunca.

— Você onde vae! onde vae? — perguntou o fabricante estupefacto, com os olhos espipados.

— Vou para minha casa. Passe V. S.ª muito bem.

Mas o melhor da passagem, como diria o snr. Antonio de Serpa, é que Dorothea não restituiu o annel a Melitão. O esquecimento é desculpavel pela atrapalhação da sahida. — Que espiga! — dizia elle esmagado n'alma sob o peso da catastrophe, e de mais a mais com a perspectiva das borrascas domesticas, bravas luctas com a esposa — o ôsso da sua carne!... — Que espiga!

*

N'este tempo, chegaram ao correio de Fermedo cartas vindas da India, uma para *Balbina Candida Rodrigues*, outra para *Alexandre de Pinho*. Este Alexandre era o juiz ordinario do concelho, antigo amigo e parente dos Rodrigues de Val-Redondo. Como a caligraphia dos sobrescriptos fosse identica, Rato e o irmão subtrahiram as duas cartas. Na de Balbina dizia Arthur á mãe que estava espantado do seu silencio — que nunca recebera de sua familia uma só carta, havendo escripto trez. Participava-lhe que já era alferes, e tencionava pedir licença para vir visital-a tão depressa realizasse o seu cazamento com uma rica viuva a quem amava e devia grandes finezas e provas de amor, velando-o nas suas enfermidades, e cicatrisando-lhe as chagas da saudade da patria e da familia. Para isso, pedia

que lhe remettesse a sua certidão de idade e outra do parocho a certificar que não havia impedimento canonico para poder cazar. Instava muito pelos dois documentos e perguntava pela saude do pai a quem enviava muitas recommendaçoens.

Na carta ao seu parente Alexandre de Pinho rogava-lhe que fosse a Val-Redondo, e visse a carta que elle, na mesma data, enviava a sua mãe, e apressasse o conseguimento das certidoens que pedia; e, na hypothese de que a mãe não houvesse recebido a carta, ou não quizesse responder-lhe, como fizera a outras, explicava-lhe quaes eram os documentos pedidos. Fallando da mulher com quem ia cazar, esclarecia que era uma viuva com 8$ rupias de renda pouco mais ou menos, dous contos de reis, moeda portugueza; muito galante senhora, de quem já tinha um filho que era um encanto.

Nenhuma das cartas chegou aos desti-

natarios. José Rato fermentava, nas suas vigilias, uma enorme ribaldaria, que não era singular, nem rara n'aquellas terras.

Sabia-se que elle frequentava muito a caza da Joanna Toqueriné;—já o egresso, que tivera a denuncia de taes conciliabulos no latibulo da *corpo-aberto,* estava preparado para qualquer canalhice maior da marca.

Ao mesmo tempo constava-lhe que o Rato Junior voltára a visitar miudamente o João Gaio depois que a filha regressára do Porto. Uns diziam que elle era o *amigo* da Dorothea; outros asseveravam que o Rato namorava a rapariga como antes do êrro, e vinha a cazar com ella como dois e dois serem quatro. O egresso achava possivel qualquer das hypotheses, e andava triste. Elle tinha imaginado aproximar Dorothea da tia Balbina, já que Deus levára a creança, o anjo de paz, o reconciliador d'aquella pobre velha com as allucinaçoens da sua consciencia. Chegára a tentar,

por longe, a emprêsa, sondando o coração da viuva. Achou-a rebelde. Não perdoava a Dorothea ser filha de sua irman Quiteria; e, interrogada pela rasão de tamanho odio, tartamudeava, engasgava-se, e acabava por bradar que a queriam matar. Não obstante, o confessor ainda esperava abrandal-a nas intermittencias lucidas; mas essas eram já tão raras e fugidias que nem para o acto da confissão deixavam clareira. Por outro lado, frei Joaquim desanimava do seu proposito, ao passo que as atoardas da segunda queda de Dorothea ganhavam muitas probabilidades. A verdade era que José Rato entrava com a antiga franqueza de noivo em caza do João Gaio; mas a cauta Quiteria não se apartava da filha, de dia nem de noite, por que dormiam juntas. Estava escaldada.

N'isto, sem se lhe conhecer a procedencia, divulgou-se a noticia da morte do Arthur no Rio de Janeiro onde fôra ajudante

de guarda-livros. A mentira não promanara de José Rato. Repetiam-na todos, citando dezenas de pessoas bem informadas que a tinham espalhado nas feiras e nos adros á missa do dia. Balbina recebeu a nova communicada pelo vigario que já tinha resado por alma do Arthur, no decurso de dois annos, uns trez centos de missas, a cruzado. D'esta vez, o pastor vinha lembrar áquella ovelha ligeiramente tosquiada e com espessa lan para muitas tosquias, a necessidade de officios e suffragios, a verificar-se a triste noticia.

Balbina já não chorava. As lagrimas são o desafogo das dores que vibram o cerebro normal. Essa expansão sorosa não é uma necessidade para os dementados, nem as afflicções irracionaes espertam vitalidade no ducto das lagrimas. A lava do cerebro queimou tudo isso.

Ella ouviu o vigario com uma fixidez de olhos aridos que não davam de si algum

signal de surpreza nem de angustia. Passados minutos, dizia que lhe trouxessem o corpo do filho para o amortalhar por suas mãos. O clerigo dava explicaçoens: que o Arthur, tendo morrido no Brazil, já devia estar enterrado ha muito tempo; que o mais que poderia vir de lá eram os ossos. E questionavam a este respeito: ella insistindo, como louca, na exigencia do cadaver do seu querido filho; elle, illucidando com a mais estupida boa fé a impossibilidade da exhumação do defuncto em decomposição. Quanto a suffragios, nada se decidiu. Afinal, o reitor foi dizer lá fóra que Balbina, se não estava de todo azoratada do miôlo, estava muito telhuda.

*

Fr. Joaquim ouvira a noticia repetida por centenares de pessoas, e não acreditava. Resolveu, de indagação em indagação,

chegar á fonte d'onde promanára o boato. Póde descubrir que n'uma feira mensal de Arouca o primeiro que déra a noticia do fallecimento do Arthur no Brazil fôra o brazileiro da caza amarella das Quintans. Montou-se na egua do cunhado e foi ás Quintans. O brazileiro disse-lhe que a noticia lhe fôra dada pelo Pinto Rocha, outro brazileiro que morava d'ali distante legua e meia; mas que tinha ido para o Rio trez dias antes; ainda assim, como na caza havia um padre, irmão do brazileiro ausente, esse poderia ministrar esclarecimentos bastantes. Fr. Joaquim foi pernoitar a caza do padre seu conhecido. Então soube que effectivamente seu irmão trouxera a tal noticia de Oliveira de Azemeis onde a lêra no *Diario do Governo*, em caza do deputado do circulo. O egresso começou a acreditar que Arthur tivesse morrido, visto que a noticia sahiu no *Diario do Governo;* porém, como queria retirar-se com a certeza para dirigir

os actos da viuva como christan e mãe, sahiu d'ali para Oliveira, com uma carta de apresentação ao deputado, que felizmente estava em caza. Lembrava-se muito bem o legislador. Tinha lido essa noticia, quinze dias antes, no *Diario do Governo.* Foi buscar os numeros correspondentes aos dias provaveis em que a lêra; e, examinando um d'esses numeros nas listas dos obitos enviadas pelo consulado, exclamou:

— Aqui está!

— Então é certo... — disse o egresso.

O deputado leu: *Fallecimentos no dia 17. Arthur Gonçalves, guarda-livros, idade 29 annos, febre amarella...*

— Não pode ser — objectou fr. Joaquim — O meu visinho chama-se *Arthur Rodrigues Tavares;* esse que morreu tinha 29 annos; o meu visinho deve ter, quando muito, 22. Aqui tem V. Exc.ª como se arma e propaga uma falsidade, sem má intenção. Pode ser que Arthur Rodrigues haja mor-

rido; mas com certeza não era esse Arthur Gonçalves que Deus tenha em sua presença.

*

Fr. Joaquim desmentiu a noticia, contando o processo trabalhoso de que se servira; mas a opinião publica não prescindia da morte do Arthur Tavares. Balbina man teve-se indifferente ao desmentido como á veracidade da balela; mas, uma vez por outra, pedia ao seu director espiritual que mandasse vir o cadaver de seu filho para o sepultar em um jasigo que mandára fazer na sua capella. Balbina Candida não tinha capella nem mandára fazer jasigo algum.

— Está perdida! — dizia o padre, vendo malograr-se todo o esforço que empregara para ir amparando aquella froixa luz vasquejante, com o amor de alguem que tomasse á sua conta restaurar o coração da desgraçada peccadora. A nétinha mor-

rera, fugira como um anjo que não queria manchar as suas azas na turpitude d'aquella familia. A Dorothea provavelmente atirava-se outra vez ás garras do vicio. O Arthur, se fosse vivo, era um monstro despresando a mãe; se era morto, nunca mais poderia vir tentar um milagre em que o poder divino não queria intervir, apesar das suas reiteradas supplicas deante do altar.

Voltou-se para a medicina. O cirurgião que tinha mandado calafetar as portas e frestas para que o ar não entrasse no ergastulo dos filhos da Lemenha, agasalhados em cobertores grossos, foi examinar Balbina. Interrogou-a sobre dores de cabeça; sobre cheiros, se sentia cheiros ou sabores extraordinarios, se ouvia vozes, se umas pessoas se lhe figuravam outras; se tinha appetite e se dormia.—Que comia muito bem, e dormia até de manhan; e, quando acordava de noite, rezava ao seu anjo da guarda, e tornava a adormecer. Que só comia sopas de

leite e caldo, por que estava muito pobre, e não podia comprar mais nada; que assim que lhe levassem as vaccas de leite e a horta, morreria de fome. Tudo que havia n'aquella caza era dos parentes do seu defuncto Roberto; que trouxera 400$000 reis; mas esses que já os gastára em missas por alma de seu filho, que a estava esperando á porta do céo.

O cirurgião tinha percebido: não precisava de diagnosticar a doença orientado pelos cheiros. Retirou-se encolhendo os hombros: que não havia nada que lhe fazer.

Veio um medico do Porto, o Fortunato Martins da Cruz. Esse, sem a interrogar, depois de ouvir a exposição do collega, disse ao egresso que a mandassem para Rilhafolles, onde ella iria receber algumas sangrias, alguns causticos na nuca, emborcaçoens frias á cabeça, uma camizola de força e algumas chicotadas, se não estivesse quieta. Que podia talvez curar-se, por não haver lesão sensi-

vel, nem desconformidade craneana, nem talvez herança de alienados na geração de Balbina. Como se dera um forte repuxão áquelle cerebro fraco, poderia ser que uma reacção salutar se operasse com o auxilio therapeutico, com as distracçoens e o affastamento da localidade em que se manifestou a loucura. Mas sobre tudo, snr. padre Joaquim — acrescentou o doutor — muito cuidado com a religião, nada de fanatismo, nada de lhe incutir que o filho está á espera d'ella á porta do céo. Desculpe...

— Está desculpado, snr. doutor — obtemperou o egresso — A religião que eu tenho empregado no curativo d'esta pobre alma é santissima e estreme de fanatismo. Andei a vêr se pelas veredas luminosas da caridade a levava á quietação da alma perturbada por amarguras que a minha obrigação de confessor me manda calar. Nada consegui. A religião sacratissima de Jesus poderia produzir melhores fructos espiri-

tuaes, ministrada por outro sacerdote; mas eu não pude sequer collocar ao lado d'aquella pobre enferma uma parenta, uma amiga que lhe amparasse a cabeça nas ancias da agonia. Emfim, não ha que esperar. É deixal-a soffrer e morrer.

— Morrer, sim; ora agora, quanto a soffrer, ella não soffre nada. Convença-se de que a massa cerebral desorganisada não tem a sensibilidade dos orgãos sadios. Tem sonhos. Sabe o que é um doudo? é um sonhador permanente. Deixe-a sonhar, no seu sepulcro, viva, até que accorde no turbilhão eterno da materia desaggregada.

— Eis aqui um sincero materialista! — disse entre si o egresso — Praza a Deus que seja verdade o que elle diz — que a pobre mulher sonhe sem soffrer; e não acorde jamais, se a rasão lhe hade ser um flagello como foi até a dementar. Praza a Deus!...

VIII

O amor tyranno devastára a zona psycologica de José da Silva Rato. Dia a dia, a paixão inexoravel foi desabando os pilares que o exalçaram a juiz eleito, delindo-lhe os predicados dignos d'essa magistratura entre os seus concidadãos. Perdêra inteiramente a vergonha, e atapulhara na consciencia, como em uma latrina, todas as immundices precisas para germinar

lá dentro as flores da grinalda nupcial de Dorothea. Os irmãos, gente de gravata e bem relacionada, insultaram-no quando souberam que elle premeditava cazar com a filha do Gaio, notoriamente deshonrada. Elle não repelliu a affronta, resvalando o golpe da calumnia. Confessou altivamente a sua paixão; e, gloriosa ou infame que ella fôsse, da sua sorte era elle o arbitro, e não admittia chalaças criticas, nem dava satisfaçoens á canalha. Allegou em sua defeza que um heroe romano, — parecia-lhe que era Bruto — muito mais sabio de que elle, dissera que a honra não passava de uma palavra. Ajuntou eruditamente que em algumas nacionalidades citadas pelos geographos a honra correspondia á deshonra de outros paizes; e que entre os homens se dava a mesma desigualdade na vaga e arbitraria qualificação da tal honra. Os irmãos inconvictos chamavam-lhe bêsta, cynico e estygma indelevel de uma familia que con-

tava, desde os Ratos do seculo XIV, doze geraçoens de homens de bem. O administrador do correio de Fermêdo, que abrira as cartas do Arthur, era um dos membros da duodecima geração, e a tia D. Thomasia Rato, a Egyra de defuncto juiz do supremo tribunal de justiça, tambem era da duodecima, e ambos participariam do ferrête da infamia, se a degenerada vergontea se enxertasse no tronco pelintra do Canastreiro. Muitas familias illustres se tinham perdido assim.

Nem as injurias nem as ameaças dos seus desorientaram o juiz eleito. Porém, uma hervada frecha do destino lhe estava apontada ao forte peito.

A tia Thomasia de quem elle esperava evidencialmente herdar os 15$ cruzados, e de cuja saude se informava a miudo para estar em dia com as molestias que lhe destroçavam os setenta annos, a infame Thomasia casara com o barbeiro do fallecido

magistrado, dotando-o com todos os seus bens. Ella havia promettido ao sobrinho a herança, quando se julgava intangivel a Cupido, depois de meio seculo de activo amor, em cujos annaes contava abbades, alferes e até capitães de ordenanças, jurisconsultos bastantes, e a final o seu ultimo defuncto juiz que pagára por todos. Era seu firme proposito dispôr de tudo a favor do sobrinho José que nunca a desfeiteara por causa do seu obsceno comportamento; mas um Figaro das portas de Santo Antão, um escanhoador fadista, logo que o ex-juiz transpôz os umbraes da porta da rua e os da eternidade, metteu-se dentro da casa do defuncto, violou Thomasia, accendeu a chama antiga que pegou na velha como em retraço de palha sêcca, e vae depois casou com ella, fazendo-se previamente dotar. Uma pechincha que o indemnisou de muitas decepçoens que soffrêra na politica, sempre fiel

aos setembristas e sempre victima do cacête cabralista nas eleiçoens.

Este desastre afervorou intensamente o amor de José Rato. Dorothea era já agora a sua unica taboa de salvação; acolhia-se ao amor da môça n'uma timidez de infeliz pupillo escorraçado pela familia. Era o seu refugio derradeiro e unico aquelle semblante aberto em que via arraiar-se-lhe um sorriso confortativo. É, todavia, certo que Dorothea ignorava o casamento da tia Thomasia; e não pode, por tanto, acentuar-se irrefragavelmente a dedicação desinteresseira da rapariga ao seu desherdado amador.

*

Que irá fazer tanto a miudo o Rato a casa da Joanna Toqueriné?—perguntava-se. As linguas perversas intrigavam que a casota da Toqueriné era o ninho em que a sobrinha largava uns filhos e chocava os

ovos dos outros. *Era a casa da tia,* calemburisava o povo, jogando de vocabulo maliciosamente.

Depois da catastrophe do casamento da violada Thomasia, o Canastreiro acompanhava o juiz-eleito á choupana da irman, por horas mortas, e ahi passavam horas a portas fechadas. O mysterio ia estoirar.

Um dia, estalou a noticia de que a alma do defuncto Arthur fallava no *corpo-aberto* da Toqueriné, e pedia a brados afflictos que lhe fallasse a mãe, e que não podia entrar no purgatorio emquanto não fallasse com ella. O primeiro intruso em Val-Redondo a levar a noticia a Balbina foi o vigario, o das trezentas missas adiantadas a cruzado, e promotor das malogradas exequias. Este padre Leonardo não podia consolar-se das inuteis avançadas que fizerá para explorar a viuva sempre vigiada pelo egresso, aquem o prior odiava intranhadamente. Tamanho odio exulcerava-se na invulnerabilidade dos

creditos de frei Joaquim, um sancto que nada tinha de seu; que mendigava aos ricos para dar aos pobres; que esmolava os dôse vintens que recebia nos enterros e nas missas, e deteriorava as rendas da irman — que o agasalhára expulso do seu convento — induzindo-a a demasias de caridade superiores ás suas posses.

Balbina, desde que os medicos a visitaram conduzidos pelo confessor, começára a desconfiar d'elle, a suspeitar que, para certos fins, o egresso e os facultativos a queriam matar, envenenando-lhe o leite. Figurava-se-lhe que elle e os medicos e a irman do marido se conchavaram para a vendimarem com peçonha. Era ella quem ia á córte mungir as vaccas, e levava a pichôrra cheia ao vigario para que lh'a benzesse. O exorcista do leite, em breve trecho, conseguiu avantajar-se ao frade no predominio sobre o espirito de Balbina; e, como o outro não queria já confessal-a, pela sua irresponsabilida-

de de mentecapta, a viuva sentiu-se muito consolada aos pés do novo confessor, e mandou-lhe quarenta alqueires de milho e um cevado de presente. Estava, pois, o vigario no veio do minerio.

Quando elle foi contar-lhe o que se dizia a respeito do espirito do filho, domiciliado interinamente no corpo da irman do Canastreiro, e referiu as lamentaçoens que a alma penada fazia, Balbina, exagitada n'um desassocego inapplacavel, gritava que queria ouvir a alma do seu Arthur—que lhe fossem chamar a Toqueriné. O vigario, quanto a estupidez, estava áquem da crença nos *corpos-abertos;* ria-se da velhacaria da Toqueriné, e muitas vezes dissera que ella merecia que lhe abrissem deveras o corpo a pontapés, dando-lh'os na barriga até que a alma do defuncto sahisse pelo lado opposto. Muito mais pôrco nos seus dizeres o padre Leonardo. Era um Zola illiterato, incapaz da propaganda de vocabula-

rios sulphydricos para uso das familias orientadas; mas tinha lido o *Homem dos tres calçoens* de Paul de Kock, e achava-o mais delicado que o propheta Ezequiel, no Velho Testamento.

Contraveio o padre com algumas rasoens a fim de despersuadir Balbina da crença nas almas dos mortos a fallarem nos corpos dos vivos; mas, como não conseguisse dissuadil-a e lhe não conviesse contradizel-a, avisou o Gaio de que a sua cunhada queria fallar com a irman — que lh'a trouxesse quanto antes.

Fr. Joaquim seguia de perto a piugada da trampolina; mas não lhe aventava o alcance. Apezar de mal recebido e quasi expulso de Val-Redondo, tencionava expor-se aos ultimos ultrages de palavras e até aos insultos de pancada com que o ameaçava o José Rato, por saber que elle planeára metter em caza da avô a filha do Arthur. A creadagem da Balbina confederára-se a fa-

vor do vigario contra o egresso; de modo que, sem participarem á ama a vinda do antigo confessor, respondiam-lhe que a patroa não fallava a ninguem.

Uma tarde, ja noite cerrada, entrou a Joanna Toqueriné com o irmão e mais o parocho em caza da viuva. Era chegado o tremendo conflicto. Balbina ia ouvir as petiçoens da alma penada do filho. O vigario dava-lhe alento — que não tivesse mêdo; que aquillo não era objecto para sustos; que tanto montava fallar com o morto como com a tia Joanna. E piscava o olho ao João Canastreiro, querendo assim mostrar-lhe que não era asno, e que ia feito na geringonça, fosse ella qual fosse.

Vinha muito bem ensaiada a Toqueriné. Logo que chegou em frente de Balbina, cahiu em joelhos; e, ferindo syllabicamente as palavras n'uma toada terrorisante, lamentosa, clamou:

— Posso fallar, minha mãe?

—Ai Jesus! ai Jesus! quem me acode! —exclamou Balbina, apertando os ossos parietaes nas mãos crispadas de pavor.

—Diga-lhe que pode fallar, snr.ª Balbina—insinuou o João Gaio como velho mestre de cerimonias n'aquelles rithos.

—Posso fallar, minha mãe?—tornou a alma n'um vozear mais lugubre—Eu sou o seu filho Arthur. Posso fallar, minha mãe?

—Podes, meu filho, falla!—disse a mãe, procurando o amparo dos braços do parocho que se assoava muito a miudo para se rir debaixo do alcobaça.

E a alma fallou:

—Eu sou o seu filho Arthur que fui para o Brazil, a fugir ao cumprimento dos mais sagrados deveres para com minha infeliz prima Dorothea que deshonrei, como vossemecê sabe. Deus castigou o meu crime, por que depois de passar muitos trabalhos, fui ser caixeiro, e cheguei a ajudan-

te de guarda-livros, ganhando 500$000 reis por anno; mas, ao fim de trez annos, morri de febre amarella, no Rio de Janeiro, depois de me ter confessado muito mal, e já nas agonias da morte. Agora, minha mãe, venho pedir-lhe que faça sem perda de tempo doação dos meus bens, pelo menos dos que me pertencem por morte de seu marido que já está no purgatorio, a minha prima Dorothea, como indemnisação do roubo que lhe fiz da sua honra. E em quanto minha mãe não cumprir isto que lhe venho pedir, por consentimento de Deus, eu não poderei entrar no purgatorio a cumprir a minha sentença, e andarei errante pelo espaço infinito soffrendo tormentos eguaes aos do inferno. Por tanto, minha mãe...

A alma ia continuar, quando Balbina perdeu os sentidos nos braços do vigario, que lhe bufava grandes sôpros á cara, e a sacudia rijamente. — O deabo da bebeda da Toqueriné trazia o recado na ponta da lin-

gua, muito bem decoradinho!—dizia lá para si o clerigo, continuando a bufar a desmaiada.

A alma fallára correntiamente pelo orgão vocal da Joanna; mas a redacção do discurso d'alem-tumulo era original de José Rato com alguns ligeiros topicos do João Gaio. Tinha custado muito a grudar aquelle estylo garrafal no encephalo da Toqueriné.

Em quanto Balbina permanecia insensivel, sobre a cama, com a bocca escancarada, os membros rijidos, e o nó hysterico nas goelas, o vigario chamou de parte o Canastreiro, e disse-lhe:

—Agora, snr. João, acabe com esta historia. Para chalaça já basta, que isto pode ser muito serio, e a mulher rebentar para ahi de mêdo, e nós ficarmos todos compromettidos n'esta pandanga. Eu cá brincadeiras com almas do outro mundo não nas quero, nem isso está nos meus habitos. Vamos a

fallar serios. O que vocês querem já eu percebi. Querem que a Balbina faça doação dos bens á Dorothea, não é isso? E' bem entendido. A rapariga perdeu a sua honra e deve ter uma legitima com que possa amanhar a sua vida. Não é isto que vocês querem? Falle com franqueza, que está a fallar com um homem honrado, snr. João!

—Isso sei eu, snr. vigario; que v. s.ª é um homem como se quer seio-o eu de raiz.

—Bem! Então não volte cá com a alma do outro mundo. Vão-se embora, e deixem correr o negocio por minha conta. Ha-se d'arranjar o que você quer, sem esta tramoia que podia dar cabo da velha. Se me tivessem consultado, eu dava-lhe outras ideias mais finas e escusavamos de ter o frei Joaquim á perna, que em sabendo d'esta tranquibernia da alma penada é capaz de me accusar ao bispo, e malham comigo fóra da egreja e com vocês todos

n'uma cadeia. Ande, safe-se, vá-se embora, e deixe-me cá com a Balbina.

—Nós havemos de saber-lhe agradecer, snr. vigario, esteja certo que não hade precisar mais de ser parocho—disse o João Gaio dando-lhe palmadas nos hombros.

—Pois sim, sim, conversaremos depois a esse respeito.

*

Recuperando o alento, Balbina viu o vigario encostado aos pés da cama, e a creada velha em pé com as mãos postas, a rezar. Sentou-se a esfregar os olhos nublados, e a murmurar palavras imperceptiveis, sem anciedade nem torvação.

Pediu a sua ceia como se accordasse muito bem disposta de um somno restaurador. Emquanto a creada foi buscar a tigella de leite migado de pão de milho, o

vigario perguntou-lhe se se lembrava do que se passára antes de adormecer.

—Lembro, lembro muito bem. Não ha remedio. O meu Arthur quer que eu dê a casa á Dorothea. Deus mandou cá para isso a alma do meu filho; então é por que posso dispor, não é assim? Eu pensava que não podia; mas Deus lá sabe o que faz.

—Que não vá isto ser marosca, snr.ª Balbininha—disse a creada que vinha entrando com a tigella de leite—A Toquerinè é uma safadona, que já comeu seis moedas de ouro a uma minha tia para lhe trazer á falla a alma do homem que morreu no tempo dos francezes.

O vigario fez-lhe signal de caluda, tomou-lhe das mãos a tigella e mandou-a retirar-se com um gesto.

Depois, discorreu profusamente. Balbina parecia muito intelligente, respondia sem disparatar, interrompia ás vezes o confessor para lhe contar rapazices muito en-

graçadas do seu Arthur, a sua esperteza, a sua carinha de cêra quando era pequenito, as saudades que ella tinha d'elle quando foi para casa do snr. padre Hilario...

Ao proferir a palavra *Hilario*, susteve-se n'uma introversão subita, cravou a vista extatica no fundo escurentado do quarto, abriu a bocca espavorecida, a soluçar monossylabos, cortados pelo offegar da garganta, e poz-se a apontar para lá, com o braço estendido e o dedo indicador n'uma tremura horrente.

O vigario olhava, e não se sentia bem. Elle tinha dito sinceramente ao João Gaio que «brincadeiras com almas do outro mundo não as queria, nem isso estava nos seus habitos». Comprehendera perfeitamente o padre Leonardo a visão de Balbina: era sem duvida o phantasma do padre Hilario que ella via e apontava. Havia aguabenta n'uma cantara de loiça vidrada, sortimento que vinha todas as manhans da

sacristia para Balbina se lavar. O vigario tomou alguns punhados d'agua, hyssopou a cerrada penumbra onde devia estar o espectro do padre Hilario, e pronunciou algumas phrases rithuaes em exorcismação de espiritos quer luciferinos, quer humanos, de torna-viagem. Estava aterrado.

Ninguem, pois, resiste ao meio sem uma solida caracterisação physiologica e psycologica. Padre Leonardo compenetrou-se do terror da visionaria. Latejavam umas sombras n'um Christo pendente sobre o espaldar do leito de páo preto; por cima do telhado esvoaçavam corujas a crocitar; dos campos vinham uns guinchos lugentes dos sapos; e pelos vigamentos sibilava o vento lamentoso como um clamor unisono de gemidos levantados desde os supplicios do inferno até ao céo impassivel. Depois, a escuridão do quarto apenas alumiado por uma vela de cebo, a lividez cadaverosa de Balbina, possessa do espectro do seu cumpli-

ce, aquelles gritos roucos e estrangulados que pareciam gemidos no concavo de um jasigo pela agonia de um sepultado em vida. Em fim, o homem quando aspergiu de agua-benta o antro escuro do grande recinto parece que tambem via a avantesma do padre Hilario a esbater-se n'um golphão absorvente de trevas.

*

A creada que suspeitára da «marosca»; e não podia tolerar que sua ama desse os bens á porca da Dorothea, sem lhe dar nada a ella que a aturára vinte e quatro annos, e a encubrira nos amores com o Hilario, desligou-se do conciliabulo contra o egresso, e mandou-lhe contar o que se passára com a vinda da Toqueriné, do irmão e do vigario. Acrescentava que a sua ama lhe tinha dito, ao outro dia, que estava resolvida a

nomear herdeira a sobrinha, para a alma do filho começar a purgar as suas culpas.

O egresso comprehendeu tudo então e vacillou no que lhe cumpria fazer civil e religiosamente. Elle era bastante ecletico na escôlha dos seus auxiliares em correcção de vicios e de maroteiras. A's vezes, não invocava a justiça divina, e seguia os processos da justiça humana, como mais expeditivos, e menos sujeitos ás tergiversaçoens dos dogmas. Este é um dos casos. Em vez de pedir aos justos céos que fulminassem João Gaio, Toqueriné e Companhia foi ao Alexandre de Pinho, juiz ordinario, pedir-lhe que interviesse funccionalmente no roubo que se tramava por meio de uma escriptura de doação em que figurava como doadora uma mentecapta.

O juiz conhecia as leis, e sorriu da panica ignorancia do honrado frade em materia de doações. Estabeleceu que ninguem podia doar o que não era seu. Que Balbina,

viuva do seu parente Roberto, não podia doar bens do marido sem mostrar documentalmente que era herdeira do filho, immediato successor do pai. Essa prova só podia acceitar-lh'a o tabellião á vista de uma certidão de obito de Arthur e de um processo de habilitação, subsequente á morte do filho;—que, no presente caso, tanto importava que Balbina fosse ajuisada como demente. Era, pois, Alexandre de Pinho de parecer que não se desse importancia séria ao cavaco da alma com a mãe, e se abandonassem os alarves que a rodeavam ao escarneo publico, e talvez a uma severa lição correccional.

Ficou socegado o egresso; mas o vigario, conchavado na veniaga, e pouco meticuloso em tricas da legislação, não desistia de levar a termos rasoaveis o programma estabelecido pela alma identificada á Toqueriné. Ouvida a opinião de um bacharel-formado que passava a sua vida po-

dando vides, especando feijoens e creando pôtros, convenceu-se de que a escriptura era legal n'estas clausulas: Balbina doava todos os seus bens a Dorothea, no caso de que seu filho tivesse fallecido em vida d'ella e anteriormente ao acto da escriptura, como era voz publica; no caso, porém, de que o filho lhe sobrevivesse, ella doadora faria simplesmente doação da sua terça, e do mais que podesse doar sem contravir aos direitos de seu filho. D'este modo, a escriptura lavrava-se desde logo; pedia-se a certidão de obito para o Rio de Janeiro, e, assim que ella chegasse, revalidava-se a doação na totalidade dos bens. José Rato aprovou sem repugnancia o alvitre. Quanto á demencia da doadora, reflexionou o jurisconsulto que isso era com o tabellião e com as testemunhas.

A terça de Balbina excedia trinta a trinta e cinco mil cruzados: era um dos maiores dotes dos trez concelhos visinhos.

Divulgado o projecto da doação, os duodecimos representantes dos Ratos do seculo XIV reconciliaram-se com o mano José. Em fim, trinta ou trinta e cinco mil cruzados... tinha desculpa. O amor é cego; mas o dinheiro é um optimo operador das cataratas. José Rato, com trinta mil cruzados, em Fermêdo, não era um cego de paixão, casando com Dorothea; tinha mais olhos que um pôlvo, e podia rir-se da myopia do Argus dos cem olhos.

*

Balbina estava melhor; amarasmara-se n'uma somnolencia de extenuação, á mingua de alimento. Reduzira a metade a ração de leite, e não o bebia sem que o vigario lhe fizesse em cima da chicara o contra-veneno de trez cruzes com o dedo polegar. Se a poção lhe enfartava o estomago, queixava-se de arsenico, de verdête, pedia

azeite para vomitar, e dava arrancos ficticios de enjoada. Era a irman do Roberto que a envenenava, dizia, para vingar o irmão. E o padre Leonardo, a rir: — deixe-se de asneiras, creatura! Vocemecê não tem nada. Ninguem a quer matar. Deixe esse leite, e beba vinho; coma-me carne, carne de boi; o que vocemecê precisa é trincadeira substancial, e umas pingas do chôco.

Tirante o receio dos venenos e as apparições espectraes do padre Hilario, o seu espirito entrava n'uma phase relativamente boa e esperançosa. A's vezes, tinha lucidez e grande serenidade silenciosa. Lagrimava mansamente, enchugava as lagrimas, e dizia que Deus a conservava viva para castigo e escarmento das peccadoras. N'estas intermittencias asceticas, mas luminosas, esquecia o episodio da Toqueriné, ou scismava n'isso vagamente como a querer reatar os fios soltos de um sonho.

Explicou-lhe o vigario a forma da doa-

ção á sobrinha. Disse ella que sim, que daria a sua terça, se o seu confessor entendia que a podia dar sem que Deus lhe pedisse contas. E, com uma decisão judiciosa, n'um grande jacto de luz, acrescentou:—Antes deixar-lh'o a ella que á bebeda da minha cunhada que me quer dar veneno.

O tabellião, irmão de José Rato, era o mais idoneo notario para lavrar a escriptura de doação.

As testemunhas eram quasi todas Ratos—o correio, o mestre de obras substituto do juiz de direito da comarca, o José, juiz eleito, e o padre Leonardo para assignar a rogo da testadora.

O ensejo foi casualmente bem escolhido. N'esta occasião, Balbina quedava-se muito abstracta, absorvida em qualquer contemplação em que os olhos nada viam, e os ouvidos pareciam ouvir as perguntas depois da repercussão do ecco. Soffria ao responder, mostrava violentar-se n'um cons-

trangimento oppressivo para perceber a pergunta; mas, afinal, percebia sem lh'a repetirem, e respondia. O tabellião leu a escriptura em quanto ella circumvagava os olhos esgaseados pelos assistentes, a fixal-os alternadamente, com ar de mêdo. Imaginava-os talvez propinadores de verdête, facinoras que era preciso não irritar. Chamou o vigario para junto d'ella, e fêl-o sentar na mesma cadeira, acommodando-se com um dos quadris no bordo do assento, muito encolhida, e pedia ao padre que a não deixasse sosinha com aquelles homens desconhecidos.

Sahiram todos, excepto o vigario que lhe pediu licença para trazer a sobrinha Dorothea que queria agradecer-lhe a esmola que lhe fizera, e beijar-lhe a mão.

—Pois sim, que venha, e que traga a menina, a filha do meu Arthur—E muito risonha: Ella parece-se com o pai? deve ser muito bonita!

—Quem? a Dorothea?

—Valha-me Deus! a minha neta.

—A filha da Dorothea?

—Sim! Valha-me Deus!—dizia impaciente, nervosa.

—Essa creança morreu de bexigas, ha muito tempo... Ouvi contar; foi no tempo em que o seu confessor era o frade da Granja.

—O meu confessor! coitadinho! um sancto homem, o snr. frei Joaquim da Cruz Sagrada!.. Já lá vai!.. Pediu-me o berço do meu Arthur para a minha neta. E' um berço muito rico de páo oleo; está como novo; tenho-o lavado muitas vezes com lagrimas... Deu-lh'o o snr. padre Hilario...

—Máo! Máo!—disse comsigo o vigario—Temos historia!

Recordou-se d'aquella noite em que o phantasma do Hilario foi repellido a *douches* de agua-benta, da fabrica d'elle reitor.

Arripiava-se-lhe ainda a espinal medulla lembrando-se da louca, empedernida, com o braço orgastico e o dedo trepido a apontar para o canto escuro da caza, com a bocca hiante e os olhos n'uma immobilidade vitrea. Felizmente era dia, estava a sala espelhada de sol e a poeira formava columnas faulantes de atomos movediços. O padre, de dia, não tinha medo de abantesmas, que, no seu modo de pensar, eram ratoneiros como os que só excursionam de noite. Entretanto, a Balbina lá estava filada aos trez cabeçoens do capote do confessor, com o pescoço torcido para não ver o espectro.

Admirava-se este clerigo com uma critica menos má e que nem parece de um parvo *pur sang*, de que a viuva fosse tão végada pelo amante e nunca se escabreasse, dizia elle pittorescamente, com a avantesma do marido! Tem que se lhe diga. A rasão não pode formar conjecturas sobre os desvarios da insania. Pode, porém, suppor-

se plausivelmente que o espectro de Hilario avocado pela incessante meditação da sua queda do perpetuo abysmo, se lhe tornasse a ella mais uma reminiscencia da sua paixão maldita do que o trasgo de um perseguidor condemnado, a querer arrastal-a ao inferno, como sua cumplice. Se Balbina fosse escorreita, é racional que o espectro de Roberto a estrangulasse nos sonhos, e lhe relampejasse nas vigilias, por essas noites fora, quando nas trevas ha vozes, e gemidos e figuraçoens medonhas. Isso tem um nome: é o dragão despedaçador que se chama *Remorso*. Mas os doudos não possuem o orgão d'esses tormentos, tecidos por mão da Justiça divina. A Providencia, ao submergir uma alma nas escuridoens sem aurora, atrophia no organismo do alienado aquella funcção, especie de cadafalso intimo. As raras lagrimas dos alienados nunca exprimem a dor dos animalismos normaes. O doudo mata sua mãe que o abraça, e fica

inculpado perante a lei e perante a treva intima onde se apagou a luz da consciencia— a tribuna d'esse formidavel verdugo chamado *Remorso.*

*

Quando o vigario apresentou Dorothea, a tia encarou-a mal assombrada, e perguntou-lhe se não deitára luto por morte de seu filho; que era uma pouca vergonha apresentar-se de saia de chita com riscas azues; que fosse mudar de roupa, que trouxesse a pequena. E, abrandando subitamente de maneiras:

—Vem cá, vou mostrar-te o berço; está aqui dentro d'este quarto, onde nasceu o meu Arthur. Vem ver como é lindo! vem ver... Levou-a comsigo, sentou-se á beira do berço, quedou-se alguns segundos a contemplal-o, e sorria-se, curvava-se sobre a travesseirinha enfronhada, como a procurar

com os labios um rosto de creança; e punha-se a embalar o berço e a cantar n'uma toada lamentosa:

Não sei que quer a desgraça,
Que atraz de mim corre tanto!
Hei-de soffrer e mostrar lhe
Que eu d'ella já não me espanto.

A sobrinha a chorar muito anciada; e o vigario compadecido:

—Desgraçada creatura! desgraçada creatura! Está de todo!..

Foge d'ahi, ó papão
De cima do meu telhado;
Deixa dormir o menino
Um somninho descançado.

E acalentava: *ó-ó-ó-ó*—prolongado gemido, triste como as manodias, com um requebro dolente de meios-tons.

A Dorothea, entalada de suspiros, não estava a padecer assim, tão fora dos limites

da sensibilidade, da compaixão da tia. Era pela sua propria filha que tamanha exorbitancia de lagrimas a inundava n'aquelle momento, o mais pungitivo da sua saudade. Lancetavam-na remorsos de ter deixado a sua creancinha nos braços da Lemenha, mãe descaroada e immunda mulher; doia-lhe a vergonha de não ter despresado as ameaças do pai, e ter fugido á pobresa, aos trabalhos e á fome. Era por isso que ella se retorcia em attitudes de destemperada consternação, quando a tia, a olhar para ella muito espantada, perguntou ao vigario:

—Ella que deabo tem, Deus me perdôe?!

—Coitada!—explicou o vigario compungidamente—Chora por ver sua tia a soffrer. E então? Faz o que deve a uma tia que tão boa foi para ella; e ingrata seria, se podesse assistir com os olhos enchutos a este infeliz e desgraçado espectaculo!

E dava ao alcobaça uma forma de gran-

de esponja para absorver as lagrimas que nos olhos d'elle nunca passavam de uma hypothese sêcca.

Entretanto, Balbina, a olhar para o vigario e para a sobrinha alternadamente, encolhia os hombros com ar de indifferença desdenhosa, e continuava a embalar o berço.

O vigario fez então signal a Dorothea que o seguiu á outra extremidade da caza.

— Fique entendendo você — deliberou o padre — que não volta a caza de seus pais. Fica desde já aqui com sua tia, e não me ponha o pé lá fora. Bem vê que ella está maluca de todo. Precisa de ser vigiada a todo o momento, Ameigue-a, percebe? Não saia da beira d'ella, e não se ponha a fazer caramunhas, a chorar como ha pouco, ouviu? Cara alegre, e muitos carinhos. Aperte com ella para comer bons boccados, e não lhe falle á mão quando ella disparatar, e der por páos e por pedras. Verá que ella assim se afaz com você, e entrega-lhe o go-

verno da caza; em fim, está de dentro, que é o principal.

—Eu tenho-lhe muito mêdo...—obstou Dorothea—Ella embirrou sempre comigo e com minha mãe. E' capaz de me pôr na rua, e fazer ahi um escarcéo—que a queremos roubar. Se eu soubesse que ella estava tão doida, não vinha cá.

—Se houver alguma desordem, mande-me chamar, que a residencia são dous passos. E' chamar-me quando ella estiver mais atrapalhada da cabeça. E, minha amiga, soffra com paciencia alguma cousa. «Quem quer bolota atrepa, e não se pescam trutas a bragas enchutas», diz lá o ditado. As coisas arranjaram-se bem com a escriptura de doação; mas agora é preciso ter mão na manta, percebe? Se o filho morreu, o negocio bem vai; mas, se está vivo, e ahi rebenta um dia, é preciso que sua tia não desfaça a doação da terça. Você bem vê que ella não regula. Tem venêtas de todos os

deabos quando pega de ver a abantesma do tal Hilario...

—Ai Jesus!—atalhou Dorothea—Não me diga isso, snr. vigario, que eu tenho medo, e tomara-me já d'aqui p'ra fóra... Já cá não fico hoje...

—Estamos então bem aviados... Sabe você que mais? faça o que quizer. Asno sou eu em me estar aqui a mortificar pelo seu interesse. Se quer, vá com Deus, e não conte comigo para mais nada...

Ouviam-se as passadas de Balbina que vinha chamando o vigario. E elle, sahindo-lhe ao encontro, muito affavel:

—Andava a explicar á sua sobrinha os costumes da casa. E' preciso entregar-lhe o governo, por que...—e chegando-se-lhe ouvido—esta creadagem está a roubal-a, snr. Balbina. Vocemecê precisa de quem tome conta das chaves da tulha, da adega e do mais. Entregue tudo a sua sobrinha, que hade zelar a caza. Vocemecê precisa de

descanço; não carece de trabalhar, tem muito de seu, graças a Deus, e pode tractar-se como uma princeza. Venha cá, Dorothea, sua tia, encarrega-a de governar esta caza, e vae entregar-lhe as chaves. A snr.ª Balbina vae ensinar-lhe as suas obrigaçoens, mostrar-lhe a tulha, os canastros, a adega, a salgadeira, as talhas do azeite, etc., etc., etc.

A louca seguia o padre authomaticamente, e Dorothea, muito medrosa, ia atraz da tia, a scismar na maneira como hávia de safar-se, logo que a velha rompesse desaustinadamente n'algum excesso contra ella, ou pegasse a fazer deabruras por causa do fantasma do padre Hilario.

*

Dorothea ficou. Não dormiu em toda a noite. Sentara-se á cabeceira da cama da

tia, a cossar-lhe brandamente á cabeça, até que adormeceu. Tinha alli no chão a sua cama que uma creada de ruim cara lhe arranjára com máos modos, rosnando e lobrigando-a de esguêlha.

Quando ia deitar-se, mesmo vestida, á cautella, e prompta para a fuga, a tia, estremunhada, sentou-se na cama, como se a levantassem de golpe por debaixo do catre; e, reparando na sobrinha, já em pé, muito enfiada de susto, perguntou-lhe quem era, e que estava a fazer na sua casa.

— Sou a Dorothea, a sua sobrinha, que vim com o snr. vigario — respondeu a rapariga apavorada, já com os olhos na porta para se escapar.

A douda fitou-a por algum tempo; e, sem lhe dar palavra, deitou-se com o mesmo impeto com que se levantára. A sobrinha amesendrou-se sobre o enxergão, sem mais desfitar a vista do tôco da vella de cêbo que estava a acabar. O restante da

noite velou-a n'um terror; e, quando o morrão da luz começou a vasquejar, figurava-se-lhe que tambem via uma abantesma de habito branco. Pensou em fugir; mas não sabia por onde. Fóra do quarto era completa a escuridão, e ouvia-se um rastolhar de ratos, que davam guinchos em luctas fratricidas, e esbarravam estrondosamente de encontro aos tabiques. Quando a luz expirou de todo, cobriu a cabeça com o cobertor da cama, e poz-se a resar até que pelas frestas das portadas luziu o crepusculo da manhan.

Tinha resolvido esgueirar-se assim que se vissem os caminhos, e ella podesse atinar com a sahida. Sahiu da alcova pé ante pé, e chegou-se a uma vidraça que abria para um quinchôso de passagem. Viu, encostado á parede de fronte, um vulto embuçado com chapeo de abas largas, e os olhos cravados n'aquella janella unica em que as portadas estavam abertas. Pelo re-

buço do capote espanhol, apanhado romanticamente na ponta do nariz, um trajar caracteristico dos enamorados noctivagos d'aquelle tempo, não podia ser outro no concelho de Fermedo: era José da Silva Rato. Reconheceu-o logo por entre a neblina da manhan. Correu devagarinho a vidraça, e cochichou-lhe:

— Safo-me, ouves? Não preguei ôlho. Credo! Estou tolhidinha de medo. Assim que se abrir o portão, vou-me embora.

E contou, com interrupçoens de susto, os successos decorridos que o juiz eleito não achou assás concludentes para que fugisse. Animou-a a que se aguentasse no sacrificio uns oito dias, indispensaveis para se obter licença de se casarem com dispensa de proclames. Que logo que se recebessem, já ella tinha companhia que a defendesse de mêdos. A felicidade de ambos não precisava da riqueza — dizia elle desembuçan-

do-se para nobilitar a ideia, com os realces da mimica — mas loucura seria renunciar á fortuna depois que tão felizmente a conseguiram. Convenceu-a, pois, a ficar.

Tremeluzia no horisonte o sol sob um docel escarlate. Tangia a sineta chamando á missa. Havia movimento de gado que sahia das cortes para o pasto. Os pegureiros davam-se mutuamente aviso, trombeteando nas suas buzinas. Era forçoso apartarem-se antes que os vissem umas velhas que vinham ao longe, muito embiocadas, para a egreja. Elle não queria expor a noiva ás maculas de suspeitas maliciosas. Em fim, concordaram que, a não sobrevir desgraça de maior, ella ficaria sosinha n'aquelle inferno até se effectuar o matrimonio, com a promessa de elle todas as manhans lhe apparecer. — Que lhe escrevesse de noite — pedia o Rato; mas não havia na casa geito de tinteiro, disse Dorothea, nem papel. O noivo pro-

metteu levar-lhe papel e um tinteiro de chifre que se desenroscava, e tinha a penna de pato embainhada n'um tubo corneo em forma de collo de garrafa.

IX

O alferes Arthur Tavares e a sua amantissima contubernal velejavam o seu escaler nas margens viridentes do Sandalcallo, que serpeia entre a Praça e o Damão-pequeno.

A rica viuva do contrabandista de sal, toda paixão, no rescaldo dos trinta e dois annos, assignava-se *D. Ursula Falcão Sinary Pelinga*. Estes dois appellidos indicos tinham

★

sido o nome e sobrenome de sua oitava avó, uma parse, ou persa, natural de Ormuz. Seu oitavo avô, fidalgo portuguez, e capitão-governador d'aquella fortalêsa levantada pelos gigantes manuelinos no golpho-persico, chamava-se Luiz Falcão, um grande frascario, immortalisado nas *Cartas* de Simão Botelho e nas *Lendas* de Gaspar Correia. Das muitas mulheres que desfructou em Ormuz, houve uma cujos filhos acceitou. Chamava-se Sinary Pelinga; e a um dos filhos poz o nome *Ayres*. Este Ayres, de tenra idade, em uma noite, na fortalesa de Dio, viu seu pai perecer varado por um pelouro traiçoeiro. (1548). Luiz Falcão, governador da fortalesa, fôra assassinado de mando de outro fidalgo, Manoel de Sousa de Sepulveda — expediente summario para desempécer-se de um rival poderoso que lhe estorvava a posse de D. Leonor de Sá — a mulher mais formosa da India, escreveu Faria e Souza. Removido o es-

torvo, casou; e, pouco depois, elle e ella naufragavam miserandamente no regresso a Portugal, ricos e felicissimos. (1552). São muito conhecidas as estancias condolentes de Luiz de Camoens, e menos divulgado o mysterioso e providencial impulso d'aquella catastrophe tão chorada pelas musas e pela rhetorica dos maximos prosadores do seculo XVI.

O pequeno Ayres, morto seu pai, ficára na India com sua mãe e lá casou com mediana fortuna. Era este o setimo avô de D. Ursula Falcão, que, dotada de extremada bellesa, casára com o abastado mercador lascarim que a deixára rica.

A goeza mostrara ao seu Arthur os documentos evidenciaes da sua illustre raça por *Falcões;* porém, o romantico sargento, sympathisando muito com a persa Sinary e pouquissimo com o fidalgo Falcão, pediu-lhe que se assignasse *Sinary Pelinga,* e que seus filhos, se os tivessem, usassem os no-

mes da sua avó indiana. E, com effeito, já se gosavam de um menino de oito mezes que recebeu na pia-baptismal o nome do seu oitavo avô, *Luiz*, e estava destinado a assignar-se *Luiz Falcão Tavares de Sinary Pelinga*. O plebeu *Rodrigues* do suppositicio avô paterno fôra expungido como chato e nada euphonico. *Tavares* soava mais heraldicamente — tinha cheiro e sabor de chronica.

Por amor d'este menino e da sua propria honestidade andavam os dois amantes mortificados, pela demora dos documentos pedidos para o casamento. Nem a mãe nem o Alexandre de Pinho lhe haviam respondido ainda, e eram já passados sete mezes. Imaginavam que as delongas seriam motivadas por impedimentos canonicos oppostos por Dorothea, ou por que os pais assim quizessem estorvar-lhe o casamento. Resolvêra Arthur, obtida licença do governador geral, vir ao reino com D. Ursula, e aqui

mesmo, contra vontade dos pais, casar com ella.

Esperavam a licença de Goa, e entretanto recreavam-se em Damão costeando no seu embandeirado escaler á ourela do frondente Sandalcallo.

Quando elles, n'esse dia, aproavam á margem para desembarcar, estava no caes o tenente Roque, muito attento a ouvir ler ao alferes Bandeira um folhetim da *Revolução de Setembro.* Tinham relido o folhetim; e, no intervalo de cada periodo, diziam alternadamente:

—É elle! não póde deixar de ser com elle isto!

—Estás certo de ser de Fermêdo o Arthur Tavares?—perguntou o alferes.

—Certissimo. Não o conheço de lá; mas as nossas aldeias distam uma da outra duas leguas. Recordo-me perfeitamente que elle me disse ser do concelho de Fermêdo, quando veio ha tres annos.

— Que tencionas fazer? Mostras-lhe este folhetim?

— Isso é o diabo! Aqui ha coisas horriveis...

— Mas é preciso esclarecêl-o. O rapaz ignora tudo que ahi se diz, nem sabe que lhe morreu o pai e talvez a mãe, por que pediu umas certidoens para casar, e ninguem lhe responde. De mais a mais, se lá tem fortuna...

— Uma grande fortuna a do pai, diz elle.

— Mais uma rasão... Isso é muito serio. Podem fingil-o morto e roubal-o... Elle ahi bem.

N'este comenos, saltava D. Ursula como uma levandisca da prôa do escaler, pousando levemente a mão scintillante de pedras no hombro de Arthur. Os dois officiaes desceram as escaleiras do caes a cumprimental-a.

O tenente Roque ainda tinha, dobrada a meio, na mão a *Revolução de Setembro*.

—É folhetim do Lopes de Mendonça? —perguntou Arthur—Deixa vêr.

—Não é do Lopes de Mendonça. Este jornal sahiu ha dous annos e meio, e ainda hontem chegou de Portugal a embrulhar uns pares de piugas que me mandou minha mãe—e, disendo, mettia na abertura do peitilho da farda o jornal.

Seguiram todos até casa do alferes Tavares.

D. Ursula subiu açodada a ir beijar a creança que lhe acenava do barandim, e Arthur ficou sentado sob o arvoredo que lhe ensombrava o perystilo da pittoresca vivenda.

—Contem lá algum escandalo—disse Arthur.

—Não ha—respondeu o Bandeira—dir-se-ia que anda pela India outra vez S. Francisco Xavier. E tu que sabes?

—Que estou ancioso por ir a Portugal.

—Ver a tua familia?—perguntou o tenente.

—A minha familia, se queres que te diga a verdade, merece-me poucas saudades. Bem sabem vocês que ainda não recebi uma carta de pai nem de mãe...

—Como se chama teu pai, ó Arthur? —disse o Bandeira.

—Roberto Rodrigues.

—De Fermêdo, já me disseste—interveio o tenente Roque.

—Sim, do concelho de Fermêdo. A minha caza chama-se Val-Redondo.

—E tua mãe como se chama?

—Balbina Candida.

—Tiveste um padrinho reitor?

—Sim: chamava-se Hilario.

—Está conforme—concluiu o Bandeira.

—Conforme o quê?—interpellou Arthur.

—Não podemos esquivar-nos ao dissa-

bor de te noticiar que Roberto Rodrigues, teu pai, morreu ha mais de dois annos em Espinho.

—Como sabem isso vocês e eu nada sei?—perguntou Arthur, simplesmente maravilhado de que elle não soubesse primeiro que os seus camaradas o fallecimento do pai—D'onde deabo lhes veio a noticia?

—Da *Revolução de Setembro* que liamos quando tu andavas no rio.

—Deixa ver o jornal... Onde vem isso? é nas noticias diversas?

—Dispensa-nos de te mostrar o jornal.

—Por que? Ora essa! que não vá eu perder os sentidos!

—Sabemos que não perderás os sentidos; mas ha phrases de mistura com a noticia da morte de teu pai que decerto vão ser-te muito desagradaveis—insistiu o Bandeira—é melhor ignoral-as... desprezal-as...

—Vocês intrigam-me! Que deabo póde dizer o jornal? que abandonei a minha familia e vim para a India? que fui máo filho? Patacuadas e caturrices. Cá tenho a minha consciencia a defender-me. Que tive lá uns amores de aldeia muito chôchos? Lerias. Que me importa a mim commentarios da canalha? Algum padre do meu concelho que deitou sermão de moral contra mim, e me fez talvez responsavel pela morte de meu pai e pela virgindade da minha freguezia... Deixa ver o jornal.

—Já agora é escusado negar-lh'o—observou o Roque—Aqui o tens. Lê, rasga, e fica certo de que estes teus dois camaradas não conservam na memoria as tristes coisas, senão calumnias, que ahi estão impressas. Deante de nós nunca terás de córar por culpas de que não tens responsabilidade, nem podes tel-a pelos desvarios dos teus ascendentes. Se ahi te accusam de alguns desconcertos proprios da mocidade,

isso são rapazices dos dezoito annos. Lê, e não te apoquentes.

Apertaram-lhe a mão; e elle, commodamente recostado n'uma voltaire de vimes variegados, com almofada de seda carmezim, leu o seguinte:

Transcreve-se da COALISÃO, *jornal do Porto, um folhetim que não emenda nem escarmenta viciosos nem viciosas; mas pode pegar algumas faiscas dramatologicas aos cerebros* engourdis *dos litteratos, litterataços, litteratelhos, e litteratiços encartados no Theatro-Agrião. Ha ahi assumpto para um dramalhão de encher as medidas da Arte Moderna; e, se o Theodorico representar o papel do infausto marido é contar com uma trovoada de lagrimas das torrinhas sobre a platea já ensopada de prantos.*

Segue o folhetim:

Amigo redactor. Hontem, por 7 horas da tarde, morreu n'esta praia de Espinho um abas-

tado lavrador do concelho de Fermêdo, chamado Roberto Rodrigues. Segundo as informações fidedignas de um cavalheiro chamado para lhe escrever o testamento e lhe assistiu á morte inesperada, o trespasse do lavrador foi horroroso e digno de archivar-se pelas causas moraes que o motivaram.

Este homem vivêra 25 annos enganado, trahido pela mulher com quem casára na flor da edade. Balbina, se chama ella, foi a mais esvelta moça d'aquellas terras tristes e penhascosas em que, ás veses, a natureza caprichosa, como um artista de genio transcendente e phantasista, se compraz em idealisar, n'um meio ingrato, alguma coisa surprehendentemente bella, algum rosto de mulher encantadora para descontar na fealdade do scenario em que appareceu a esplendida Balbina. Roberto era rico, mais de 50 contos em propriedades e ella quasi pobre, filha de arrendatarios de lavoira. Amou-a e foi acceite com alvorôço, porque, além de ser abastado, procedia desde rapaz como os velhos mais honrados. Trabalhava sempre para engrandecer o patrimonio de seu fi-

lho... Mas ah! este filho não era d'elle, não tinha algum vislumbre das suas feições physicas nem espirituaes, nascêra pelo crime; e, na primavera da juventude, já florecia pela depravação hereditaria do pai. Ora, o pai era um presbytero que Roberto hospedara como irmão e escolhêra para padrinho de seu filho.

O afilhado foi educado pelo tal padrinho, notavel orador sagrado, distincto theologo no curso universitario, e depois reitor em uma das melhores egrejas convisinhas do Porto, para onde fugira aos maridos mais ou menos Othellos de umas certas Desdemonas de calcanhar tão gretado como a honra e tudo o mais. Ahi permaneceu 8 annos o afilhado Arthur *que já pelo nome baptismal prenunciava romanticos destinos — um Arthur de novella corriqueira que tinha fôlego e geitos para* Saffie *da «Salamandra» de E. Sue, e dos sinistros personagens da «Comedia humana» de Balzac.*

Este Arthur em que fogueava um sangue ardente transfuso das arterias paternas e talvez das maternas, desflorou uma prima sob promessa de

casamento; e, quando ella ia deitar á rampa de futuras tragedias um devasso n.° 3 na ordem genealogica, o devasso n.° 2 fugiu da sua terra com medo á vingança do pai da deshonrada—e nunca mais appareceu!

Até este desfêcho de estupido e vulgar drama-bucolico de uma rapariga deshonrada, ainda o honrado Roberto Rodrigues cuidava que Arthur era seu, posto que pessimo, filho. O pai illigitimo quanto á lei, e genuino quanto á bigodeada natureza, já tinha concluido o seu apodrecimento na sepultura, legando ao afilhado tudo que podia deixar-lhe—o bastante para dessipaçoens janotas de alguns mezes, e para se auzentar do reino.

Estes casos passaram-se ha 10 mezes, se bem me lembro dos esclarecimentos verbaes que recebi hontem do cavalheiro referido que os obtivera, junto ao cadaver de Roberto, de uma irman do morto.

Haverá 5 mezes que Roberto, em um incidente occasionado pela fuga do filho, soube a deshonra de Balbina, apregoada n'uma taverna de

feira, e na sua presença pelo pae da sedusida que já era mãe e não engeitára o filho. Desde este lance a garra da morte empolgou-o pelo coração.

Foi ahi que elle sentiu então instillar-se-lhe a peçonha que devia matal-o, pelos estragos de uma hypdertrophia galopante. Foi viver em casa da boa irman que o acompanhou para Espinho, onde um imbecil cirurgião qualquer da sua aldeia o mandou tomar banhos do mar. Peorou, como era de esperar, e resolveu fazer testamento para beneficiar a irman, esbulhando da herança o supposto filho que elle declarava adultero de sua mulher e d'um tal padre Hilario Tavares. O cavalheiro a quem devo estes veridicos pormenores fez-lhe saber que o excluir da herança paterna um filho reconhecido pelo matrimonio e assento baptismal era um acto irregular e invalido a que a lei de succcessão não dava importancia.

Não estava o testador preparado para esta revelação juridica, por que a sua ignorancia começava por não saber escrever o proprio nome. Do espanto passou á colera, da colera ao phrenezi, e

do phrenezi a uma agonia instantanea; porque, saltando do leito n'um impeto violento superior ás forças nervosas, unicas de que dispunha, o coração espedaçou-se-lhe nos braços da irman, e o desgraçado cahiu morto, estrangulado pela desesperação.

Horrivel trance!

Se houvesse inferno, o padre que fermentou a ignominia e as torturas d'aquelle morto, parece que devia lá estar; e Lucifer, o generalissimo das legioens malditas, para ser imaginoso e sabedor do seu officio, devia pegar com uma tenaz em braza na alma do padre, para não sujar os seus dedos de antigo anjo, trazel-a a Espinho e pôl-a em contemplação defronte d'aquelle cadaver do seu compadre e amigo. Depois, deviam, ir o padre e o diabo, visitar a viuva, desanojal-a, e baixal-a comsigo aos abysmos insondaveis do Órco para não ficar sosinha n'este val de lagrimas...—lagrimas de viuvas da casta d'aquella que correm torrencialmente como as cheias do Mississipi e estrepitam ao despenharem-se dos olhos como a ca-

tarata do Niágara. Ella mandou buscar o morto para ter a evidencia de que o marido morreu. Deseja estar socegada.

Eu não quiz amigo redactor, que o cadaver de Roberto Rodrigues passasse á minha porta sem que lhe-dissesse: « Vae dormir o somno eterno e indemnisador dos enormes infortunios, honrado homem! Deixa que os guzanos te rôam esse grande musculo ôco dilatado pela aneurysma. Se continuasse a pulsar com vida esse coração que levas affogado no proprio sangue, seria o opprobrio irremediavel que to iria dilacerando fibra a fibra! »

Outubro de 1847.

* * *

A *Revolução de Setembro* accrescentava jovialmente:

Este Arthur teria um destino mais mysterioso que o rei Arthur inglez, o da Tavola-Redonda?! Pode ser que elle agora, rompendo d'entre

as neblinas do enigma, appareça em Fermêdo a levantar a herança do compadre do padrinho, a quem ella com certeza pertencia tão justificadamente como a mulher do defuncto Roberto. Aguardamos esclarecimentos para nossa edificação, e exemplo dos presentes e futuros Robertos, herdeiros natos dos Esganarellos de Molière.

*

Arthur, na travessia aspera do agreste folhetim, não manteve aquella firmeza de espirito e placidez sanguinea que era de esperar do seu preclaro desdem pelas injurias impressas, quaesquer que fossem.

Mudou de côr, doeu-lhe no intimo da alma quando o folhetim vibrava o latego da zombaria sobre o vilipendio da mãe. Elle costumava dizer «que o ridiculo era o cadafalso das almas superiores.» Tinha composto esta maxima. Não o feririam tanto,

se lhe tratassem as devassidoens da mãe como Tacito e Suetonio as de Messalina, isto é, a serio; mas o feitio zombeteiro do banhista de Espinho vinha a ser o cadafalso d'aquella alma superior. Sabia pelos jornaes portuguezes d'aquella epoca turbulenta que até a rainha e a condessa, consorte de um primeiro ministro, eram insultadas na sua honra; mas havia n'esses insultos a objurgatoria grave, o estylo sisudo, a declamação jacobina, robespierriana, ao passo que a mulher, que elle era forçado a acceitar como sua mãe, cahia no abysmo lamacento da irrisão, resvalando pela infamia. Quanto a ser filho de Roberto ou de Hilario, isso não apertava muito nem pouco o laço do cadafalso da sua alma superior:—Inteiramente nada, com tanto que a lei lhe garantisse os seus direitos de successão; mas, se a mãe ainda vivia, elle, filho brioso, sentia-se vexado pela contingencia de ainda se avistar face a face com

ella, tão publicamente vergastada em toda a nudez dos seus vicios pela chacota da imprensa. Ser-lhe-ia então bem-vinda a noticia da sua morte. Não lhe podia desejar, como bom filho, um destino melhor. E era natural que tivesse morrido—dizia-lh'o a rasão. Não lhe respondêra, querendo-lhe tanto! Decerto morrêra de remorso e de vergonha. Não lhe via outra rehabilitação possivel, moralisava o alferes. Havia n'esse impresso alguma coisa que tornava mais cruel, mais dominicana a sua polé interior, e deveras o tracteava a termos de lhe rever a angustia no rosto patibularmente: era aquella passagem em que lhe ridiculisavam o nome romantico, e a nota apalhaçada da *R. de Setembro,* a comparal-o com o legendario Arthur de Inglaterra, e a fantasial-o redivivo a apossar-se da herança do *pai Roberto.* Isto sim, acutilava-lhe o seu decoro. Ora agora, quanto á accusação *rococo* de ter desvirginisado e abandonado a prima — a

chôcha conquista, como elle dizia aos camaradas — isso não valia, se quer, o despeito de um homem que se preza.

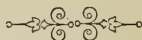
Como quer que fosse, escondeu a *Revolução de Setembro* das vistas de Ursula que lhe perguntára o que lia elle com tamanha attenção que não viera mais depressa ver o menino. Respondeu que era um projecto de lei sobre reformas militares no Ultramar.

*

D'ahi a dias, Arthur fingia receber de Gôa a noticia, dois annos retardada, da morte de seu pai. Ao mesmo tempo recebia licença de vir ao reino. Ursula cuidou alegremente nos aprestos da viagem. E o Arthur, sentimental:

— Vaes ser minha esposa na egreja

onde fui baptisado. Tem poesia isto, não tem?

Ora, se tinha! Que immensa poesia tinha aquillo! Casar-se na egreja onde tinha sido baptisado!

CONCLUSÃO

ARTHUR Tavares, desembarcando no Porto, hospedara-se na *Feira das Caixas*, hoje *Praça de Carlos Alberto*, no *Hotel-Pêxe*, hoje palacio do conde da Trindade. A lascarina, ama do Luizinho, enjoara muito, adoecêra e convalescia na cama. A creança resentira-se do leite dessorado da ama e desmedrara bastante. D. Ursula estava triste pelo abatimento do filho, e des-

illudida das fantasias deliciosas que se lhe prelusiram na viagem e na chegada á patria do seu amado. Atravez dos vidros baços das janellas, não via senão rimas de caixas e mêdas de cadeiras de pinho, feixes de engaços e bassouras com suas pás de lixo.

Defronte, um hospital com doentes amarellos á janella, de barretes brancos e cobertores ás costas; e pela rua o raro trajecto solavancado de um carroção arrastado por vaccas angulosas, com um recheio impenetravel de familias. A gôeza tinha saudades de Damão e do seu rio, da sua caza com açoteas espelhadas de sol e de luar, e o seu atrio florido a chover perfumes das copas por sobre os diwans de vêrga irisada de côres, da sua gondola com baldaquino franjado e da sua machila suspensa nas espaduas bronzeadas dos sudras. Ah! a *Feira das Caixas,* e ali ao pé os *Ferros-velhos!* aquillo comparado com a sua Azia... Que differença! que differença!

Ella não podia acompanhar o seu Arthur a Fermêdo; não podia deixar o menino nem leval-o doentinho pela humidade do Douro. Despediram-se muito consternados por poucos dias. Elle ia ver o que era feito da sua grande caza; saber se a mãe vivia; tirar as certidoens precisas para celebrarem as nupcias, quando o Luizinho e a ama restabelecidos podessem acompanhal-os á egreja. Depois, arrendadas as quintas, iriam para a capital, e de lá outra vez para a Azia. Tambem Arthur sentia saudades da sua romantica vida oriental — o rio, o escaler, a saphira do ceo, as caçoulas aromaticas da terra, namorada das ardentias do seu sol. Confrangia-se-lhe a alma quando, ao abrir de manhan a janella do seu quarto no *Hotel do Pêxe,* em vez de palmares indicos, topava de olhos com um acérvo de caixas de pinho empilhadas entre duas filas de cadeiras em sarilhos, e outras á volta com gallegos sentados, de carapuça,

saco e corda a tiracolo, a conversarem sornamente, como os sabios das academias, n'uma melancolia nostalgica.

*

Desembarcou Arthur em Pé-de-Moura, e, logo ahi encontrou o seu parente, o juiz ordinario Alexandre de Pinho a quem avisára de Lisboa. D'esta vez a carta não foi subtrahida. Os jornaes da capital tinham annunciado a chegada de Arthur Tavares, alferes do exercito ultramarino, entre os passageiros vindos n'um paquete inglez procedente da India. Sim, o *exercito portuguez ultramarino*, um exercito que lá estava e está a manutir a obra impavida dos Albuquerques, dos Castros e dos Almeidas por quem o Tejo ultimamente desatou a rir. O *Periodico dos Pobres,* muito lido pelos vigarios de Arouca e Fermêdo, transcrevêra a noticia, que alastrou por aquelles con-

celhos rapidamente. O desvio, pois, da carta, sobre ser inutil, seria perigoso.

O Pinho preparara hospedagem para o parente, e avisára frei Joaquim da Cruz Sagrada que pensasse na mais suave e menos escandalosa maneira de despejar da caza de Val-Redondo os dois conjuges que faziam companhia á douda, assenhoreando-se da administração. O egresso respondeu que a sua missão não podia ser ordenar o despejo; por quanto essas intimaçoens pertenciam ao poder judicial e não ao ecclesiastico. Que elle appareceria, levado de outro espirito, se o snr. Arthur lhe admittisse o voto nas suas deliberaçoens. Instado pelo juiz ordinario, prometteu ir lá jantar no dia da chegada de Arthur. Alexandre no transcurso da legua que tinham a percorrer até ao Reguengo, expoz ao hospede a cadeia de successos decorridos nos tres ultimos annos, e concluiu pelo cazamento do José Rato, immediato á escriptura de doação. O

alferes ouvira sem maravilhar-se os acontecimentos que a *Revolução de Setembro* lhe participára sem as reservas melindrosas do parente. A demencia da mãe pareceu contristal-o. O parente contára-lhe commovido as scenas tristes da louca a embalar o berço, a pedir o cadaver do seu filho. O cazamento do juiz eleito com a Dorothea aflorou-lhe aos labios um sorriso de compaixão sarcastica.

—Em todo o caso, disse elle, vou requerer no tribunal competente a expulsão d'essa canalha, e instaurar processo criminal contra os promotores da escriptura de doação outorgada por uma mentecapta. E isto hade ser depressa, por que já principio a sentir-me invadido até aos gorgomilos por uma onda de lama;—parece que me sinto sujo n'esta grande porcaria que aqui vai.

Observou-lhe o primo que o tribunal competente era elle, e para isso mesmo lhe ponderava que talvez fosse preciso, antes de

expulsar Dorothea e o marido da casa de Val-Redondo, provar a nullidade da escriptura pela demencia da doadora; e que esta prova, além das delongas, dependia da retractação ou da contradita das testemunhas que assistiram ao instrumento, assignado pelo vigario a rôgo da outorgante. Se as testemunhas e o tabellião insistirem em affirmar a capacidade de Balbina, anteriormente á data da doação, a escriptura está regular quanto á terça doada á sobrinha; e, n'esta hypothese, elle Arthur não poderia judicialmente esbulhal-a da posse da casa, em quanto a casa lhe não fosse adjudicada na partilha.

—Á vista d'isso, o mais summario é pôl-os fóra a chicote!—epilogou o alferes.

—Isso lá de chicote, primo—reflexionou o Alexandre—será bom pensal-o mais de espaço. Lembro-lhe que Canastreiros e Ratos é pessima gente, e que a desesperação até dos bons faz máos. Se é tenção sua

não se demorar por estes sitios, será possivel sahir-se bem da empresa violenta de os pôr fóra a chicote, com tanto que elles o não desconfiem; mas, a demorar-se ou a voltar aqui, dou-lhe conselho de amigo e parente que lance mão de outros recursos.

— Que quer então o primo Alexandre? que a deixe na posse tranquilla do que é meu, e que me retire?

—Não quero isso. Nós precisamos de uma terceira pessoa que nos indique o melhor expediente. Essa terceira pessoa é quem eu estou esperando. Lembra-se perfeitamente do frei Joaquim da casa do Penedo...

—Bem sei... um jesuita.

—Não. Fr. Joaquim era franciscano.

—Sim... quero dizer... um padre que trazia ahi uma caterva de beatas atraz d'elle. Aposto que minha mãe se confessava com elle?... Está explicada a demencia pelo fanatismo...

—Deixou de a confessar quando a conheceu em começos de alienação. Depois, sua mãe passou á direcção espiritual do seu parocho...

—Oh!... isso é que é jesuita na gemma!...

—Jesuita não: é muito peor—é bêsta, pelo que respeita a intendimento; e, no resto, como homem, é tambem bêsta, mas degenerada. Olhe que os jesuitas eram espertos, primo Arthur. Quando você quizer termos comparativos para burros não vá procural-os á companhia de Jesus, que vai errado. Tornando ao egresso, estou ancioso que elle chegue, e que nos ouça. Olhe que fui eu quem obstou a que fr. Joaquim impedisse a doação. Aqui veio o atribulado homem pedir-me conselho, e eu metti a riso os seus receios por me parecer incrivel que tres testemunhas e um pastor d'almas se prestassem a jurar a capacidade moral de uma mentecapta para dispor dos seus bens.

Já vê que o frade não só está innocente n'essas traficancias; mas até protestou contra ellas.

Fr. Joaquim demorava-se. Alexandre de Pinho mandou um creado com uma egua até encontrar o ancião que fazia muito de vagar as suas caminhadas.

A essa hora sahia elle de casa, onde se demorára com a Dorothea. Sahia triste, muito pensativo, n'uma introversão dolorosa.

A prima do Arthur, sabendo que elle desembarcara em Pé-de-Moura, e seguira com o Alexandre para o Reguengo, foi afflicta em demanda do egresso a pedir-lhe, debulhada em lagrimas, que lhe acudisse: que o marido estava resolvido a matar o Arthur, se elle o posesse fóra de casa; e que o pai, logo que soube que o primo estava em Lisboa, carregára um bacamarte, e dissera que o tinha prompto para festejar o seu parente, logo que chegasse, com uma

bala do peito ás costas. Lançou-se de joelhos aos pés de fr. Joaquim, e abraçou-se á irman do egresso, a pedir-lhe que rogassem a Deus que desse abalo ao coração do Arthur para que os não perseguisse.

—Não consultastes o vosso vigario a tal respeito?—perguntou o egresso ligeiramente ironico.

—Fui lá, sim, snr. fui...

—Que disse o vigario?

—Ficou passado, e o mais que disia era—esta só pelo deabo, esta só pelo deabo!—e mais nada. Depois, mandou dizer ao meu homem que consultasse um lettrado, e que se fizesse forte com a escriptura; e, em logar de lhe dar bons conselhos, disse-lhe que fosse homem, e que as mocas não se fizeram só para os caens. Ai, snr. frei Joaquim, que desgraça, se elles se matam uns aos outros!...

O egresso mandou-a embora,—que ia ver o que poderia fazer-se com o auxilio de

Deus, e sahiu a tempo que a egua e mais o creado de Alexandre apontavam no cotovêllo do caminho.

*

O alferes recebeu agraciadamente o padre, que o felicitou pela sua boa apparencia de saude — que o achava muito bom para quem tinha morrido no Brazil, e que não esperava ver de farda de alferes um guarda livros ressuscitado. Contou risonhamente a estafa que levou de brazileiro em brazileiro até descobrir que o defuncto Arthur era *Gonçalves* e não *Rodrigues*.

Depois de jantar, ao cahir da tarde, o Arthur fez signal ao primo que ventilasse a questão. Tinha pressa de ver a pendencia resolvida. Apertavam com elle saudades da Ursula e do filho. A melancolia do crepusculo da aldeia e das badaladas das Ave-Marias innoitavam-lhe a alma, como se a casa do primo lhe fosse um carcere. O egresso,

ao soar das badaladas do *Angelus,* erguera-se e, de mãos postas, resára mentalmente as tres *Aves.* Arthur mal se lembrava de ter, áquella hora, aprendido as oraçoens que a mãe lhe ensinára. Em casa do padrinho Hilario esses habitos obsoletos parece que estavam proscriptos.

Concluida a sua oração, o padre persignou-se, deu as *boas noites,* e disse a Alexandre de Pinho que estava ás suas ordens.

— Que a intenção de seu primo — expoz o juiz ordinario — era tomar posse dos bens herdados de seu pai, pelos meios regulares, inventario, etc.; mas que, antes d'isso, queria tirar de sua casa a familia que lá se introduzira fraudulentamente, prevalecendo-se d'uma doação nulla...

O relatorio foi longo, e reforçado por argumentos do Arthur aos quaes o egresso prestava um sentido attencioso em que translusia a desagradavel impressão que lhe faziam.

Concluida a exposição, frei Joaquim sentado, com as duas mãos sobrepostas nos joelhos, um pouco curvado, postura humilde que trouxera do seu convento, e se accentuára no habito do confessionario e da oração, disse com grandes pausas:

—Demorei-me em casa mais do que tencionava, por que tive de attender á pobre Dorothea que foi contar-me o que ella devia conjecturar das intençoens do snr. Arthur, conforme o snr. Alexandre acaba de expor. Quando Dorothea foi mãe de uma filha do snr. Arthur, e se viu obrigada a ir crear um filho estranho para poder alimentar a sua, fui eu que me offereci para vigiar a creança que ficava muito mal entregue. Dei-lhe assim á mãe coragem para que fosse, visto que o pai a ameaçava de lhe matar a filha, se ella a não engeitasse. De mais a mais, havia miseria, havia fome, e... emfim a sua posição de mulher perdida, a quem Deus pode perdoar, mas o mundo nunca

perdôa, se ella é pobre, como a Dorothea. Um homem, quando desgraça uma rapariga n'estas circumstancias, e a despe em publico para que toda a gente lhe corte a pelle com a vergasta da injuria, melhor fôra á deshonrada, e menos odioso fôra ao seductor, matal-a de vez, se ella tem de rojar-se na lama até cahir impenitente na enxerga do hospital... Snr. Arthur, hade ouvir-me com paciencia. Eu respeito os homens; mas não respeito os vicios. Sei que está prezente; mas a minha consciencia, tendo de o accusar, não o vê.

O primo de Dorothea fez um gesto condescendente de cabeça, e ouviu:

—A creancinha, filha do snr. Arthur, morreu debaixo dos meus olhos, quando eu já tinha obtido da snr.ª Balbina leval-a para a companhia de sua avó, tiral-a da palhiça pôdre em que estava para o berço em que fôra creado seu pae. Morreu, e eu agradeci ao Senhor leval-a. Dorothea, livre da

filha que era pelos modos o pregão permanente da deshonra de sua mãe, voltou para casa dos paes. Meditei e trabalhei em aproximal-a da snr.ª Balbina; pensava em salval-a de novos desastres; parecia-me que era um dever de sua mãe, snr. Arthur, proteger uma sobrinha infamada, e sem nodoa que a desdourasse antes da sua boa fé em acreditar que de amasia passaria a esposa; mas, a este tempo, a minha missão encontrou deante de si as trevas, a perda completa da rasão de sua mãe. Pode dizer-se que fui expulso da casa de Val-Redondo, não pela infeliz demente; mas por pessoas que a rodeavam e viam em mim um tropêço aos seus projectos. Chegaram a ameaçar-me de pancadas, se eu me intromettesse em negocios de familia. Estou bem certo que ninguem me espancaria; faço aos fortes a justiça de os crer incapazes de bater n'um velho inoffensivo de setenta e seis annos; mas não foi o medo que me demoveu: foi a inutilida-

de dos meus esforços. Logo que sua mãe insandeceu, todas as minhas diligencias a favor d'ella seriam vans, e as que eu fizesse a favor de Dorothea eram diversas das que se pretendiam. Alguem se prestou. Fez-se a doação, pela qual Dorothea obteve um marido.

Arthur, que o ouvira até aqui inalteravelmente sisudo, riu-se agora. Pareceu-lhe que *Dorothea, obtendo um marido por effeito da doação*, era uma passagem bastante humoristica, a desafinar da restante linguagem emocional do egresso. Fr. Joaquim, com a caixa do rapé aberta e os dois dêdos suspensos na attitude de colher a pitada, scismou um pouco no sorriso de Arthur, e, honra lhe seja, não o comprehendeu integralmente.

— Parece que se riu... de quê? — perguntou.

— É dos dois, do marido e da mulher; mas da doação é que eu verdadeiramente me rio. Minha mãe não podia doar... estava douda.

— É certo que estava douda. Não lhe chamemos, pois, *doação:* chame-se *esmola*, uma esmola feita a uma rapariga pobre, que tinha um dote, e o perdeu no jogo das paixoens com um parceiro que usou de fraude para lh'o ganhar. Uma esmola, não feita pela douda, mas por uma influencia mysteriosa, um imperscrutavel manejo da divina Providencia que se compraz em pôr o balsamo nas chagas que ficam sempre em aberto á conta de quem as abriu. Em fim, uma esmola, não feita pela douda, mas esmolada pelo snr. Arthur que permittiu se desse a sua prima uma parte pequena dos seus bens de fortuna para que ella obtivesse um marido.

Aqui, o alferes tornou a rir-se incorrigivelmente. Já agora era impossivel ouvir fallar, a serio, n'aquelle *marido obtido;* mas o bonissimo egresso, mal apercebido para intender aquelles risos que então se chamavam modernos, e que hoje todos os padres

conhecem tão bem como as suas mãos, prosseguiu:

O snr. Arthur decerto veio aqui para confirmar a esmola que sua mãe fez. Estava douda? não importa. Imagine que Deus concedeu á douda um instante de rasão para que ella beneficiasse, primeiro, uma filha de sua irman quando se dizia que seu filho era fallecido; segundo, uma sobrinha que fôra deshonrada por seu filho, sob promessa de uma reparação; terceiro uma boa e candida creatura que, na hora em que se planejava a morte do amante, lhe pedia que fugisse e a abandonasse, mas lhe não desamparasse a creança, se viesse a nascer; finalmente, uma esmola do snr. Arthur feita a sua prima que, ha poucas horas, prostrada a meus pés, me disia... nem eu sei o que me disia... devia ser talvez que viesse eu aqui tambem rogar-lhe que não tirasse a esmola a sua prima Dorothea, que lhe não disputasse esse bocado de pão que ella co-

me do que sobeja á grande fortuna do snr. Arthur.

E levantando-se, tremulo, com as lagrimas na voz:—Snr. Arthur, não tenho mais que pedir, senão que me perdôe, esta rudêsa de uma velha consciencia que não pode fechar-se, quando vai abrir-se o livro do supremo Juiz para lhe pedir contas.

O alferes apertou-lhe a mão com transporte, e, cofiando o bigode e a pêra:

—Pode dizer-lhe que a doação de minha mãe está valida.

O egresso abraçou-o commovido, e o Alexandre enthusiasmado:

—Bravo! bravo! muito bem!

—Uma reflexão, snr. frei Joaquim—ajunta Arthur—Retiro amanhã para o Porto. Meu primo Alexandre receberá procuração para correr com todos os negocios da minha casa. No acto das partilhas, será auctorisado a renunciar em meu nome qualquer direito questionavel á doação da terça.

Entretanto, desejo vêr minha mãe antes de partir; mas preciso vêl-a só a ella na casa de Val-Redondo.

*

No dia seguinte, o egresso esperava Arthur á porta da casa de sua mãe. Entraram juntos com o Alexandre de Pinho. Um silencio de casa abandonada. Apenas á entrada de um vasto salão onde havia caixas de cereaes, estava a creada velha que vira nascer Arthur. Elle reconheceu-a:

—Olá! Guilhermina, dá cá um abraço, minha velha!

Ella atirou-se-lhe ao pescoço, a chorar.

—Meu querido filho, meu querido menino, em que desgraça vem achar esta casa! Tenho pedido a Deus que me leve; mas o senhor não quiz que eu morresse, sem o tornar a vêr...

Ouviu-se então um cantar abafado, ao longe, e o rumor trepido e cavo do balou-

çar de um berço. A Guilhermina desprendeu-se dos braços de Arthur, e disse lastimosamente:—La está a desgraçadinha... É sua mãe a embalar o berço onde o menino foi creado...

E a voz da chorosa cantilena dizia:

Não sei que quer a desgraça
Que atraz de mim corre tanto!
Heide soffrer e mostrar-lhe
Que eu d'ella já não me espanto.

Arthur escutava. Parecia aterrado ou compadecido. Talvez remorsos. Seria tudo. Nas rugas da fronte sombria, a expressão da sua dor não accusava um bom sentimento de compaixão, estreme do pungir da consciencia.

Cessára o baloiço do bêrço. O egresso entrou á alcôva de Balbina. Ella recebeu-o silenciosa, a recordar-se, a recompor aquellas feiçoens quasi obliteradas na sua lembrança. Não o tinha visto, havia mezes. Julgava-o morto, e resára por elle.

— Venho trazer-lhe o seu filho — disse o padre.

— Cuidei que m'o não trazia nunca — respondeu Balbina, recordando que lhe havia pedido o corpo do filho morto para o sepultar no seu jazigo, e accrescentou: — Quero fazer-lhe um officio de cincoenta padres e missas geraes.

O padre pegou-lhe da mão, e sahiu com ella da alcôva. Arthur estava esperando entre o primo Alexandre que o animava e a Guilhermina soluçante com as mãos no rosto.

— Aqui está seu filho, snr.ª Balbina — e apontava-lh'o — Conhece-o? Aqui o tem vivo e gentil como era! — E pondo as mãos, o egresso orava: — Fazei o milagre, meu Deus! mandai um raio da vossa luz a esta alma escurecida!

A louca, muito de manso, n'um passo receoso, como a ter mêdo de um fantasma, abeirou-se do filho. Elle avançou para abraçal-a. A mãe recuava, a tremer, com as

mãos abertas, convulsas, a defender-se do contacto do espectro. Depois, approximou-se outra vez, vacillante, muito timida, e palpou-lhe o rosto com as mãos, uma em càda face, a acariciar-lh'as, sorrindo-lhe com meiguice, mas sem um gemido, sem um grito, sem lhe proferir sequer o nome.

—Não me conhece, minha mãe?—perguntou Arthur apertando-a ao peito com extrema ternura.

Ella retrahiu-se a fital-o, a fital-o, ora com um sorriso, ora com um assombro de pavor; mas não respondia.

Nas faces do filho rolaram então duas lagrimas. Era a primeira vez que chorava. Aquellas duas lagrimas eram dois diamantes, os unicos que sahiram n'um jacto de lama do volcão.

FIM.